

Papa quer estar às 23 horas em Roma

“Olá malta” disse ele aos jovens de Coimbra



O mau tempo que persiste em toda a faixa do litoral Norte de Portugal alterou o «timing» da visita do Papa ao Centro e ao Norte do País. Obrigado pelas más condições climáticas a andar de comboio, e não de helicóptero como inicialmente previsto, João Paulo II viu o seu programa substancialmente atrasado. O atraso verificado corre o risco de impedir o Santo Padre de estar às 23 horas de hoje em Roma onde, segundo uma fonte eclesial, «tem impreterivelmente de estar para assunto importante».

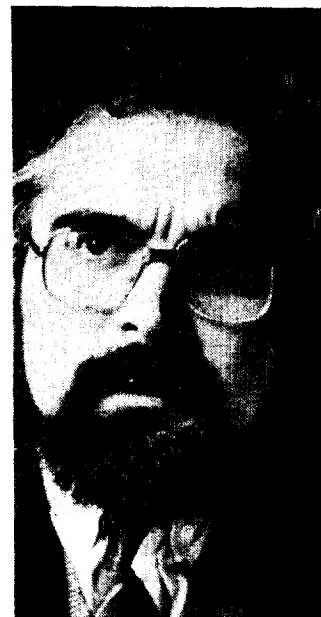
João Paulo II, que se dirigiu esta manhã aos estudantes de Coimbra com um «Olá malta!», antes de proferir na Universidade um discurso essencialmente voltado para a Cultura, seguiu depois para o Sameiro, na serra do Pilar, onde o aguardavam desde as primeiras horas de hoje milhares de peregrinos, na sua maioria espanhóis.

Depois do Sameiro, João Paulo II dirigirá-se ao Porto onde, na Praça Humberto Delgado, deverá proferir um discurso consagrado aos trabalhadores industriais.

Da Praça Humberto Delgado, o Papa irá directamente para o Aeroporto de Pedras Rubras onde embarcará, a hora ainda por determinar, no avião que o levará de regresso a Roma.

Entretanto, soube-se hoje que a Liga Operária Católica e a Juventude Operária Católica estarão ausentes nas saudações ao Papa, esta tarde, no Porto, por discordarem do nome que representará os trabalhadores portugueses: trata-se de Joaquim Reis, quadro da Petrogal. A discordância da JOC e da LOC tinha oportunamente sido comunicada ao Vaticano.

Págs. 11 a 13



José Magalhães
(PCP) ao «DL»

No reinado de D. Maria I foi proposta a despenalização do aborto...

Não ficarão na gaveta — assegura-nos José Magalhães, assessor jurídico do Grupo Parlamentar do PCP (futuro deputado da Assembleia da República?) a propósito dos três projectos de leis: Maternidade, Educação Sexual e Planeamento Familiar e Interrupção Voluntária da Gravidez.

Coube-lhe a investigação da legislação portuguesa e de Direito Comparado e José Magalhães — um nome da nova geração do PCP — chegou a 1789 e descobriu que, nessa altura, Mello Freire propôs a D. Maria I a despenalização do aborto terapêutico.

A Direita ficou desencantada, surpreendida e fortemente incomodada por esse conjunto de providências que dão uma resposta global — adiantou José Magalhães que considera os três diplomas indissociáveis.

Pág. 9

Detidos quatro suspeitos de tentativa de agressão

A Polícia de Segurança Pública deteve ontem à tarde, num hotel de Lisboa, dois cidadãos estrangeiros que ali se encontravam hospedados há cinco dias, sob suspeita de pretenderem atentar contra a integridade física de João Paulo II — soube o «DL» de

fonte não oficial. Também em Coimbra foi detido, ontem à tarde, um ex-padre de apelido Martins que fotografava os locais da Universidade hoje visitados pelo Papa. O ex-padre Martins é conhecido da Polícia por, há algum tempo, ter tentado, na Madeira, agredir o

bispo de Angra. Antes, outro suspeito de pretender agredir o Papa tinha também sido detido nas imediações da Nunciatura Apostólica em Lisboa, ao que parece quando ali tentava introduzir-se. A Judiciária garante que nada tem a ver com estas detenções, e a PSP

também não as confirma oficialmente, admitindo-se que venha a revelá-las apenas depois da partida de João Paulo II para Roma. As autoridades e o próprio Patriarcado entendem que a divulgação da tentativa de agressão em Fátima, na noite de dia 12, pode

ter «criado», por influência, novos agressores potenciais.

Esta presunção levará provavelmente as autoridades a manter o silêncio possível sobre detenções desta natureza, enquanto o Papa se encontra em Portugal.

Situação nas Malvinas

- Argentina reivindica afundamento de fragata
- Caças britânicos repelidos em Port Stanley
- ONU sugere retirada conjunta do arquipélago

Pág. 16

Hoje no Sete Ponto Sete

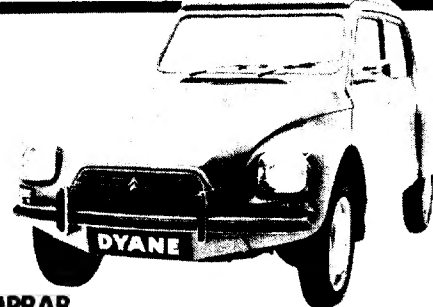
Um ano de Governo Mitterrand



Concurso «DL»/82

HOJE 22.º CUPÃO
e as páginas 43 e 44 do Álbum
Sempre Fixe

COMPARE A DYANE...



ANTES DE COMPRAR

Compare o seu conforto inultrapassável.
Compare o seu espaço interior e o espaço da sua bagageira.
Compare a sua magnífica estabilidade.
Compare a sua espantosa simplicidade mecânica e de condução.

PONTO POR PONTO A DYANE GANHA SEMPRE!

NO COMPARAR É QUE ESTÁ O GANHO!

ANTES DE COMPRAR

Compare o seu preço.
Compare a sua economia em combustível e em manutenção.

CONTO POR CONTO A DYANE GANHA SEMPRE!

CITROËN DYANE

Os "dez" preferem a Espanha

Consequências catastróficas para os países ibéricos se ingressarem na CEE

Os chefes dos governos espanhol e português têm procurado acelerar a entrada dos seus países na Comunidade Económica Europeia, fazendo este ano digressões pelas capitais dos "Dez". Neste contexto se insere a visita feita no princípio deste ano por Calvo Sotelo e por Balsemão a Bruxelas. O Primeiro-Ministro português visitou também Copenhaga, Luxemburgo e agora Bona.

Até onde se sabe neste momento, o dia 1 de Janeiro de 1984 é a data prevista para a admissão de ambos os países como membros da CEE. Tanto Lisboa como Madrid denotam uma grande pressa, afadigando-se em busca da aceleração das negociações. Por seu lado, os países da CEE aparentam, com maior ou menor entusiasmo, o desejo de fazerem ingressar Portugal e a Espanha no "club" e saúdam o alargamento do Mercado Comum à Península Ibérica.

Na República Federal Alemã, são só rosas: a coligação governamental, os partidos da oposição, o presidente federal — todos exorim a mesma opinião. Uma opinião que pode simbolizar-se pelas declarações produzidas pelo presidente Carstons em Setembro do ano passado, por ocasião da sua visita a Espanha: «A Comunidade Europeia está incompleta enquanto a Espanha não lhe pertencer».

Os argumentos ouvidos a favor desse alargamento giram todas a volta da "solidariedade democrática", da necessidade de colocar a Península Ibérica adentro dessa CEE que constituirá — sabe-se lá quando! — os Estados Unidos da Europa, nos planos político e económico. Trata-se de palavras que não custam nada a deitar da boca para fora. Mas atrás das palavras que se oculta? Que se passa afinal em matéria de alargamento numa «Europa dos Dez» mergulhada em profunda crise económica?

Os políticos oeste-alemães têm bem consciência dos problemas graves que o alargamento suscita. Estão bem alertados para eles, através de um estudo elaborado pelo Instituto de Investigações de Política Internacional e Segurança da Ebonhouse de Munique. Este instituto, não sendo uma organização oficial, tem grande importância no processo de formação dos pontos de vista do governo e dos partidos federais.

O estudo a que aludimos denomina-se «O incerto consenso europeu nos Estados Ibéricos» e debruça-se sobre os problemas políticos e sociais internos de Portugal e da Espanha, na perspectiva da entrada de ambos os países na CEE.

Eis alguns dos mais importantes excertos desse estudo:

A admissão de ambos os países ibéricos na CEE suscita uma vasta gama de dificuldades, tanto para a Comunidade como para os próprios países candidatos. Os conflitos políticos internos necessariamente serão agravados com os problemas decorrentes da integração na CEE, no contexto de crise da Comunidade em que essa integração se processará.

O que está, pois, primordialmente em jogo na questão do alargamento da CEE ao Sul não é propriamente a integração. A questão fulcral a pôr é esta: «a que meios efectivos pode a CEE recorrer para reduzir o mais possível os atrasos de desenvolvimento dos países candidatos e a instabilidade política decorrente desse atraso. A questão principal para o Sul não é, pois, a da rápida integração, mas sim, e com toda a prioridade, a de desenvolvimento.» (1)

Significa isto que, para asse-

gurar a «integrabilidade dos países ibéricos» — conceito-chave do estudo — se deve, através de uma influência directa nas economias nacionais dos países candidatos, criar uma situação tal que garanta os interesses da CEE, que consolide o seu poder económico e que dê segurança quanto aos interesses do futuro. É a esta luz que devem ser vistos os crescentes investimentos directos estrangeiros em Portugal: em 1981 esses investimentos totalizaram 11,6 mil milhões de escudos, o que equivale a um aumento de quase 50 por cento em relação ao ano anterior.

O caso EPAC

Os monopólios internacionais controlam, através das suas filiais, 75 por cento de sectores da indústria automóvel e a eléctrica. Para vermos bem como se pensa resolver o problema da «integrabilidade» de Portugal na CEE, ilustremos com o caso espectacular do negócio chorudo que se tentou (e continua a tentar-se) com a transferência da EPAC para as mãos de moageiros privados portugueses. Como todos sabem, detrás dos moageiros estavam as companhias norte-americanas «Continental Cargill» e «Nabisco» e o consórcio francês «Dreyfus». Com este negócio, o comércio de cereais ficaria quase inteiramente sob controlo estrangeiro. Para 4500 pequenas empresas isto representaria a ruína quase certa, para a população, além de uma alienação do património nacional, o negócio representaria uma vaga especulativa dos preços do pão e de outros produtos derivados dos cereais, preços sobre os quais deixaria de haver qualquer controlo.

Segundo o estudo que temos vindo a citar, os «principais atractivos que Portugal oferece aos investidores estrangeiros directos (...) são os baixos níveis salariais e sociais dos trabalhadores, bem como os seus reduzidos direitos laborais e portanto os baixos custos do trabalho em Portugal.» (2)

Os empresários estrangeiros não estão nada interessados em que esta situação mude: a mudança deste statu quo de modo nenhum tornaria Portugal mais «integrável». Os pequenos e médios empresários portugueses «ameaçados pela concorrência da Europa Ocidental e dos países do Terceiro Mundo, e dada a baixa produtividade das suas empresas, deviam compreender que os objectivos a prosseguir para eles são exactamente os de manter o mais baixo possível os padrões económicos, sociais e de direitos laborais dos seus trabalhadores.» (3) adverte o estudo com evidente regozijo.

Embora o problema dos investimentos directos estrangeiros em Espanha se coloque em termos diferentes, o estudo chega a uma conclusão semelhante: «A dependência extremamente elevada da economia espanhola face ao capital estrangeiro deve aumentar ainda mais no futuro para que o objectivo de competitividade ao mais alto nível de desenvolvimento possa ser atingido. Significa isto que, com a entrada da Espanha na CEE, as empresas estrangei-

ras que operam no país ficarão seguras de que podem reforçar as suas posições.» (4)

Barreiras alfandegárias

O desmantelamento das barreiras alfandegárias, com os seus prós e contras, deve ser examinado neste contexto. Até agora a indústria espanhola tem vivido à sombra de um elevado muro proteccionista. Mas depois da entrada na CEE, a Espanha não pode manter as barreiras alfandegárias em relação às importações providas do Mercado Comum, e, como as barreiras em relação às mercadorias providas da EFTA vão ser gradualmente levantadas, existirá entre a CEE e a EFTA uma zona de comércio livre. Daí que a Espanha tenha também de gradualmente aplicar o tratamento preferencial dado pela CEE às importações providas dos países desenvolvidos e tenha de abrir as alfândegas às importações de terceiros Estados como os EUA, o Japão, o Canadá, a Europa do Leste, aos quais terá de aplicar as regras tarifárias da CEE.

Quem é prejudicado por esta tão vasta abertura alfandegária? Embora tal situação crie novos problemas para as filiais dos grupos estrangeiros, são exactamente as empresas espanholas que sofrerão todos os rigores desta alteração das condições do mercado, uma vez que lhes faltam recursos financeiros, know-how e capacidade de marketing. O mercado interno será inundado de artigos providos dos países da CEE e que ficarão mais baratos do que se fossem fabricados em Espanha (ou, por maioria de razão, em Portugal).

O estudo deduz daí que se registará «um aumento das tensões entre a CEE e os países ibéricos». Claro que para estes problemas poderia haver uma solução: «a entrada meramente formal na CEE». Diz o estudo: «A plenitude da integração poderia ser bloqueada durante um longo período no tocante às regras alfandegárias, à política agrícola e ao comércio externo ou através de diversas restrições e adiamentos no tocante às regras alfandegárias» (5).

Mas tais perspectivas são um tanto alarmantes para a CEE. «Se as violações às regras do tratado de Roma fossem excepção, susceptível de ser absorvida por uma comunidade em bom funcionamento e próspera, então a entrada dos países ibéricos com a sua propensão sistémica para a fuga às normas comunitárias, poderia processar-se nos termos acima apontados. Mas no momento actual, em que se regista uma tendência para as considerações de ordem nacional se sobreporem às comunitárias, abrir tais excepções só viria agravar as tensões internas» (6).

Mas, segundo o estudo afirma resumidamente, «existe uma previsível incapacidade dos países ibéricos para se integrarem na CEE segundo as normas estipuladas» (7).

Para além do problema alfandegário — Outras zonas de conflito incluindo os do comércio interno e do investimento — existem outras questões que constituem zonas de conflito nas negociações. Trata-se sobretudo do problema agrícola e do vasto campo das preocupações sociais.

O estudo aborda de seguida os problemas que se levantam para Portugal e para Espanha no mercado agrícola. Eis algumas das conclusões:

«Portugal tem que comprar, os produtos agrícolas da CEE, que são mais caros. Se os comprar mais baratos fora da zona da CEE, o governo de Lisboa não guardará como até agora aquilo que tiver comprado, graças à aquisição por preços mais baixos: terá que compensar a CEE, enviando para os cofres de Bruxelas a indemnização por ter adquirido mais barato. Em consequência disto, os preços dos géneros alimentares subirão em Portugal entre 20 a 30 %...» (8).

«De acordo com o sistema de preços de CEE, os agricultores portugueses receberão pelos seus produtos não pecuários (sobretudo pelos cereais) um preço mais elevado do que pelo sistema português... Isto constituirá uma melhoria de rendimentos para eles. De qualquer modo isso não impedirá que os agricultores portugueses fiquem em desvantagem face aos seus colegas da CEE, pois, devido à baixa produtividade das suas empresas e às consequentes dificuldades de crescimento, não poderão competir com os dos países mais antigos da CEE, os quais, pelo seu lado, podem penetrar no mercado português armados da sua superior organização. Em face disso, a médio prazo as pequenas vantagens de preços decorrentes do sistema da CEE, serão de pouca ajuda».

«Em compensação, é inteiramente de arredar qualquer sensível aumento dos preços pagos pelos produtos pecuários, nomeadamente pelo leite. Do que se tratará não é de estabelecer um novo nível de preços, mas sim de fixar, através das negociações respectivas entre Lisboa e a CEE, uma diferente estrutura dos preços agrícolas. Deste modo, poderá mesmo acontecer que os agricultores portugueses venham a receber, depois da entrada na CEE, menores preços pelos produtos pecuários» (9).

«Os produtores agrícolas verão, na sua maior parte, os seus rendimentos amealhados com a entrada na CEE. Na sua maioria, e, devido à pequena dimensão das suas empresas, os agricultores portugueses dificilmente poderão aspirar a uma melhoria estável ou satisfatória da sua situação no mercado, a preencher as falhas de abastecimento do mercado português e a beneficiar das oportunidades de se expandir» (10).

Vendo as coisas em termos quantitativos, temos que a ruína ameaça entre 700 mil a 900 mil pequenos proprietários e rendeiros agrícolas, se Portugal entrar na CEE.

Os problemas da agricultura espanhola colocam-se de modo diferente, mas nem por isso deixam de ser complicados.

Os agricultores espanhóis produzem legumes frescos, fruta, citrinos, azeite e vinho em proporção muito superior à da procura nacional. Mas só 12 por cento dos legumes produzidos se dirigem à exportação. A Espanha, em relação a todos os produtos indicados, é uma concorrente que os seus parceiros futuros na CEE tomam muito a sério. Os governos de Paris, Roma e Atenas vêem grandes dificuldades na entrada desta concorrente e não sabem como explicar as coisas aos seus agricultores nacionais. Logicamente a França opôs-se durante muito tempo a que fossem travadas conversações entre a CEE e a Espanha sobre a reforma da política agrária espanhola a adotar em consonância com a política comunitária, enquanto a própria reforma da política agri-



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

AVISO

Torna-se público que a Assembleia da República em reunião plenária de 12 de Janeiro de 1982 resolveu, nos termos do n.º 1 do artigo 181.º da Constituição e da Lei n.º 43/77, de 18 de Junho, constituir uma Comissão Eventual de Inquérito (Inquérito Parlamentar n.º 10/II) com o objectivo de averiguar as condições de aquisição de aviões Boeing B 727/200 e Lockheed e venda de 4 aviões DC-6 Atlas Corporation, encontrando-se a referida Comissão disponível para, no prazo de 30 dias, a contar da data deste aviso, receber quaisquer contributos que lhe queiram dirigir, com vista à prossecução dos seus trabalhos.

Palácio de São Bento, em 10 de Maio de 1982.

O DIRECTOR-GERAL DOS SERVIÇOS PARLAMENTARES
(Raul Mota de Campos)

uma guitarra grátis

APRENDA GUITARRA

por correspondência Temos para si o Curso de Guitarra CCC que, em pouco tempo, o preparará para tocar este apaixonante instrumento. Trata-se de um Curso por pauta numérica — um método que dispensa as complicadas teorias musicais — completo, com lições e discos (ou cassettes). O Aluno recebe ainda Guitarra, sem acréscimo de preço, e fica com direito a assistência e a um magnífico Diploma no final do Curso.

CCC PORTUGAL EUROMÚDIO
Av. Manuel da Maia, 32
1096 LISBOA CODEX — Telef. 54 35 63

Deixe receber informações GRÁTIS e sem compromisso sobre o(s) curso(s) que assina:

☐ GUITARRA	☐ ESTÉTICA E BELEZA
☐ ELECTRÓNICA	☐ PUERICULTURA
☐ RADIO E TV	☐ CABELEIREIRO
☐ AGRICULTURA	☐ CORTE E CONFECÇÃO

Nome _____
Morada _____
C. Postal _____ Localidade _____

Continua na pag 6

2.º Album SEMPRE FIXE

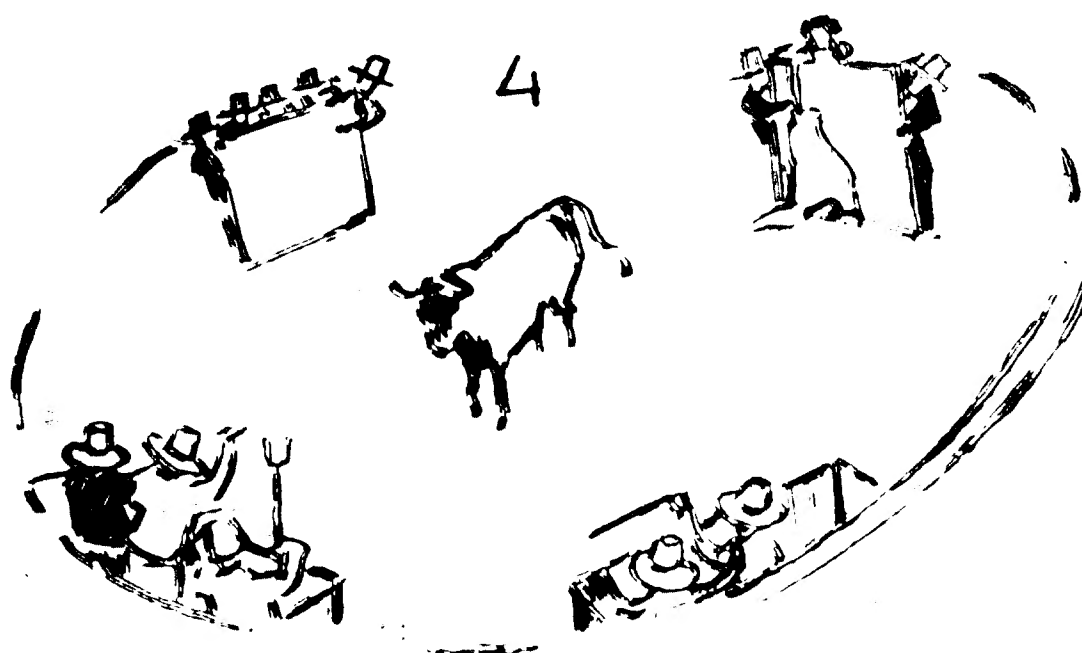
Uma corrida de beneficencia em Cascais



Como saiu do chiqueiro o 5.º touro

Um belo par de bandarilhas

Um touro bem enfeitado



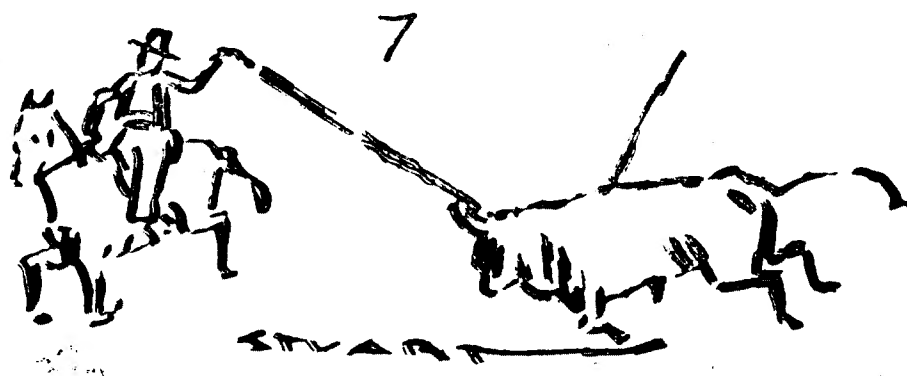
Moniz Pereira, citando «valientemente», do «burladero»

Jogando às escondidas, ou aos quatro cantinhos



Mascarenhas, preparando-se para matar o 7.º tuberculoso

Uma rija pega de Serra e Moura



Um ferro curtissimo... de Emidio Agular

GRUNDIG

GRUNDIG

GRUNDIG

RÁDIOS — TELEVISORES — ALTA FIDELIDADE — GRAVADORES — DITAFONES

DISTRIBUIDORES NO SUL — NACIONAL RÁDIO — CRUZ QUEBRADA

Concurso DL

43

2.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

Condescendencia e conveniencia



— Com que então, serao até às 10 horas da manhã?

— Sim, mãe, o patrão pediu-me tanto...



— Tenho um amante que me compra um chapéu todas as semanas.

— E onde mora ele?



— Que foi isso? Fôste atropelado?

— Não, andei a vêr as montras.



— Para sermos como os homens, ainda nos falta muita coisa.

— E a nós, para sermos como as mulheres, sobeja-nos ...

44



FORD TRANSIT

O veículo comercial que mais circula em Portugal



símbolo de robustez

Diário de Lisboa

Le Monde

Serviço Exclusivo

A esquerda e o tempo

Jean-Denis Bredin (*)

A direita manteve o poder durante quase um quarto de século. Estas amplas perspectivas serão interditas à esquerda, sempre condenada a apressar-se porque o tempo não é seu amigo? E os Franceses teriam organizado uma sábia repartição dos papéis entre a direita e a esquerda: à esquerda o tempo curto das grandes reformas, das mutações; à direita o tempo longo das gestões que põem as coisas em ordem? A esquerda as sacudidelas bruscas da solidariedade; à direita o serviço paciente dos recuos?

Claro que isto é uma caricatura. Não há para a esquerda a fatalidade do efêmero. Colocado sob a dependência do partido radical e de um charco centrista, a Frente Popular estava condenada, e já foi muito ela ter aguentado alguns meses. Mendès France era demasiado à esquerda para a sua maioria, maioria essa que estava demasiado repartida.

Hoje a instituição presidencial, a maioria socialista no Parlamento, dão a François Mitterrand possibilidades de duração. Cinco anos? Sete anos? E, em todo o caso, um tempo curto, se se pretende consolidar as mutações sociais, realizar um grande projecto cultural. A esquerda poderá olhar para o fim do século? Para bem servir este povo ela não deve perder tempo, não deve governar com desatenção, com risco de precipitar assim a sua partida. O que a obriga a não se deixar deslumbra por belas ilusões, e a olhar algumas verdades de frente.

E antes de mais a evidência que é o extraordinário conforto da profissão de oposição, quando essa oposição é de direita. A direita não precisa de ter um programa: basta-lhe querer expulsar a esquerda. A convicção programática, a fé no texto escrito são de esquerda e não de direita. Para mais, se é necessário um projecto para modificar o mundo, não é preciso projecto nenhum para gerir uma herança.

Manter aquilo que existe, consentir nas circunstâncias, nas evoluções irrestíveis, não qualquer mudança que não seja obrigada, é, tanto na vida de um povo como na vida das pessoas um projecto claro, que não se põe em decalogo.

A direita pode depois (outra comodidade), não olhar a meios para combater a esquerda. Até porque nunca pretendeu usar uma moral da acção política. A ideia de que os fins justificam os meios, de que o único critério é a eficácia da luta, sempre foi bem aceite pela direita. Uma concepção pessimista do homem — e da democracia — encoraja a acção sem moral, ou sem outra moral que não seja a do resultado. Podem dizer, e com razão, que a esquerda também tem tido políticos pouco sérios. Mas eles caricaturam-na ao servi-la. É a esquerda francesa e não a direita, que encara a política como uma ética. Assim, a direita pode ter a consciência leve e todas as armas, mesmo as piores, para desembaraçar a França desse... pior que seria a esquerda no poder.

Porque uma parte da direita, por vezes a mais poderosa, nunca aceitou a democracia quando ela pode conduzir a um governo de esquerda. Durante longo tempo a tradição nacionalista justificou uma tal exclusão. Judia, estrangeira, pacifista, soviética, segundo as épocas, a esquerda nunca era suficientemente francesa. «Pontos de podridão na nossa admirável raça», acusava Barrès, desig-

nando todos os apoios de Dreyfus. E interrogava o futuro: «Quando saberão os franceses reconquistar a França?». O grande medo dos possidentes, ou simplesmente a ideologia conservadora, envolveram-se gloriosamente no manto da pátria: expulsar a esquerda é um dever nacional.

Este dever justificou mesmo a traição: por uma parte Vichy e a colaboração explicam-se pelo traumatismo da Frente Popular.

E, sem dúvida, a sombra do comunismo sobre toda a esquerda deu novo fervor a essa excomunhão. Mesmo vinda através do sufrágio universal, mesmo muito respeitadora dos mecanismos da democracia, a esquerda continua a ser para muitos, usurpadora. Ela não tem o direito de governar a França. E, para a esmagar, todos os meios são inocentes. Como é evidente isto enfraquece o poder da esquerda: visto que ela não pode pensar nem agir, não pode mesmo defender-se, imitando a direita.

Contra a corrente

Com que pode a esquerda contar para resistir à inevitável usura do poder, e a forças hostis que nenhuma regra detém? Ela esperou principalmente, ao que parece, as vantagens das reformas empreendidas, os benefícios da «mudança». Ora é pouco provável que as grandes e pequenas aberturas feitas pela esquerda consolidem o seu poder.

Eles não são de molde a criar uma total concordância. Algumas reformas como a abolição da pena de morte, a restauração do direito de asilo, uma política penal atenta às liberdades, a melhoria do regime penitenciário, são, de momento, impopulares — as nossas mentalidades foram preparadas para tal — e só serão compreendidas à custa de uma longa e paciente pedagogia da liberdade. Tê-las empreendido e contra a corrente só pode honrar a esquerda.

Outras reformas como a descentralização, a nacionalização só podem ter efeitos perceptíveis a longo prazo, e, segundo o uso que delas se fizer. Habitados a só apreciar a acção política no imediato, os Franceses podem mostrar-se indiferentes a leis cuja necessidade e cuja fecundidade ainda não vêem. Resta o grande número das pequenas mudanças destinadas a lutar contra a crise e a reduzir as desigualdades. Serão encarados como transformadores da vida quotidiana? Não é certo. Toda a modificação dos equilíbrios sociais, mesmo bem inspirada, mesmo útil à comunidade, pode multiplicar os insatisfeitos. Aqui prejudicam-se os interesses. Ali fazem com que se perca as esperanças. Muitas vezes a evidência de uma medida de redistribuição está mais naquilo que tira do que naquilo que dá.

A lei sobre a habitação é exemplar: boa ou má ela será, em todo o caso, criadora de descontentamentos. Sim, a esquerda deve verificar, em seu detrimento, que uma política de reformas, mesmo prometidas, não é uma política popular: que um projecto de esquerda é, na melhor das hipóteses, uma longa paciência proposta a um povo impaciente, um crédito de confiança pedido a um povo muito desconfiado. E que tanto se gasta a fazer o bem como a fazer o mal.

Aqueles que mantêm a ilusão de que as reformas deviam for-

çosamente aumentar os votos propõem duas receitas: segundo uns eram precisas «mais mudanças», e segundo outros «menos mudanças». Debate-se à saciedade o bom ritmo que o carro do Estado podia adquirir para agradar aos Franceses.

Essa polémica pode espantar aqueles que são esmagados pelas dificuldades de uma vida que nem vida é: eles pedem desculpa pela pre-essa. Ela é sem solução num país longamente habituado à imobilidade, sacudido por uma crise económica que mete medo a todos, um país que vive o seu dia-a-dia, porque já não lhe são prometidos nem Deus nem a paz do mundo. Entre todos, de esquerda, e de direita, a mudança é a um tempo esperança e ansiedade.

O problema não está em pesar as reformas através do número do peso dos projectos nem apreciá-los pela sua rapidez. O problema está antes de mais no facto de a esquerda situar toda as suas acções num projecto coerente que ela governa sem agitação nem vaivém. A esquerda francesa tem inspirações muito diferentes: o socialismo romântico, o radicalismo, o marxismo, o sindicalismo operário, o espontaneísmo dos últimos anos. A dificuldade está em dar unidade a projectos muitas vezes diferentes e não realizar em pedaços que se juntariam, um patchwork de reformas que iriam servir vários desígnios inconciliáveis.

A sorte da esquerda está em François Mitterrand ter encontrado várias dessas tradições sem ser prisioneiro de nenhuma, e ter visto, para além das diferenças, aquilo que as esquerdas francesas tinham em comum:

projecto de conquista para cada mulher, para cada homem, de uma maior liberdade, de uma melhor dignidade. Programa muito vago, dir-se-á, e que dá lugar a muitas divergências? Projecto muito exigente, se reflectirmos nisso, que comanda uma ética rigorosa dos comportamentos quotidianos.

Uma iluminura

O socialismo francês não pode ser somente a promessa de um melhor nível de vida, de uma redução progressiva das desigualdades: o que a direita podia tentar, se fosse hábil sem deixar de ser ela própria. Não se trata essencialmente de uma adição de estatutos protegidos, destinada a dar a todos uma melhor segurança de vida, de trabalho e de saúde. Tanto como um projecto económico e social, ou mais ainda, o socialismo francês é um projecto cultural: tanto na oposição como no governo, uma elevação ao serviço da ideia mais elevada do homem. O que não é uma iluminura do discurso político.

Isto obriga a amar a liberdade de espírito, mesmo insolente, mesmo hostil. Isto obriga a uma pedagogia teimosa da verdade. Isto obriga a prescrever todas as baixezas do combate político, mesmo provocadas pela direita. Isto obriga a desconfiar dos prazeres e das vaidades do poder, fonte natural da corrupção. Isto obriga a agir tendo sempre em conta que os fins nunca justificam os meios usados. Porque a política é feita tanto de meios como de fins.

Sonhos de teórico? Utopia fatal no campo de batalha? Os velhos estrategas da política dirão que, com tantas exigências, a esquerda não se aguenta dez meses. Não têm decerto ra-

ção. E, antes de mais, porque a esquerda não teria razão para ocupar o poder se recomencesse a direita, com outros homens, outros fanatismos, outras hierarquias, mas com boas reformas.

Se não fosse um valor acrescentado na vida política, uma relação diferente entre governantes e governados, uma escola de democracia viva, a esquerda que governa não seria mais útil do que o era como força de oposição, obrigando, devido às suas lutas quotidianas, a direita a consentir em alguns progressos.

É sobretudo falso que a esquerda enfraqueça o seu poder mostrando-se obstinadamente fiel à sua ética. Uma minúscula maioria dos Franceses que votam talvez baste para conduzir uma política conservadora. Ela não permite, porém, realizar mutações essenciais e duráveis. A esquerda é vocacionada para reencontrar um amplo assentimento. São numerosos em França aqueles que os jogos políticos desconsolaram, enjoaram, e que se mantêm afastados da vida colectiva, embora votem. São pessoas que só esperam do casal, da família, de pequenas comunidades, da aventura individual, as razões de viver e a esperança na felicidade. Estarão mais à direita do que à esquerda?

Na verdade, a linha de separação entre esquerda e direita passa por todos nós: a maioria balança segundo as circunstâncias, os encontros, as estações da vida, entre o sonho e o interesse, o medo e a audácia, pensa em si própria ou ambiciona solidariedades. O socialismo tem que reunir todos aqueles a quem ainda não soube dizer nada. Não, claro está, ao duro nóculo da direita, aqueles que a ideologia, o ódio, a força dos privilégios afastam irremediavelmente, mas aos que votam à direita por pessimismo ou por inquietação, porque o seu estatuto social é muito frágil e também aos que não votam porque desprezam a coisa pública, mas que, no fundo de si mesmos nunca deixaram de ter o sonho de um mundo diferente em que a liberdade, a dignidade e a ternura dariam sentido e alegria à vida.

As melhores reformas não bastam para mudar uma sociedade. Elas também podem multiplicar os direitos adquiridos, os estatutos intocáveis, as corporações rivais, as hierarquias pesadas, os privilégios da cultura ou do poder, o reino arbitrário das «relações», tudo o que caracteriza a sociedade burguesa. Elas podem servir uma ideologia conservadora dando às pessoas o simples horizonte da defesa dos seus interesses. E poderia acontecer que a esquerda, tendo assegurado num ou em dois anos, aos mais desfavorecidos, um melhor nível de vida, a todos menos desigualdades, tendo reduzido o tempo de trabalho e aumentado o dos tempos livres, descobrisse, à custa, que fortaleceu a parte triorienta e mesquinha de todos nós: serviu, em nós, aquilo que nos leva para a direita.

Se o socialismo for capaz de chamar diariamente a melhor parte de cada um de nós, de desbravar os campos da inteligência, de solicitar a cada espírito livre, a imaginação aberta, o impulso fraternal, se se propuser arrastar consigo um povo finalmente voltado para a luz das solidariedades universais, é natural que o tempo também lhe seja atribuído.

(*) Professor na Universidade de Paris - I.

A paz à mercê do aventureirismo

Ulpiano Nascimento

1. A impotência do sistema para resolver a crise. Donde veio e para onde vai a crise do mundo capitalista?

A economia capitalista dita de mercado, onde domina uma certa iniciativa privada, reflecte milhões de pequenas e grandes decisões, representando por sua vez estas múltiplas e diversificados interesses de grupo, de classe e de regiões (acicatados pela maximização do lucro), promotoras de desigualdades económicas, injustiças sociais e de assimetrias regionais, em que a condição humana é, geralmente, esquecida.

Hoje, por todo o lado, institutos e centros de investigação económica e de ciências sociais e iniciativas de cientistas e técnicos de grande valor, esgotam-se em esforços para diagnosticar o processo da crise, a fim de conterem as dificuldades que impedem o desenvolvimento económico e de apresentar a terapêutica adequada para que se possa fazer relançar as forças económicas, agora bloqueadas e sem perspectiva à vista.

Mas tratar-se-á somente de uma simples crise cíclica, de conjuntura?

Para já, trata-se de uma crise que se prolonga assustadoramente para além dos limites a curto prazo, que encheu todos os anos de 70 e entra, ante a impotência do sistema, nos anos de 80, com mais desemprego, mais inflação, mais estagnação económica e ameaças à Paz no mundo.

Da parte dos países industriais, ricos, assiste-se ainda, para se aliviarem da carga da crise, transferirem os seus males para os ombros dos países do Terceiro Mundo, daqueles países que foram e são alimento do seu desenvolvimento e do seu poder e que esperavam agora com a Nova Ordem Económica internacional, recém-formulada, libertarem-se desses domínios económicos e políticos, que aqueles países souberam estabelecer durante o colonialismo e no actual neocolonialismo.

Ai, impuseram os herdeiros do antigo poder colonial governos de sua confiança, certamente impopulares, como são exemplos vivos os do Chile, Paraguai, Haiti, Guatemala, Honduras e El Salvador, Paquistão, Turquia, Egito, Israel, Marrocos, Arábia Saudita, Somália, Coreia do Sul, Filipinas, Malásia e África do Sul, com o seu odioso «apartheid», condenado pelo mundo inteiro.

2. São notórias as fricções, entre os países capitalistas.

Crise que penetrou fundo na «harmonia» da falhada estratégia trilateral (USA-CEE-Japão), liderada pelos Estados Unidos e que protegia o bloco dos países industriais, mas que com cuja dinâmica e lógica de crescimento os seus interesses começaram a confrontar-se em certas áreas de actividade, como na luta de mercados, nas fontes de energia e de matérias-primas, nas relações monetárias e cambiais, na exportação de capitais e de tecnologia, etc., para o que o líder, rompendo com compromissos liberais tomados com os seus pares e em defesa do seu império, estabeleceu unilateralmente práticas proteccionistas nas importações, valorizou o dólar, fez subir as taxas de juros, etc.

São os casos da Alemanha e do Japão particularmente e de alguns centros industriais periféricos como São Paulo, Hong-Kong e Seul, que se lançaram na produção intensiva e massiva de bens e de forma tal que o ascendente que até aqui disfrutava a América do Norte, como centro produtor de alta competição, foi perdido em relação a certas actividades onde o elevado grau de competitividade daqueles, gerando os primeiros incidentes de percurso de uma caminhada que promete ser agitada.

Embora, guardando as aparências, já não é possível hoje iludir as contradições existentes, que surpreendentemente degradam as relações amigas entre os países do mundo capitalista, os quais entre si lutam com unhas e dentes na defesa dos seus interesses ameaçados e privilégios conquistados.

Este mal-estar internacional e o clima de disputa entre estes países, não se verificavam há anos atrás.

Estes desentendimentos e tensões, que já não escapam ao homem da rua, transvasaram, marcados por certa virulência, para o Terceiro Mundo e comunidade socialista através de provocações de todo o género, de medos e insegurança, a que levou e leva as nações a armar-se, embora para tal se tenham de endividar com a importação de canhões, bombas, tanques, aviões, etc., em prejuízo manifesto da produção e consumo locais.

O que se passa afinal não é mais do que uma forma dos países industriais capitalistas, em particular os USA, de obrigarem os países do Terceiro Mundo, ameaçados, a pagarem a crise daqueles.

3. A guerra como solução da crise

Neste quadro receia-se que certos exemplos do passado e factos históricos interpretados segundo uma óptica burguesa, frutifiquem e alientem determinados governos, na defesa de interesses de classe a ver nas tensões internacionais e na guerra a solução para os seus problemas.

Efectivamente, se se traçar uma curva das recessões e crises económicas registadas nos últimos setenta anos, e se se traçar uma outra representando os conflitos armados, também referidos a esse mesmo tempo, verifica-se, comparando-as uma certa relação de causa e efeito, que vai desembocar depois em período de calma...

Paul Sweezy na companhia de outros economistas pensam e recebem isso (1).

Simplemente, no presente, a guerra que se desencadear ao nível das superpotências seria muito diferente e por certo a última, porque os meios de destruição e a natureza atómica dos mesmos, acumulados nos arsenais dessas potências, poderiam, num ápice, estoirar com três mundos iguais à Terra.

Por essa razão, as superpotências conscientes do poder destruidor que detêm nas suas mãos, estabeleceram entre si o equilíbrio deste potencial de terror, a fim de evitar a hegemonia de um país sobre o outro neste campo.

Essa situação de equilíbrio entre as duas superpotências.

Continua na pag 8

Expressamente confidencial

- **Não foi confirmado, nos meios ligados à presidência do C.D.S., que a família do doutor Diogo Freitas do Amaral tenha sido sempre contrária à criação do concelho de Vizela.**
- **Por se encontrar de visita à República Popular da China, o general Melo Egídio não teve possibilidade de concluir um novo documento político-militar. E não tem fundamento a informação de que pretendia aconselhar-se em Pequim sobre a metodologia da «revolução cultural» e a eliminação do «bando dos quatro».**
- **O engenheiro Angelo Correia não dirigiu pessoalmente, como tinha sido anunciado, o serviço de protecção distante a Sua Santidade João Paulo II. Também não parece provável que venha a aceitar convites que lhe têm sido dirigidos para a hipótese de deixar o Governo. Diz-se, cerca do MAI, que não insistirá nas actividades policiais de segurança e que vai dedicar-se à ficção policial.**
- **Fala-se, na Gomes Teixeira, numa crise mística e numa exaltação literária. Mas o dr. Francisco Balsemão considera-as, uma e outra, confidenciais e reservadas. Ainda tem esperança de que tudo volte à normalidade.**
- **O ministro da Cultura teria mandado estudar a possibilidade de uma edição crítica das «Cartas do Primo Basílio». Trata-se de uma série de textos pós-queirozianos em que a prima requestada foi substituída pelo primo admirado. Sabemos que a revista do «Expresso» não se interessou pela publicação desta correspondência.**
- **Está em preparação a constituição de uma associação dos antigos membros do P.S.D. Será uma espécie de liga dos antigos «sociais-democratas» desenganados e desiludidos — segundo uns; segundo outros — uma associação de resistentes ao C.D.S.**
- **O professor André Gonçalves Pereira não retomará em Junho, como chegou a ser anunciado, o seu curso na Faculdade de Direito em Lisboa. Não se confirmando a sua demissão até ao final de Maio, consta, todavia, que, após esta fatigante permanência no Palácio das Necessidades, precisa de férias. Tanto mais que durante o cruzeiro nas Caraíbas foi vítima de várias consultas e obrigado a despaçar assuntos urgentes. Não repousou, como necessitava e merecia. Até os charutos lhe faltaram em pleno mar.**

Capitão Duran Clemente não se desligou das FA

Afastado compulsivamente das Forças Armadas, no rescaldo dos acontecimentos do 25 de Novembro, o capitão Duran Clemente viu recentemente um órgão de comunicação nacional afirmar que ele se desligara das Forças Armadas por estar agora a trabalhar numa empresa civil.

Perante tal notícia, que não se afigurava como correspondendo por inteiro à verdade dos factos, o «DL» contactou círculos próximos daquele oficial no intuito de esclarecer a real situação da-quele oficial.

De acordo com o que se conseguiu apurar «o que acontece é

completamente diferente». «Tendo estado compulsivamente afastado das FA, Duran Clemente recorreu à sua formação profissional e fê-lo no sentido de uma cooperação séria com os novos países africanos de expressão portuguesa» — revelaram-nos as fontes contactadas.

E num esclarecimento mais amplo: «O ano passado, o Supremo Tribunal Militar decidiu a reintegração de Duran Clemente. Tal decisão, porque esperada há muito tempo, e muitas vezes, acabou por se tornar

numa *decisão inesperada* para aquele oficial. Daí que o mesmo se visse obrigado a equacionar as questões que se prendiam, por um lado, com os compromissos anteriormente assumidos (com entidades dos países onde estava actuando) e, por outro, não romper com as FA».

Segundo as fontes contactadas, a decisão tomada por Duran Clemente acabou por ser a seguinte: «meteu um requerimento no sentido de obter uma licença ilimitada por um ano, o que lhe permitiu não cortar abruptamente com os trabalhos que decorrem das responsabilidades

assumidas e poder regressar às fileiras após um ano».

Ainda de acordo com as mesmas fontes, o requerimento de Duran Clemente foi enviado ao chefe do Estado-Maior do Exército, em 29 de Março de 1982, com um pedido de licença ilimitada a partir de 15 do mesmo ano.

Lembre-se que o capitão Duran Clemente é actualmente chefe do projecto de implementação do estudo de reorganização do Ministério das Finanças da República da Guiné-Bissau.

Um esclarecimento

Militar chinês salienta

“Convergência” sino-portuguesa na “defesa da paz mundial”

A «convergência» de Portugal e da China «na defesa da paz mundial» foi ontem salientada, em Pequim, pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas chinesas, Yang Dezhi.

«Apesar de Portugal e a China terem regimes sociais diferentes, existem entre ambos muitos pontos comuns», referiu Yang Dezhi durante um banquete oferecido ao chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas portuguesas, general Melo Egídio, actualmente a efec-

tuar uma viagem de 12 dias à República Popular da China.

O chefe do EMGFA, que já se deslocara República Popular da China quando governador de Macau, salientou também a convergência dos militares portugueses e chineses na defesa da paz e declarou que as dificuldades actuais são provocadas pelas «superpotências».

Melo Egídio teve ainda ocasião de referir que seguia com particular atenção a política de Pequim e relacionou dois aspectos: o desenvolvimento interno e a defesa da paz mundial.

Ainda o 1.º de Maio do Porto

Jovem baleado teve ontem alta

PORTO, 15 — O jovem João Carlos Pereira de Sousa, baleado durante a carga policial da madrugada do 1.º de Maio, teve ontem alta do Hospital de Santo António. João Carlos encontrava-se na enfermaria de cirurgia vascular, desde que fora operado, naquela mesma madrugada. A bala, que está ainda alojada junto ao fémur, na zona da virilha, deteriorou, à passagem, uma artéria e uma veia.

João Carlos, de 15 anos, era o último dos feridos daqueles incidentes que se encontrava ainda internado. Tinha sido atingido a tiro quando fugia, juntamente com um irmão, o Eduardo, na Praça de Almeida Garret. O

outro cidadão que também esteve internado Maria Emília Soares, de 26 anos, obteve alta na passada segunda-feira, depois de lhe ter sido retirada a bala de nove milímetros que lhe havia estrangulado o baço.

Em contacto feito esta manhã para a casa do João Carlos, sabemos, pela voz da mãe, que ele se encontra ainda «muito mal». «Está muito fraquinho e não anda bem» — disse ela ao «DL». João Carlos perdeu muito sangue.

Quanto aos muitos livros e ao rádio transistor que a família Eanes lhe mandou nem sempre a vontade é muita para lê-los ou ouvi-los...

Os «dez» preferem a Espanha

Continuação da pág. 2

coia da CEE não estivesse concluída. No entanto, prosseguem em Bruxelas as negociações bilaterais com a Espanha (muito embora na própria CEE só ainda se tenha chegado a um acordo de princípios quanto a política agrícola comum). Os agricultores franceses do Sul começaram já a fazer as suas exigências: não atacam apenas os contentores cheios de vinho italiano, mas também as camionetas com os legumes espanhóis.

A Espanha tem necessidade de importar cereais, sobretudo milho, para fins alimentares, bem como carne de porco e de vaca. O atraso dos padrões de produção da agricultura espanhola em relação aos que vigoram na CEE é particularmente sensível neste domínio, e as pequenas fazendas da Galiza, dos Montes Cantábricos e da Espanha Central terão que contar com uma concorrência mais dura e bem estruturada da parte dos futuros par-

ceiros. A fim de vencerem este atraso, vão ser postas em execução as medidas já programadas de «redução de pessoal excedentário na agricultura».

Falando em termos claros, vão ser lançadas mais candidaturas a emprego no sector superlotado da indústria, o mesmo é dizer que vai ser aumentado o exército de reserva de mão-de-obra. Deste modo, agrava-se o problema número um: o desemprego. Tanto a Espanha como Portugal têm este flagelo, que, como se sabe, aflige — e muito — a CEE no seu conjunto. Segundo declarações do ministro espanhol do Trabalho, em 1982, o número de desempregados em Espanha ultrapassava os 1,7 milhões, o que equivale a 13,8 por cento do total da força de trabalho. Um ano antes eram 1,4 milhões os que procuravam emprego. Mais de metade eram jovens com idade inferior a 24 anos: muitos deles continuam em busca de trabalho e outros só arrajaram

trabalhos irregulares e a tempo parcial.

E esta roda infernal não pára. Nos anos mais próximos e em consequência da projectada entrada na CEE, o sector em crise mais importante do país será posto de rastos. De facto está programado para o ano que vem a diminuição de, pelo menos, 43 mil postos de trabalho nas indústrias têxtil e de confecções no âmbito de um rigoroso programa de «racionalização» e «licenciamento do pessoal excedentário». Na Catalunha, onde se concentra 70 % de todas as empresas têxteis do país, tal decisão constituirá uma verdadeira catástrofe regional. Através deste processo de «racionalização», espera Madrid manter, como membro da CEE, a sua competitividade neste sector industrial. Mas o certo é que a França, a Grã-Bretanha e a Grécia já decretaram praticamente em Bruxelas que deverão manter-se retrições ao comércio de têxteis

com a Espanha e Portugal durante alguns anos, mesmo depois da entrada de ambos os países na CEE. Como é evidente, nem Madrid nem Lisboa se sentem nada animados com estas perspectivas.

No caso português, a indústria têxtil, que contribui com 28 % para o total das exportações é o ramo mais importante quanto aos trabalhadores que emprega: cerca de 200 mil pessoas vivem dessa indústria. Mas voltamos à velha história: para poderem suportar a concorrência estrangeira, essas empresas têm de ser «reestruturadas», diminuindo o número dos postos de trabalho. Para dificultar as coisas, acontece que 80 % das empresas do ramo empregam menos de 50 pessoas e têm assim um baixo nível de produtividade. Só da primeira assentada mais de 60 mil trabalhadores têxteis — isto é um em cada três — perderão o seu ganha-pão. Também em relação a Portugal está já em estudo um plano de reestruturação, supervisionado por peritos da CEE, para adaptar a indústria têxtil portuguesa às normas vigentes no Mercado Comum.

Em suma, são bem pouco cor-de-rosa as perspectivas para os trabalhadores têxteis, para os cerca de 500 mil desempregados que Portugal já conta e — vendo agora as coisas com as dimensões do Mercado Comum no seu conjunto — para os mais de dez milhões de pessoas em busca de trabalho nos dez países da CEE.

O estudo da Ebenhause resume quase com uma lógica impecável a situação de Portugal e da Espanha face à CEE. «A grave crise económica que se vive nesses países será cada vez menos ultrapassável mediante reformas e estratégias de correcção com vista à integração de Lisboa e Madrid na CEE, pois «essas reformas a médio prazo implicarão graves riscos para a própria sobrevivência da esmagadora maioria dos cidadãos desses países e para os seus próprios postos de trabalho» (11).

A emigração

As tentativas de canalizar algum desemprego para a emigração deparam também com sérias dificuldades. E isto não se deve apenas à elevada taxa de desemprego existente na área da CEE. As negociações ainda não conseguiram sanar as divergências quanto à livre circulação de trabalhadores estrangeiros e quanto às prestações da previdência para as famílias dos emigrantes. No caso português, a solução a encontrar deve ser semelhante à que se fixou para a Grécia: a livre circulação dos emigrantes portugueses só deverá ser garantida após um período transitório de sete anos.

Quanto à previdência, há quase dez anos que se procura em vão uma solução comum para o problema. Tende-se para que seja o Estado empregador aquele que fica com obrigação de pagar os subsídios aos familiares do trabalhador.

A tese básica que se pode concluir deste estudo sobre o «incerto consenso europeu nos países ibéricos» é a de que a principal questão a debater não é a da **integração**, mas sim a do **desenvolvimento** de ambos os países. Conclui-se ainda que o «desenvolvimento», segundo o receituário da CEE, em vez de contribuir para amortecer os conflitos sociais, económicos e regionais, só contribuirá para os agravar ainda mais. A integração no Mercado Comum, segundo a estratégia de desenvolvimento da CEE, revela-se assim um processo cheio de incógnitas.

«Um problema fundamental da estrutura socioeconómica tanto em Espanha como em Portugal — mas que neste último país se coloca ainda com maior gravidade — reside nos grandes contrastes em matéria de desenvolvimento e prosperidade existentes tanto na economia como na própria sociedade. Daqui decorrem, como o estudo demonstrou, os riscos de uma política de integração a médio prazo, porque se afigura impos-

sível satisfazer todos os objectivos económicos e comunitários no quadro de uma adequada política de integração. Pelo contrário é de recear que cada política concebível discrimine fortemente algum importante sector e desse modo reduza as suas possibilidades de integração a médio prazo. Este problema é ainda por cima agravado pelo facto de as desigualdades terem, em muitos casos, uma forte coloração regional, de tal modo que aos conflitos sociais se vêm agregar os conflitos regionais» (12).

Evidentemente que tanto na sede da CEE como noutros locais se está na disposição de assumir os riscos da entrada da **Espanha** no Mercado Comum. A visita que Calvo Sotelo fez às capitais do Norte em Janeiro resultou, pelo menos, na participação da Espanha na Comissão Política Europeia. E o ministro dos Negócios Estrangeiros de Bona, Hans-Dietrich Genscher, já em 11 de Março, defendia perante o Parlamento Federal uma rápida admissão de **Madrid** no Mercado Comum. Todos os parlamentares ocidentais alemães devem cooperar, afastando as possíveis objecções que tenham quanto à admissão desse 11.º membro.

Com Portugal, porém, nada disto se passou. A integração de Portugal não está tão metida nos «corações» de Bona. Porquê? Será que a Espanha é mais «integracionável» que o seu vizinho do Ocidente ou será que Madrid tem nas mãos um grande trunfo: ligar a admissão na CEE à sua entrada na NATO?

Notas: 1 — Der unsichere Europäische Konsens in den Iberischen Ländern: Forschungs-Institut für Internationale Politik und Sicherheit: Ebenhausen bei München, Janeiro de 1981, pág. 22

2 — Ibid, pág. 70
3 — Ibid, pág. 70
4 — Ibid, pág. 138
5 — Ibid, pág. 14
6 — Ibid, pág. 14
7 — Ibid, pág. 15
8 — Ibid, pág. 81
9 — Ibid, pág. 82
10 — Ibid, pág. 85
11 — Ibid, pág. 10
12 — Ibid, pág. 101

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE CONSERVAS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

Nos termos do disposto no Artigo 31 alínea J) dos estatutos, convoco a assembleia-geral do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Conservas e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal, para reunir, em sessão extraordinária no dia 2.6.82, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Deliberar sobre a fusão do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Conservas e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal, com o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Conservas e Ofícios Correlativos do Centro e com o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria Alimentar de consequente criação do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Conservas do Centro e Sul e Ilhas.

2 — Aprovação dos estatutos e seus regulamentos do Sindicato resultante da fusão. Os horários de votação e locais serão indicados oportunamente.

NOTA: O projecto de estatutos a submeter à aprovação da Assembleia Geral elaborada pela direcção encontrar-se-á à disposição dos associados na sede do Sindicato e foi distribuído a todos os trabalhadores.

Qualquer associado que pretenda apresentar proposta ou propostas de alteração deverá fazê-lo até ao próximo dia 25.5.82, a fim de permitir a sua reprodução prévia para apreciação e deliberação na Assembleia-Geral.

Setúbal, 14 de Maio de 1982

O Secretário da Assembleia Geral

“Governo faz aproveitamento da visita político do Papa”

— afirma Cunhal em Portimão

A defesa de eleições legislativas antecipadas antes da revisão constitucional foi um dos temas dominantes da intervenção que Alvaro Cunhal fez a noite passada em Portimão, no decorrer de um comício promovido pelo PCP.

A visita do Papa foi naturalmente referida pelo dirigente comunista, que acusou o Governo e a imprensa que lhe é afectada de terem transformado a visita de João Paulo II num «acto político», apesar de o Patriarcado a considerar «eminente religioso». Reafirmou, entretanto, o respeito dos comunistas portugueses pela visita do Sumo Pontífice e rebateu acusações feitas à geve geral do passado dia 11, sublinhando o cuidado das estruturas sindicais em não afectar a viagem dos peregrinos para Fátima e a cobertura noticiosa.

Tal como domingo passado, na Cova da Piedade, Cunhal acentuou o comportamento ambíguo e inconsequente do PS em matéria de alianças. Referiu o caso mais recente das comemorações do 25 de Abril: «Enquanto Jaime Gama na Assembleia da República estava com a direita, Manuel Alegre, no Rossio, solici-

tava a unidade de esquerda».

Criticou ainda o facto de os dirigentes do PS apenas defenderem eleições antecipadas depois da revisão constitucional.

O secretário-geral do PCP denunciou, por outro lado, as tentativas da AD de alteração da lei sobre as eleições autárquicas e responsabilizou de novo o Governo, particularmente o ministro Ângelo Correia, pelos acontecimentos do 1.º de Maio, no Porto, que vitimaram dois trabalhadores.

Vencimentos dos deputados

Noutro ponto da sua intervenção, e a propósito do trabalho parlamentar do PCP, Alvaro Cunhal referiu que os 39 deputados comunistas contribuem com dez mil contos para os cofres do partido durante o tempo do seu mandato.

Essa quantia — explicou — é a soma das contribuições referentes à diferença entre o ordenado que cada deputado auferia antes de ser eleito e o que passou a competir-lhe como membro da AR.

Trata-se do único grupo parlamentar a seguir tal norma em Portugal.

João Jardim no “Jornal da Madeira”

Revisão constitucional “na orgia cega...”

«Na orgia cega da revisão constitucional, os dois terços que o regime democrático necessita para alterar o sistema, poder salva-lo, apenas não são reunidos porque existe gente a colocar os interesses partidários acima dos interesses do povo e do Estado» — afirma o presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim, num artigo no **Jornal da Madeira**.

O sistema constitucional vigente não tem possibilidades futuras de salvar o regime — sublinha João Jardim. **Colaboracionismo** é a expressão utilizada por Alberto João Jardim para classificar algumas **vôzes** discordantes do seu próprio partido (Santana

Lopes, Helena Roseta, Natália Correia, etc.).

Se os comunistas continuam a pressionar, estão no seu papel — prossegue — agora que dos sectores partidários democráticos surja colaboracionismo com os comunistas, isso brada aos céus».

Acrescenta que «há que pedir contas a um poder político que se mostra incapaz de esclarecer e apontar as verdadeiras causas e os responsáveis pelo Estado de coisas a que se chegou, em vez do lamurioso estéril e ridículo e da conspiração como «hobby».

«Necessitamos, sim, de um executivo forte, célere e eficiente» — afirma.

Dizendo-se contrário «à ruptura defendida por aqueles

que dizem que a Constituição deve ficar na mesma, já que não se conseguiu a mudança do sistema». Jardim adianta que «curiosamente, estas vozes que vêm dos sectores mais conservadores, acabam por coincidir com teses do Partido Comunista».

O presidente do Governo Regional da Madeira declara que «uma ruptura, quer para a esquerda, quer para a direita, para além de não interessar à maioria dos portugueses, significaria o fim do regime democrático».

«Sem democracia não há hipótese de sobrevivência das autonomias insulares, o objectivo tem, pois, de continuar a ser — conclui — defender o regime democrático, mudar o sistema constitucional».

Soares não vê razões para insatisfação de Eanes

«O sr. Presidente da República não tem razões nenhuma para estar insatisfeito» — disse o secretário-geral do PS, Mário Soares, ao semanário «Expresso», a propósito das questões levantadas em Belém e no seio do próprio partido, relativamente às negociações que levaram a cabo com Balsemão e Freitas do Amaral sobre a revisão constitucional.

Para Soares, «os acordos que havia a fazer estão feitos e não há razões para recuar mais». Considera ainda o dirigente do PS que os citados acordos mantêm o regime semipresidencial do regime.

Recorde-se que da cimeira Soares-AD resultou consenso para um Tribunal Constitucional de base parlamentar (!) e o fim da responsabilidade política do Governo perante o PR.

Revista das revistas

Cultura portuguesa

Revista bimestral do Secretariado de Estado da Cultura dirigida por Afonso Botelho, João Palma Ferreira e Lima de Freitas, N.º 2, Janeiro-Fevereiro, 1982. No sumário deste número: **Efeméride: D. Duarte** — «O ABC da Lealdade» por Afonso Botelho, «D. Duarte do Sotil Entender» por Pinharanda Gomes; **Autor: Mário de Sá Carneiro** — «Alma», original em um acto de Mário de Sá Carneiro, e António Cardoso Ponce de Leão; Nota Introdutória a «Alma» de Luís Francisco Rebello; «Mário de Sá Carneiro e a Expressão do Teatro» de Maria Aliete Galhoz; «Algumas notas biográficas sobre Mário de Sá Carneiro» de Maria Aliete Galhoz; uma carta de amor» de Vergílio Ferreira; «Vergílio Ferreira» por João

Palma Ferreira; «Fantasia Portuguesa para Orquestra de História e de Futuro» por Agostinho da Silva; «Os Sinais da Renascença Portuguesa» por Pinharanda Gomes; «Tréade Ibérica (Ante-manhã de «Água» por Sant'Anna Dionísio; «Pascoais e as Raízes da Cultura Portuguesa» por Dalila Pereira da Costa; «Santa Maria de Ceíça» por Henrique Barrilero Ruas; «Para a História do Livro Impresso em Portugal» por José Bigotte Chorrão; «A Importante Exposição de Costa Pinheiro Sobre Fernando Pessoa» por José-Augusto França; «Os Painéis do Museu das Janelas Verdes» por Afonso Botelho; «A propósito da Reunião em Lisboa de um Congresso Internacional de Física» por Fernando Bragança Gil.

ESTUDOS DE ECONOMIA

Dirigida pelo professor A. Simões Lopes, assistido por um conselho editorial de que fazem parte os professores E. de Sousa Ferreira, M. Manuela Silva, Julieta A. Rodrigues, F. Pereira de Moura, J. Oppenheimer e C. Silva Ribeiro, a revista ESTUDOS DE ECONOMIA é uma publicação trimestral da responsabilidade do Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa. Tendo iniciado a publicação com um ritmo quadrimestral, ESTUDOS DE ECONOMIA passaram a trimestral e têm mantido uma grande regularidade de edição.

A revista propõe-se acompanhar as várias correntes de pensamento, proporcionar o debate dos vários modelos teóricos, reflectir sobre experiências concretas e estudos empíricos, informar sobre a economia portuguesa e internacional, seguir a política económica e ser espaço livre para a sua análise crítica. Interessará, por isso, a professores, investigadores e estudantes de economia, bem como a economistas e a todos quantos procuram uma formação actualizada, de nível superior, no domínio da economia.

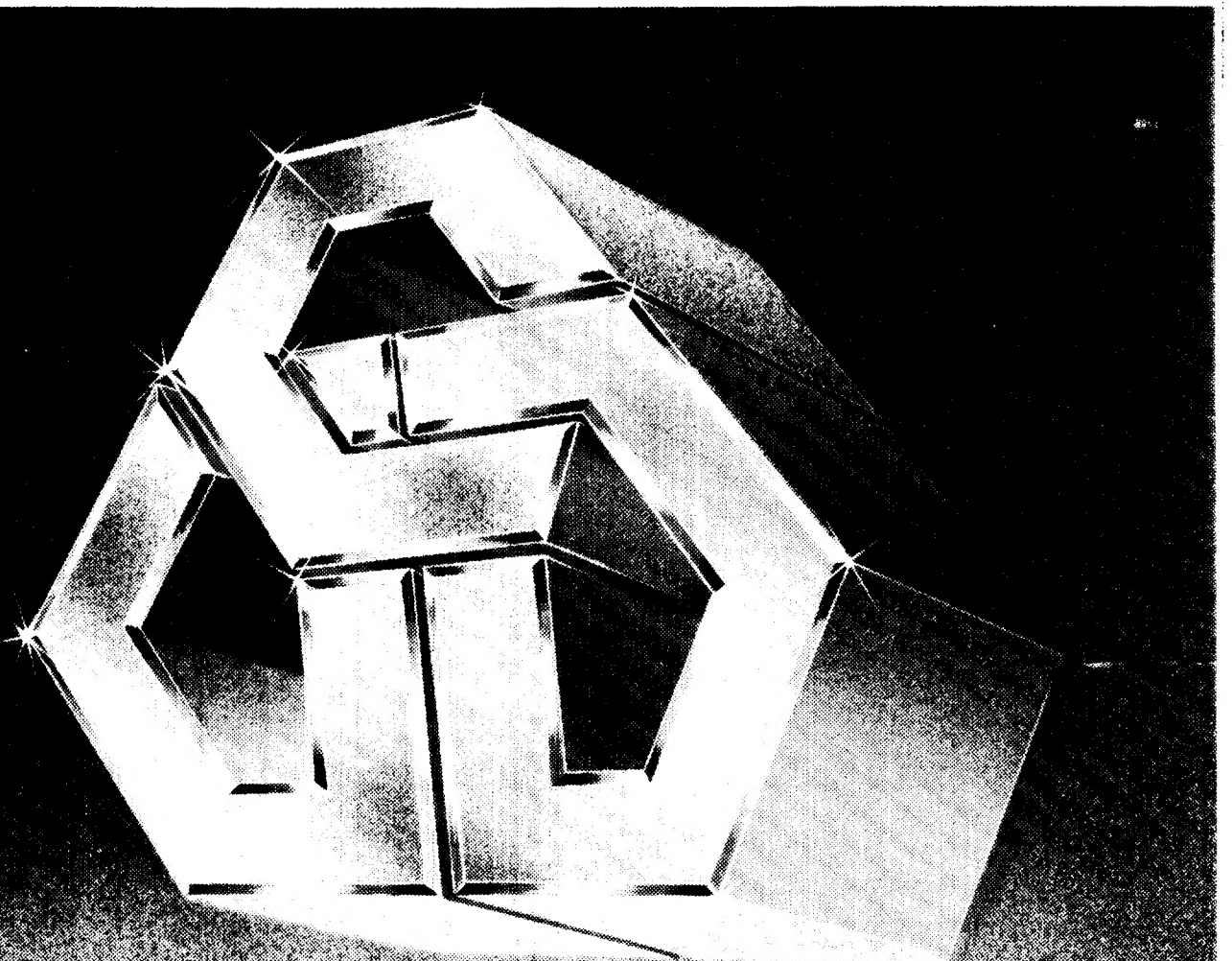
No número agora publicado destacam-se o estudo dos professores Bento Murteira e Gouveia Portela sobre «Entropia e distribuições conjugadas», e, além de outras colaborações, o trabalho sobre o «Modelo dinâmico multisectorial — Milai I» de E. Rosário Dias (recentemente falecido), a abordagem das questões energéticas, feita pelo Prof. Percebois e a discussão do momentoso problema da descentralização e desconcentração de M. Brandão Alves. Nas «Comunicações e Notas» abordam-se questões de tanta actualidade como as da inflação, reintegração de emigrantes, desenvolvimento através da cooperação, industrialização, reforma agrária e do pouco mais do que recém-nascido movimento do Quarto Mundo.

As resenhas bibliográficas são assinadas por Teresa Nunes, A. Luis Silvestre, A. Simões Lopes, Manuela Silva, F. Marques Reigado.

CADMOS

O presente número de CADMOS, «Cahiers Trimestriels de l'Institut Universitaire d'Études Européennes de Genève et du Centre Européen de la Culture», publica textos de Frans A.M. Alting von Gensan («As relações Este-Oeste e as divergências euro-americanas»); Antoine Maurice («Os novos desportos»); Virgil Nemoniarm («O novo

conservantismo americano»); Fabrizio Frigerio («Alta e a divisão do poder»); Jean Mantzouranis («Do personalismo de Jean Lacroix») e um «dossier», organizado por Alison Brownrig, «Europa e os intelectuais» com depoimentos de Edgar Morin, Emanuel Le Roy Ladurie e Jean-Marie Domenach.



Segurança é saber que nada pode correr mal.

Segurança é saber que há dinheiro ali à mão.

Ao pé de si há sempre uma Agência da Caixa Geral de Depósitos.

A maior rede de balcões em todo o País.

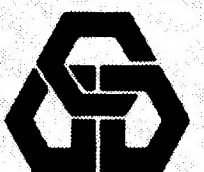
Maior rapidez, se utilizar a **nova** conta-extracto.

Ou a maior poupança, que foi para a poupança que a caderneta foi criada.

E ... já conhece as novas taxas de juro da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS?...

À ORDEM		A PRAZO	
Até 150 contos	4%	De 30 a 90 dias	11%
No excedente	2%	De 91 a 180 dias	15%
(válido igualmente para as Cadernetas de "Caixa Económica Postal", através das Estações dos Correios)		De 181 dias a 1 ano	21,5%
		A UM ANO E UM DIA	23%

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
A CASA FORTE DO SEU FUTURO.



Patrão de supermercados agride trabalhadoras

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Sul emitiu um comunicado em que denuncia a agressão, por partes do sócio gerente dos Supermercados Belar, Joaquim António Vieira, das trabalhadoras daquela firma, na sequência de uma intimação que recebeu pela Inspeção do Trabalho para, no prazo de dez dias, satisfazer o pagamento relativo a diferenças salariais.

O documento afirma que António Vieira «provocou as trabalhadoras, agredindo-as de seguida com garrafas, partindo uma montanha e vidros de um balcão frigorífico, sendo as trabalhadoras obrigadas a fugir do estabelecimento».

O sindicato dá conta de que, apresentada queixa à GNR local, «esta não fez qualquer processo sobre a agressão verificada, mandando as trabalhadoras e a dirigente sindical embora sem tomar conta da ocorrência».

Diz ainda que, dois dias depois, ou seja, ontem, uma dirigente sindical dirigiu-se ao estabelecimento acompanhando as trabalhadoras para que estas entrassem ao serviço, e foi «agredida pela mulher do patrão e posta na rua aos encontrões».

O documento afirma também que «apresentada nova queixa à GNR, esta só tomou conta da ocorrência depois da dirigente sindical dizer que apresentaria o caso ao respectivo comando se se verificasse nova recusa. E termina dizendo que as trabalhadoras estão a trabalhar e o sindicato desenvolve esforços para salvaguardar os postos de trabalho e a segurança daquelas, «uma vez que são previsíveis novas agressões».

Gás da companhia

Greve na Petroquímica poderá vir a ser de cinco dias

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Química e Farmacêutica de Portugal afirma em comunicado que a greve dos trabalhadores da Petroquímica, que irá de 18 a 21 de corrente, «poderá ser prorrogada por mais dois dias, face ao conjunto de posições que o conselho de gerência (CG) tem assumido a vários níveis na sequência da greve que recentemente se levou a efeito».

Diz ainda aquela organiza-

ção sindical que o agravamento do conflito poderá resultar nomeadamente do facto de o CG, apesar de ter feito o pedido de passagem do processo à fase da conciliação, «não ter apresentado qualquer posição evolutiva». Na reunião efectuada no passado dia 12 no Ministério do Trabalho, «quedando-se, para espanto das federações, na afirmação de que não tinha alternativa».

A paralisação, como oportu-

namente noticiámos, visa obrigar o conselho de gerência da Petroquímica e Gás de Portugal a negociar os aumentos da tabela salarial, no âmbito da revisão do acordo colectivo de trabalho.

A semelhança do que aconteceu esta semana, esta greve impedirá o fornecimento do chamado gás da companhia à população de Lisboa.

A greve terá início às oito horas da próxima terça-feira, dia 18.

Loiças de Sacavém

MAI garante que não enviará mais a GNR para intervir na empresa

O Ministério da Administração Interna garantiu aos representantes dos trabalhadores da Fábrica de Loiças de Sacavém que não voltará a ser enviada a GNR para intervir no conflito que opõe os trabalhadores à administração da empresa.

Conforme noticiámos, a GNR esteve de novo nas instalações da fábrica na passada quarta-

feira, a fim de dar cobertura à entrada na empresa do administrador Monteiro Pereira, cujo afastamento os trabalhadores exigem.

Os trabalhadores da FLS voltam a reunir-se em plenário na segunda-feira, a fim de decidirem novas formas de luta, que serão aplicadas no caso de Monteiro Pereira voltar a aparecer na empresa.



A foto ilustra uma das recentes intervenções de forças da GNR no conflito das Loiças de Sacavém

Na terça-feira deverá realizar-se uma reunião entre os representantes dos trabalhadores e dos Ministérios da Indústria, do Trabalho e da Administração Interna.

Leixões em funcionamento desde ontem

Os estivadores afirmaram que os agentes de navegação, para além de não lhes terem pago o salário relativo aos dias de greve deste mês, lhes entregaram uma importância inferior ao prometido por conta dos salários perdidos no mês de Abril.

Um dirigente do Sindicato dos Carregadores e Descarregadores do Porto de Leixões declarou que a situação deverá estar normalizada dentro de um mês, pondo-se assim termo a uma situação que criou enormes prejuízos à região do Norte e a todo o País.

Os estivadores do porto de Leixões decidiram ontem retomar a actividade, interrompida há 43 dias, devido à recusa do respectivo sindicato de inscrever os seus associados no Centro Coordenador, em funcionamento desde 1 de Abril.

Esta posição deve-se também à falta de apoio por parte da Associação dos Agentes de Navegação do Norte de Portugal, que tentou usá-los para pôr em causa o funcionamento do Centro Coordenador do Porto de Leixões, que regulará toda a actividade naquele porto.

Torres Couto na Alemanha e França

O secretário-geral da UGT, Torres Couto, partiu hoje para Alemanha e França, a fim de assistir aos congressos da DGB, em Berlim, e da CFDT, em Metz.

Uma nota divulgada pela União Geral dos Trabalhadores afirma que «a importância do movimento sindical democrático português (...) foi mais uma vez reconhecida com a recente nomeação do secretário-geral da UGT para membro do Comité Executivo da CISL - Confederação Internacional dos Sindicatos Livres».

USP contra "calúnias e insinuações" sobre a greve geral

A União dos Sindicatos do Porto emitiu um comunicado em que repudia e protesta veementemente contra «a forma provocatória como a propósito da grande jornada de luta que foi a greve geral do dia 11, alguns órgãos de comunicação social lançaram calúnias e fizeram insinuações vergonhosas, a pretexto dos atentados bombistas que se verificaram em autocarros».

A USP afirma que a RTP «procurou fazer crer que não houve greve e só se verificaram incidentes, tentando ajudar o ministro Ângelo Correia nas suas inventivas».

O «Primeiro de Janeiro» e o «Comércio do Porto», diz ainda a USP, seguem o mesmo caminho informativo da televisão «fazendo insinuações perfeitamente irresponsáveis e caluniosas, ao tentar ligar as explosões que destruíram autocarros à luta dos trabalhadores». Relativamente a «O Comércio do Porto», que é estatizado, sublinha a USP

que «além do sectarismo virulento contra o movimento sindical unitário, publicou um texto provocatório e de características obscurantistas da autoria de Manuel Queirós».

«Não deixa de ser caricato e ridículo — prossegue o documento — que «O Comércio do Porto» ponha em causa a isenção da ANOP, com todo o tipo de informações que vem fazendo e que na edição do dia 12, além das afirmações incorrectas sobre a greve geral publica ainda uma invenção absurda a propósito dos trágicos acontecimentos da madrugada do 1.º de Maio, numa notícia sobre a mudança de comando da polícia de intervenção».

A USP, reafirmando o seu repúdio e protesto pelo teor de tais notícias, «reclama que as investigações sejam levadas até às últimas consequências, como se impõe e com brevidade, para que os responsáveis sejam conhecidos e respondam pelos seus actos».

A paz à mercê do aventureirismo

Continuação da pag. 5

forjada depois da II Grande Guerra, não tem impedido, porém, como tristemente se tem verificado que se produzam, aqui e acolá, pequenas guerras que não deixam por outro lado de envolver sérios riscos.

Quem poderá hoje em dia controlar um conflito armado? Quem poderá medir uma pequena guerra e fixar-lhe os limites? Qual a organização internacional e o país suficientemente fortes, neutros e independentes que possam ser juizes nestes conflitos?

4. O bluff da superioridade da URSS serve a causa da desestabilização internacional

Acontece, no entanto, que inesperadamente os USA não assinaram o Acordo SALT II, (2) alegando que o poder nuclear da URSS era superior ao seu.

Depois desta grave revelação dir-se-ia que os Estados Unidos entrariam em pânico e procurariam de todas as maneiras obrigar a União Soviética a assentar-se à mesa das negociações, a fim de renegociar aquele acordo, exigindo firmemente a paridade nesse domínio, para assegurar o equilíbrio do poder nuclear e impedir assim o pior.

Mas não. Quem solicitou reuniões e se mostrou seriamente preocupado com tais afirmações não foram os Estados Unidos pela Administração Reagan, mas sim o Kremlin que, segundo aquelas afirmações, estava senhor de clara vantagem.

Com efeito, os Estados Unidos não só não se comportaram de acordo com aquelas declarações como puseram a sua poderosa máquina de propaganda ao serviço duma agressividade acusatória que há muito não se assistia, como outrora fizera Hitler com propósitos bélicos, erguendo para tal o fantasma do comunismo, com o fim de colocar a União Soviética perante o mundo no «banco dos réus» e que o sistema socialista não era exemplo a seguir.

E «fazendo o mal e a caramunha», os Estados Unidos patrocinavam ao mesmo tempo actos de violência por todo o mundo, criando focos de tensão e fomentando conflitos armados no Médio Oriente, África Austral, América Central, Indochina, etc., à margem das Nações Unidas e condenados por esta organização mundial, e na certeza de que a URSS não possuía a dita superioridade nuclear, como foi provado durante os sete anos que demoraram as negociações SALT II, e seguros também que estavam do bom senso dos «dirigentes soviéticos».

Não podendo fazer uma guerra como aquelas em que anteriormente participou, mediante as quais enriqueceu e se tornou império (1914 e 1939), a América do Norte foram tentados, condicionados pelo «equilíbrio do terror» e sob a pressão da crise económica, a provocar, numa alternativa possível mas muito perigosa, acções de desestabilização internacional e pequenas guerras, através das quais conseguiu promover a corrida aos armamentos e reactivar a sua indústria de guerra, sector onde domina internacionalmente e do qual recolhe substanciais lucros, espreitando o investimento por via do Orçamento do Estado, uma vez que o investimento privado se mantém expectante, virando-se o dono de capital antes para a formação de poupanças, estimulado pela alta de juros.

Mas nesta concepção arriscada de sair da crise e aguentar o grande império, não poderá a classe dominante norte-americana, na acção menos reflectida (3) ou mais emocional e na operação executada à «beira do abismo», fazer saltar a faísca que reventará a grande bomba, os milhares de bombas nucleares em reserva, no holocausto da Humanidade?

(1) «A Crise do Capitalismo Americano» de P.M. Sweezy, em «Economia e Socialismo», n.º 55, 1981.

(2) — SALT II, Acordo nuclear indispensável ao entendimento entre o Leste e o Oeste, à Paz do mundo.

(3) — «A Crise Capitalista na Ameaça à Paz no Mundo» — «Diário de Lisboa» — 12-11-1981.



FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES
DAS INDÚSTRIAS QUÍMICA E FARMACÊUTICA DE PORTUGAL

RUA FILIPE FOLQUE, 22, 5.º ★ TELEF. 57 28 16 ★ 1000 LISBOA

Petroquímica — 72 horas de greve

COMUNICADO À POPULAÇÃO

Os trabalhadores da Petroquímica vêm-se na contingência de encetarem nova paralisação a partir das 8 horas do dia 18 até às 8 horas do dia 21 de Maio, como forma de luta por uma actualização justa dos seus salários.

Conscientes dos transtornos que a sua luta provoca aos consumidores do gás de cidade, os trabalhadores da Petroquímica estão em condições de assegurar que tudo fizeram para evitar tais situações. Porém, encontram-se confrontados com um impasse total das negociações do seu acordo, devido à intransigência do C.G. relativamente às justas reivindicações apresentadas pelos trabalhadores, as quais visam no essencial, a reposição do seu poder de compra perdido.

Segundo a política do Governo de contenção salarial à custa da diminuição do poder de compra dos trabalhadores, o C.G. mantém inalterável a sua proposta de 20% de acréscimo salarial, para cobrir não 12 mas 13 meses de vigência das anteriores tabelas apesar da taxa de inflação registada naquele período, segundo as estatísticas do INE, ser superior a 25%.

Firmemente disposto a não permitir que lhes seja imposta uma política económica lesiva dos seus interesses e a favor dos grandes capitalistas, os trabalhadores vão encetar uma nova paralisação pela conquista de salários justos, que pelo menos mantenham o nível do seu poder de compra.

Instruções a seguir com o corte de gás

— O corte de gás à cidade de Lisboa não traz qualquer risco à população desde que as instruções tornadas públicas sejam por todos seguidas.

— Assim, mais uma vez se chama a atenção para os seguintes procedimentos:

Entre as 8 horas do dia 18 e as 12 horas do dia 21 de Maio, devem abster-se totalmente de consumir ou experimentar qualquer quantidade de gás de cidade por menor que seja, e manter os aparelhos que o utilizam (fogões, esquentadores, etc.) completamente desligados e bem assim a torneira de segurança do contador fechada.

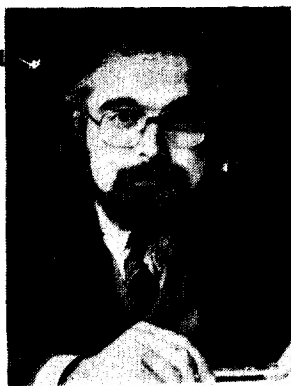
Será garantido o fornecimento de oxigénio aos hospitais e azoto à EDP se tal for necessário.

Os trabalhadores da Petroquímica, na certeza de que a sua luta tem a compreensão dos consumidores, expressam-lhes por este meio o seu mais vivo agradecimento.

O Secretariado da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Química e Farmacêutica de Portugal

Lisboa, 14-5-82

entrevista José Magalhães (PCP)



«Em 1789, no reinado de D. Maria I, um grande juriscriminalista português, Mello Freire, elaborou um projecto de Código de Direito Criminal em que propunha a não punição do aborto, quando se tratasse de salvar a vida da mãe» — lê José Magalhães, assessor jurídico do Grupo Parlamentar do Partido Comunista. Conversou connosco durante algumas horas sobre as «investigações da legislação portuguesa e de Direito Comparado», para fundamentação do diploma de legalização do aborto. E chegou a 1789, a Mello Freire. Lê-nos a passagem do projecto de Código dessa altura: «é impune o aborto, ou a morte do filho, que a mãe procura expelir do ventre para salvar, precisamente a própria vida». José Magalhães: trinta anos, licenciado em Direito, ingressou no PCP em 1974. Começou a trabalhar no Grupo Parlamentar do PCP em 1977, altura em que tinha sido convidado para leccionar na Faculdade de Direito de Lisboa. Eficiente, José Magalhães, falou-nos durante quase três horas da legislação do PCP sobre o aborto, maternidade e educação sexual. Participou intensamente nesse trabalho exaustivo. E esse trabalho desarmou os «adversários políticos», impediu-os de argumentar. Foram noites perdidas, os «velhos papéis» consultados, deslocamentos e pedidos a embaixadas. E nisso José Magalhães teve um trabalho decisivo. Pertencendo à nova geração da política e do PCP, José Magalhães está, talvez, a caminho das bancadas do Parlamento.

Como conduzir um debate?

«Como conduzir um debate deste tipo e qual a argumentação utilizada noutros países da Europa», foram as duas preocupações para a equipa que elaborou os três projectos de leis do PCP, diplomas elogiados por todas as bancadas parlamentares. José Magalhães explica:

«Procurámos em revistas periódicas, nomeadamente de Direito Comparado, em revistas médicas, nas actas dos parlamentos, em particular de França, Itália, Grã-Bretanha e Alemanha Federal, em publicações da Organização Mundial de Saúde, da Federação Internacional de Planeamento Familiar e edições oficiais da legislação de diversos países, nomeadamente os socialistas.»

Primeiro, no entanto, a interrogação vai para o «timing» escolhido para o PCP. Porquê só agora? ou porquê neste momento a apresentação dos diplomas? José Magalhães, muitos papéis à frente, formal na escolha da resposta, cuidadoso na procura das palavras. «A meio de 1981, o Comité Central do Partido Comunista deu luz verde para a intensificação dos trabalhos preparatórios. Estavam criadas as condições para a apresentação dos projectos. Registrou-se um agravamento da situação que justificava esta nossa atitude.»

Como por exemplo? José Magalhães exemplifica: «Como já foi dito por nós, diversas vezes, a completa ausência de medidas específicas de protecção à maternidade e, pelo contrário, a deterioração das medidas de segurança social e sanitárias às grávidas. Quanto ao Planeamento, como você sabe, a restrição do acesso dos jovens, não acompanhados pelos pais, aos Centros de Planeamento Familiar. Finalmente, quanto ao aborto, indícios de que no quadro da revisão do Código Penal, o Governo pretendia regressar muito para trás das propostas adiantadas pelo prof. Eduardo Correia em 1979 e até mesmo nos anos 60.»

A direita desencantada

Os três diplomas, bem elaborados e melhor discutidos dentro do partido, foram finalmente apresentados no Parlamento. «Os três projectos de leis são indissociáveis. Por isso, a Direita ficou desencantada, surpreendida e fortemente incomodada por esse conjunto de providências que dão uma resposta global.»

Isso não foi uma forma de defesa do PCP para diluir a apresentação de um projecto de legalização do aborto? «Recusamos essa sua óptica defensiva — acentua José Magalhães.

Desde logo a experiência de outros países revela a necessidade de enfrentar globalmente a questão, adoptando medidas preventivas, designadamente no Planeamento Familiar e Educação Sexual, na definição adequada do regime de Interrupção Voluntária da Gravidez. E quando isso não aconteceu, foram pagas bem caras as alterações legais não acompanhadas de medidas de carácter preventivo e social.»

A apresentação dos três projectos de leis do PCP seguiu-se uma reacção imediata por parte do CDS, enquanto no PSD, Helena Roseta fazia desbloquear o «silêncio» dos socialistas-democratas e, conseguindo a assinatura de mais 60 deputados, abria o debate no PSD, mesmo contra a vontade da Comissão Política Nacional. «Ao contrário do que alguns receavam não fomos nós que ficamos isolados.» Foram as «reacções obscurantistas» que ficaram completamente «isoladas».

E o Governo? «É bizarra a reacção do Governo e sobretudo do Ministério da Justiça» — sublinha José Magalhães. «Pensavam dúvidas sobre o sentido que o Governo dava ao projecto de revisão do Código Penal. Sabia-se que Eduardo Correia apontava para a não punibilidade do aborto terapêutico, visando dar resposta à necessidade de salvar a vida e a saúde física-psíquica da mulher. O anteprojecto também previa um regime especial de punição aligeirada para qualquer interrupção praticada nos três meses iniciais de gravidez, podendo traduzir-se em mera multa, como multa (até 25 contos) acarretavam as infracções praticadas por médicos. Sabia-se, também, que tinha sido pedido parecer à Procuradoria Geral da República, para dar resposta às situações como a verificada no Instituto Português de Oncologia. O Parecer é confidencial, mas o que se constata é que, por ventura em conexão, com a emissão desse Parecer, cessou a verdadeira vergonha que era a mulher ser obrigada a receber alta para ir fazer um aborto e, só depois, retomar o tratamento médico.»

Um «festival de confusões»

Mas que projecto de legalização do aborto foi apresentado pelo PCP? «A direita demorou

No reinado de D. Maria I foi proposta a despenalização do aborto

mês e meio para qualificar o projecto e ainda não o conseguiu.» Fala-se em dois modelos: dos prazos e o das indicações. A qualificação do projecto exige um pouco mais de rigor. «Não propomos a liberalização, isto é, a possibilidade de interromper a gravidez em quaisquer circunstâncias e em quaisquer condições sanitárias, prazos ou motivações, nem propomos pura e simplesmente a não punibilidade, desde que a mulher provasse em pleno tribunal que podia invocar certas causas de justificação.»

«A Interrupção Voluntária da Gravidez não deve ser, para o Direito, um Mero Fechar de Olhos, uma tolerância sempre reprovável e, por princípio, merecedora de reprovação. Mas importa contribuir para que não se assista à sua banalização. Para

construções que lhe tornam a continuação da gravidez insuportável e, logo, inexigível. É um último recurso a encarar responsabilmente, mas não deve ser uma fonte de traumas e culpabilizações que nenhum valor pode legitimar.»

Foi «um festival de confusões» — assim classificou o assessor jurídico do Grupo Parlamentar do PCP, a reacção dos partidos ao diploma sobre o aborto. «Há quem diga que as propostas do PCP são moderadas em termos de Direito Comparado, para logo acrescentar que estamos numa sociedade atrasada, não se podendo aprovar leis semelhantes às sociedades desenvolvidas. Há quem diga que é demasiado partir da proibição actual para a liberalização absoluta, supostamente

José Magalhães continua a refutar alguns dos argumentos, que tem vindo a acompanhar através dos órgãos de comunicação social. Perde o «ar grave» que sempre assume, enquanto conversa connosco; ganha em ironia, em desconcentração. «Há

quem diga que é pela despenalização do aborto, mas contra a possibilidade de interromper a gravidez quando a mulher a solicite por enfrentar dificuldades económicas e sociais que lhe tornam insuportável a sua continuação. Nestes casos, diz-se, a solução está em resolver os problemas económicos e sociais. É fácil dizê-lo e obviamente a solução de fundo (é o que diz o projecto de lei da Maternidade) passa por aí embora certas pessoas não tenham legitimidade face à prática do Governo que

dupla penalização: não só paga o preço das suas próprias dificuldades económico-sociais, como é obrigada a suportar as consequências da omissão institucional de medidas de apoio por parte do Estado.»

E lá fora, como foi?

Foi trabalho de semanas, fora do expediente normal do Grupo Parlamentar do PCP. Na «ponta final» para apresentação dos diplomas, José Magalhães passou a dedicar-se a «tempo inteiro» ao estudo da legislação portuguesa e internacional sobre a legalização do aborto.

Eram os mesmos argumentos, no estrangeiro, contra a legalização do aborto. Melhorar as condições sociais e económicas, o «crime», etc., etc. Os debates em todos os Parlamentos não foram fáceis e, nalguns casos, até patéticos. José Magalhães relata, minuciosamente, como tudo se passou. Em França, em 1975 era o Governo que avançava a legalização do aborto. Simone Veil, ministro dos Assuntos Sociais, enfrenta a sua «própria base social de apoio». A votação foi Nominal. A «Lei Veil» avançou. Prepara-se, agora, o seu aperfeiçoamento, garantindo a liberdade de acesso das menores, a desburocratização do processo de decisão e gratuidade dos serviços prestados.

Já em Itália, continua José Magalhães, também em 1975 foi o Tribunal Constitucional que deu o «pontapé de saída», ao declarar inconstitucional a proibição de interrupção da gravidez, quando isso punha em risco o direito à vida da mulher. A Lei 194 era aprovada no Parlamento italiano. No entanto, só foi possível a aprovação da legalização do aborto, com o abandono da sala de muitos deputados democratas-cristãos.

Falamos dos debates públicos, já realizados, sobre a legalização do aborto. Com a profundidade dos «trabalhos preparatórios», o PCP já tinha ganho. Basta, agora, repetir-se. E para quando a votação dos projectos de leis do PCP? Em Junho ou em Outubro, talvez. «Não ficarão na gaveta», diz-nos.

Fernanda Mestrinho



eliminar o aborto clandestino deve ser reconhecida à mulher a possibilidade de exigir e ver garantida junto dos serviços públicos, a interrupção da gravidez para enfrentar determinadas cir-

avanzada pelo PCP, para logo acrescentar que, no entanto, seria medicamente mais aconselhável autorizar o aborto não até as 12 semanas, como propõe o PCP, mas até às 16 semanas.»

apoiar, para sustentar seriamente essa opinião. Mas no quadro actual, proibir o aborto por razões económicas e sociais tem o preciso significado de fazer recair sobre a mulher uma

Missões portuguesas na Guiné

Cooperação com Bissau avança em seis frentes

BISSAU, 15 — Seis missões portuguesas das quais fazem parte, entre outras, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Cruz Vermelha Portuguesa encontram-se aqui no âmbito de cooperação que se estreita entre os dois países. A cooperação propriamente oficial está na ordem do dia e, hoje ou amanhã, deverão chegar a esta capital uma missão militar do foro jurídico.

A nível de cooperação oficial, técnicos enviados pelo Instituto de Cooperação Económica do Ministério dos Negócios Estrangeiros estão a colaborar com os responsáveis guineenses no campo da pesquisa e aproveitamento de águas subterrâneas. Por outro lado, técnicos da so-

cidade Central de Cervejas, que detém cerca de 37 por cento do capital social da cervejeira guineense, colaboram com esta empresa, também produtora de refrigerantes, e estudam modalidades para próximos fornecimentos.

Uma delegação técnica da Setenave está a trabalhar junto das oficinas navais de Bissau e a estudar formas de recuperação, reconversão e viabilidade dos antigos estaleiros da Armada portuguesa. Especialistas em saúde pública e em pediatria enviados pela Fundação Calouste Gulbenkian preparam um amplo trabalho na Guiné-Bissau, sobretudo voltado para a doença do sono, a lepra e a tuberculose, passando pelo recenseamento

das populações atingidas por estes males.

Uma missão técnica da Radiodifusão Portuguesa estuda a recuperação do principal emissor da Rádio Nacional Guineense, em Nhacra, profere palestras e prepara programas de cooperação e de assistência técnica. Dirigentes da Cruz Vermelha Portuguesa, incluindo o vice-presidente, coronel Cecílio Gonçalves, colaboram com a Cruz Vermelha da Guiné-Bissau com vista à adesão desta à Cruz Vermelha Internacional, em 1983.

Uma nova missão militar portuguesa é esperada em Bissau ainda esta semana para uma cooperação específica com as Forças Armadas locais e o seu Mi-

nistério, de que é responsável o comandante Paulo Correia. Questões do foro jurídico, nomeadamente a elaboração de diplomas, regulamentos, códigos e leis relativos à justiça, disciplina e recrutamento vão dominar as conversações daquele grupo.

A primeira delegação militar portuguesa que visitou Bissau, em Março último, esteve fundamentalmente virada para assuntos do novo fardamento das Forças Armadas guineenses que será fornecido por Portugal. Uma terceira missão militar portuguesa, que Bissau deseja que actue nos domínios da administração, intendência, logística e instrução, é aguardada em Junho.

de ontem para hoje

Evocação de padre na Pampilhosa

Trabalhadore da Comunicação Social de Coimbra vão recordar em 13 de Junho próximo o cónego Urbano Duarte, que durante 27 anos dirigiu o jornal diocesano «Correio de Coimbra». Do programa de homenagem consta uma missa e o descerramento de uma lápide na casa natal do cónego Urbano Duarte, em Pescaneco. Haverá também uma romagem à campo onde o seu corpo se encontra sepultado, no cemitério da Pampilhosa da Serra. A comissão promotora desenvolve ainda esforços no sentido de ser inaugurada em Coimbra, nesse dia, uma artéria com o nome daquele padre, que faleceu há dois anos. Nas cerimónias participarão os bispos de Aveiro e Coimbra.

Amor, ciúmes e quatro tiros

Manuel Ferreira Balsinha, empregado bancário, está agora na prisão por ter disparado quatro tiros contra a mulher e o último «amor» desta, o escriturário Bento Leonardo, quando ambos se encontravam pacatamente no quarto de um velho edifício da Rua da Barroca, aqui bem perto de nós, no Bairro Alto. O autor dos disparos, ao que parece separado da mulher vai para três semanas, só não matou a escriturária dos CTT Fer-

nanda Sousa Balsinha e o homem que a acompanhava, porque não calhou. A chegada imediata do «115» e a pronta intervenção dos médicos do S. José evitaram o pior. A senhora e o homem que com ela mantinha relações íntimas estão livres de perigo, mas ainda em estado que inspira cuidados. O marido ciumento utilizou uma arma caçadeira e, pela amostra, foi bastante rápido a premir o gatilho.

«Haxixe» por companhia

Rui Fontinha, de 27 anos, montador de estores, natural de Moçambique e residente na Amadora, e António Teixeira, sete anos mais novo, sem profissão e também residente naquela vila, ambos solteiros, foram surpreendidos por agentes da PSP nas Ruas 1.ª de Maio e Luís de Camões, respectivamente, na posse de pequenas quantidades de haxixe. Enquanto o primeiro admitiu que havia comprado a sua por cem escudos na Calçada da Boa Hora, o segundo afirmou que as oito gramas que o acompanhavam tinham sido adquiridas a um indivíduo de raça cigana.

Incursoes em carros alheios

A PSP deteve quatro indivíduos que surpreendeu a devastar carros que não lhes pertenciam. Na Avenida Infante D. Henrique foi apanhado Fernando Dias, de 28 anos, solteiro, que já tinha retirado alguns «travellers cheques», o gravador de leitor e outros artigos, tudo no valor de 1 500 libras (o carro tinha matrícula inglesa) quando foi

surpreendido pelo agente. Na Avenida 5 de Outubro a PSP interceptou três indivíduos Joaquim Lamas e João Lamas, de 19 e 20 anos, e Adriano Nunes, de 19, (os dois primeiros solteiros e o último casado), todos residentes na capital, que furtavam artigos aparentemente vendáveis ao desbarato. Nesta última operação a PSP teve de disparar.

Inspectora chefiará PJ de Tomar

A inspectora da PJ, Maria Alice, de 30 anos, licenciada em Direito, chefiará a partir de 2 de Junho que vem a Quarta Inspeção criada pela Polícia Judiciária em Tomar. A dra. Maria Alice chefiava uma das Brigadas de Estupefacientes da Judiciária de Lisboa, sendo considerada na Gomes Freire, elemento importante na descoberta e desmantelamento de importantes redes internacionais de tráfico de droga.

Polícia recuperou motorizada

Um agente da PSP teve de abrir fogo — segundo versão policial, no Largo das Galinheiras para recuperar uma motorizada roubada, entretanto escondida numa casa de jogo da área. O agente procurava fiscalizar a motorizada, que lhe causara suspeitas, mas foi inicialmente impedido de o fazer pelo dono do estabelecimento, Valdemar Rocha, de 29 anos. Este terá reagido bruscamente, obrigando o agente a fazer uso

dos seus instrumentos. Palavra puxa palavra, e, num ápice, comparecem na casa mais quatro indivíduos, cuja relação com a motorizada ainda está por averiguar. De qualquer dos modos, todos eles (o Valdemar e Manuel Henriques, Emídio Rocha, José da Silva e Jaime Marques) foram conduzidos à esquadra, tendo um deles ficado ferido na mão quando tentava desarmar o polícia.

Mercês à mercê de delinquentes

Jovens delinquentes e candidatos a marginais da zona das Mercês estão a pedir que as autoridades lhes apliquem o correctivo da ordem. Dizem-nos populares da área que eles, entre os 13 e os 17 anos, se juntam nos bares e cafés da praça situada entre a Rua do Jardim e a da Palmeira, perto da Praça das Flores, armados de facas, paus e varapaus, insultando, provocando e ameaçando quem acidentalmente passa no local, sejam velhos ou novos, crianças ou mulheres grávidas.

Inglêses ajudam BV de Portimão

O Governo inglês ofereceu cem contos em material diverso aos Bombeiros Voluntários de Portimão. Consta que o equipamento de oxigénio, rotativos e sirenes para o apetrechamento de ambulâncias, a oferta foi ontem entregue àquela associação

humanitária pelo embaixador da Inglaterra em Lisboa e pelo cônsul honorário daquele país, em Faro, como reconhecimento pela eficiente acção dos BV portimonenses junto de cidadãos britânicos residentes ou em férias no Algarve.

Para a semana em Lisboa

Casas da Moeda de 43 países fazem reunião internacional

Contando com a presença de 43 representantes das 52 Casas da Moeda existentes no mundo, realiza-se de 17 a 19 do corrente (de segunda a quarta-feira da próxima semana) em Lisboa a XII Conferência dos directores de Casas da Moeda, CDM. A realização da reunião em Lisboa, mais concretamente, no Palácio Galveias, corresponde a uma proposta oportunamente apresentada na organização pela Imprensa Nacional-Casa da Mo-

eda, empresa pública em que a Casa da Moeda Portuguesa está integrada.

A generalidade dos participantes chegará este fim-de-semana a Lisboa. Aguardam-se as vindas de representantes das Casas da Moeda de países de todos os continentes, do Brasil à Tailândia, da Finlândia a Cuba, da Inglaterra ao Nepal, de Israel aos Estados Unidos. Os responsáveis virão à frente de delegações e nos trabalhos deverão

participar representantes de organismos e empresas privadas, estrangeiras e portuguesas, relacionadas com as actividades das Casas da Moeda, num total de cerca de 300 participantes.

Os assuntos a tratar na reunião — para a qual estão adoptadas três línguas oficiais, o inglês, o francês e o alemão, sendo de estranhar que o português também não figure, além do espanhol, — são de natureza predominantemente técnica, e

preendem-se intimamente com a estrutura e a evolução dos sistemas de moeda metálica existentes nos países participantes.

Assinale-se que a CDM tem actualmente como presidente o director de produção da Casa da Moeda Portuguesa, Fernando Moutinho, como vice-presidente o director da Casa da Moeda de Inglaterra, D. J. Gerhardt, e como secretário técnico o director da Casa da Moeda da Áustria, Wintersberger.

Advertência da ONU sobre o meio ambiente

Um terço da terra arável poderá transformar-se a curto prazo em deserto

Enquanto hoje há na terra 22 cidades com uma população mínima de quatro milhões, no ano dois mil esse número subirá provavelmente para 70 cidades. Especialistas vêem neste fenómeno demográfico apenas um dos muitos perigos que se levantam à preservação do meio ambiente.

Um terço da terra arável existente no Globo está sob a ameaça de se transformar em deserto, ou de se degradar por outras formas — informou o director executivo do programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente (UNEP), Mostafa Tolba, num documento preparado para a sessão especial que este órgão da ONU está a realizar em Nairobi, capital do Quênia, até 18 do corrente.

Dez anos depois de o UNEP ter sido criado pela Conferência Mundial de Estocolmo, existem provas assustadoras de que alguns países têm diminuído as suas preocupações quanto ao meio-ambiente, apesar de as condições ecológicas se degradarem progressivamente.

Se a Humanidade continuar a comportar-se da mesma forma que nos últimos anos, no fim do século terão desaparecido mais de 114 milhões de hectares de florestas tropicais, para além de

muitos outros recursos da Natureza. «Precisamos de mais alimentos, mais empregos, mais terra, mais água potável, mais matérias-primas. As nações, os governos, a indústria e o público em geral devem preocupar-se, porque o ritmo da destruição ecológica, o desperdício de recursos, está a colocar uma grave ameaça à paz e à segurança mundiais» — notou Mostafa Tolba.

Os responsáveis pelo UNEP admitem que países entrarão em guerra não só por causa dos fornecimentos de petróleo, mas também de outras matérias-primas, que poderão incluir os fosfatos, o urânio e o volfrâmio.

«Efeito de estufa» poderá afectar produção de alimentos

Dois terços da população mundial está encerrada num ciclo vicioso de pobreza e de sangria dos seus recursos. Nos dez anos de existência do programa ecológico da ONU têm sido apresentadas à Humanidade uma série de estratégias para quebrar esse ciclo. No entanto, na sua maior parte, tais estratégias continuam no papel,

porque não tem havido meios para as concretizar.

Na conferência que está a decorrer na capital queniana o UNEP procura persuadir os governos a facultarem tais meios. Mas os Estados Unidos já em 1982 reservaram menos dinheiro do que em 1981 para a defesa do meio-ambiente e para o ano tencionam gastar ainda menos do que em 1982.

Tolba diz que todas as nações se deveriam preocupar com o efeito do homem sobre a atmosfera. A acumulação de dióxido de carbono causada pela queima de mais carvão, petróleo e alcatrão e a destruição de florestas tropicais poderão dar um «efeito de estufa», ou seja, alterar o clima e afectar a produção de alimentos em todas as zonas do Globo.

Se a qualidade do ambiente em que se vive fosse melhor — acrescenta o director do executivo do UNEP — haveria menos mortes e menos doentes, aumentava a produtividade e conseguiam-se outras inovações tecnológicas.

Empresas fazem fortunas a reciclar desperdícios

A poluição é, em grande parte, derivada dos desperdícios e di-

versas empresas privadas estão a verificar que não faz sentido desperdiçar materiais recuperáveis.

Na Suíça, Reino Unido e Alemanha Federal determinadas companhias aumentaram os seus lucros até 40 por cento por meio do aproveitamento de poluentes. Nos Estados Unidos uma empresa está a obter lucros anuais de milhões de dólares graças à reciclagem de desperdícios que, de outro modo iriam poluir o meio-ambiente.

Na próxima semana, ao findar a reunião especial de Nairobi — a que afluiram cerca de 120 países e uma série de organismos internacionais —, haverá novas decisões quanto à defesa global do meio-ambiente, e o UNEP espera ter dado um passo para se tornar mais conhecido entre a comunidade internacional.

Irmão pobre da Organização Mundial de Saúde (OMS), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Organização de Alimentação e Agricultura (FAO), o programa ecológico da ONU aspira a que a generalidade dos governos compreendam o seu excepcional papel potencial na elaboração de uma melhor qualidade de vida.

“Carta” a José Duro

José Duro, poeta maldito (?) do Alto Alentejo, continuas quase esquecido, 93 anos após a tua morte e a publicação desse teu livro esgotado, esse «Fel», febril e amargurado.

O livro que aí vai — obra dum incoerente
É um livro brutal é um poema a esmo
Pensei-o pela rua olhando [toda a gente
Escrevi-o no meu quarto [olhando-me a mim mesmo

Em Portalegre, cidade, a 22 de Outubro de 1875 tu nasceste, nos convívios do «Café-Gare» da tua terra natal debutaste para o universo poético, com um soneto de moldes anteriores — «A Morte» — e um folheto de versos denominados «Flores» — «Diversas flores, de diversas cores / Qual é de vós,izei, os meus amores».

Em Lisboa, então aluno da Escola Politécnica, frequentastes cafés e tertúlias, alforobes de sangüíneos génios em embrião, onde aprendeste a admirar Vítor Hugo, Baudelaire, Junqueiro, Cesário e os jovens simbolistas de Coimbra, caudilhados por António Nobre.



José Duro: «fel» do esquecimento 93 anos depois

Baudelaire e Gomes Leal

Porém, as tuas composições mais significativas foram compiladas nesse livro esgotado, charco de vida — «Fel» — editado em 1898, quando «já não eras mais do que um fruto podre e

amarelecido, plangendo a dor de não teres lar, a angústia de viveres só, mais triste do que os cardos da montanha, as urzes do caminho e as noites sem luar». Tinha incurável, nos teus vinte e três anos invividos, «padecendo horrivelmente, a custo respirando, a tosse lembrando a reza fúnebre das tétricas caveiras».

A tua poesia reflecte várias influências unificadas pelos temas predilectos de Charles Baudelaire, teus sonhos de nevrose «horrivelmente histéricos como as larvas ruins dos corpos cadavéricos», influências essas influenciadas em Portugal por Guilherme de Azevedo e Gomes Leal — «O Tédio» — «Ando às vezes boçal e sinto-me incapaz / De encontrar uma rima ou produzir um verso / Fazendo de mim mesmo a ideia dum perverso / Capaz de apunhalar alguém à luz do gás». — «Morte» — «Podem-nos olhar, que não metemos nojo / Olhos dos que vivem, olhos dos que choram / Podem-nos olhar, que os astros d'onde moram / Olham o réptil e mais ele anda a roço».

Na vala comum

Inspirado numa problemática directa, experimentada nas fi-

bras hipersensibilizadas da tua pobre carne sofredora, desvendaste o segredo da tua raiva e do teu desespero imaculado de poses premeditadas e de estratagemas artificializados, porque «a vida que arrastaste amargurada, incalme, enrouqueceu-te a voz, amorteceu-te a vista, tornando-te naquele que tu não eras, um grande pessimista».

E até a tua antevisão quimérica, «sonhar debaixo dum cipreste, alheio à sedução dos ideais perversos», jamais se materializará, porque seis anos após a tua morte, ocorrida numa fria e chuvosa manhã de Janeiro de 1899, os teus ossos foram lançados, quase anónimos na vala comum dos desertados, num lugar ermo e longe de ciprestes.

Serás tu, José António Duro, o poeta maldito, vate renegado da tua prolífera geração? Todavia, parafraseando Albino Forjaz Sampaio, eu acredito que tempo virá em que a fama irá ventar do teu lado, e, então «a turba beijará e devorará os teus versos», porque o poeta nunca morre, embora seja agreste a sua (tua) inspiração e tristes os seus (teus) versos.

Manuel Geraldo

João Paulo II em Portugal • João Paulo II em Portugal • João Paulo II

Em Coimbra esta manhã

Mau tempo atrasou o "olá malta"...

O mau tempo que esta manhã se fazia sentir em todo o Norte do País fez alterar todo o programa da visita do Papa e esfriou o entusiasmo da sua recepção em Coimbra, que aliás não era excepcional.

A chegada de João Paulo II, com cerca de uma hora e meia de atraso sobre o horário previsto, não teve pois o calor que certamente a comissão organizadora da visita esperaria. O «Olá malta» papal, dito à população no Estádio Municipal de Coimbra encontrou, assim, algumas clareiras.

O atraso no programa, cerca de hora e meia, mais o mau tempo que se faz sentir na região Centro, levaram a população a retirar-se, libertando espaço mesmo ao longo do percurso até à Universidade.

A cerimónia que estava programada para a Universidade Velha de Coimbra completou-se como estava previsto com a alocação dirigida aos intelectuais portugueses, que foram responsabilizados pela preservação da paz e construção de um mundo mais justo e mais humano.

João Paulo II foi depois doutorado «Honoris Causa» pela Universidade de Coimbra, rodeado por professores, doutores e intelectuais que enchiam completamente o espaço destinado à cerimónia.

O ambiente que se vive em Coimbra é marcado simultaneamente pela visita papal, curta de 90 minutos e atardada pelas condições atmosféricas desfavoráveis, pelas festas da queima das fitas e ainda pelo facto de se

tratar de um fim-de-semana.

O movimento, contudo, não é excepcional, o que será explicado pelo conjunto de visitas que o Papa faz durante o dia de hoje no Norte do País.

João Paulo II seguiu ao fim da manhã para Braga, ainda de comboio, depois de ter sido impossibilitado o transporte por helicóptero. Todo o programa foi assim afectado, embora haja um período de recuperação.

O Papa almoçou no próprio comboio e um período de repouso previsto para o Sameiro terá lugar também durante o transporte. Contudo, a sua partida pra Roma, a partir do Aeroporto das Pedras Rubras deverá sofrer algum atraso. O mesmo deverá acontecer relativamente à sua igualmente breve passagem pelo Porto, onde se dirigirá

predominantemente aos trabalhadores industriais.

A intervenção do Papa no Sameiro, outro centro mariano incluído no roteiro desta visita, incidirá sobre a família cristã. A sua mensagem à população de Coimbra, afinal abarcando toda a região Centro, incluía o curioso «Olá malta» que citamos. A expressão resultava do facto de se encontrar na «Lusa Atenas».

Aqui, em Coimbra, ainda, João Paulo II recordou que ouvia falar nesta cidade a associava a quatro ideias: Santidade, Beleza, História e Vida.

Agora, em noventa minutos, com Coimbra diante dos seus olhos, tomo o lugar das imagens e das ideias.

Rogério Vidigal

Foi aqui que o sangue escorreu...

Que dirão ao Papa?

Que dirá o Papa?

Há precisamente quinze dias o sangue escorreu no empredado gasto e encar-

dido da velha urbe portuense. Foi sangue de jovens que se esvaiu, fervente, naquela madrugada povoada de loucos e para matar. «Loucos» sedentos de sangue, com far-

das da «Segurança Pública». Em dois jovens, Pedro Vieira, duas dúzias de folhas natalícias, e Mário Emilio, nem dúzia e meia, o sangue jorrou até à morte. Noutros, jovens, velhos, crianças, as marcas dessa noite de abutres ainda não desapareceram. Em alguns nunca desaparecerão.

Hoje, precisamente no mesmo chão encardido e ensanguentado, vai passar João

Paulo II. Dir-lhe-ão que foi ali, na Praça de Almeida Garrett, que a Polícia disparou sobre a multidão? Dirão ao Papa que ali caíram quatro dos dos sete baleados? Dir-lhe-ão que em

frente da Estação de S. Bento na escadaria, caiu quase morto o Pedro Vieira e que,

uns metros adiante, um polícia alto e forte disparou à queima-roupa quando o Mário Emilio levantava a cabeça por detrás do muro? Não sei se o dirão.

Mas sabe João Paulo II que foi nesta cidade que este ano ocorreram os acontecimentos mais graves do mundo, durante as comemorações do 1.º de Maio. O Sumo Pontífice serviu para o Porto a palavra que quer dirigir aos trabalhadores. O que vai ele dizer esta tarde? Aludirá à repressão

sangrenta da Polícia? Referir-se-á aos dois trabalhadores mortos?

De qualquer forma ninguém esquece: «Abril» ficou uma vez mais manchado. De sangue, em Maio. Dia do Trabalhador

Luís Humberto Marcos

Um discurso sobre a cultura

Foi com um «Olá, Malta» que o Papa João Paulo II começou por se dirigir aos estudantes de Coimbra. Em seguida, na alocução proferida na Universidade de Coimbra, aos intelectuais e homens de cultura, o Papa, conforme se esperava, colocou a tónica na Cultura. Alguns extractos:

«Entre as várias culturas, ocupa um lugar de honra a Cultura portuguesa. Uma cultura plurissecular, rica, com características bem precisas que a distinguem claramente da dos outros povos. Ela exprime o próprio modo dos portugueses de «estar no Mundo», a sua própria concepção de vida e o seu sentido religioso da existência. É uma cultura forjada no decorrer de oito séculos como nação,

e enriquecida pelos múltiplos e prolongados contactos que Portugal teve durante a sua história com os mais diversos povos dos vários continentes».

«Quero lembrar também o notável contributo que o vosso País, com as descobertas, deu ao desenvolvimento da ciência. Entre os muitos nomes que poderíamos citar, limito-me a evocar Pedro Nunes, o inventor do «nónio», e o médico e naturalista Garcia de Orta. Até no campo das artes este encontro de civilizações se materializou no vosso inconfundível estilo manuelino».

«A cultura é para o homem. Este não é somente o artefacto da cultura,

mas também o seu principal destinatário. Nas duas acepções fundamentais de formação do indivíduo e de forma espiritual da sociedade, a cultura tem em vista a realização da pessoa com todas as suas dimensões, com todas as suas capacidades. O objectivo primário da cultura é o de desenvolver o homem enquanto homem, o homem enquanto pessoa, ou seja, cada homem enquanto exemplar único e irrepetível da família humana».

«Entendeste deste modo, a cultura abrange a totalidade da vida de um povo: o conjunto dos valores que o animam e que, sendo compartilhados por todos os cidadãos, os reúnem

com base numa mesma «consciência pessoal e colectiva». A cultura abraça também as formas através das quais os valores se exprimem e se configuram, isto é, os costumes, a língua, a arte, a literatura, as instituições e as estruturas da convivência social».

«Assim, o homem, como ser cultural — vós o sabeis, senhoras e senhores — não é prefabricado. Ele deve construir-se com as suas próprias mãos. Mas segundo qual projecto? Que modelo, se é que existe um, deve ter diante dos olhos? Não faltaram, ao longo da História propostas de um tal modelo. E aqui, como é sabido, aparece a importância da antropologia filosófica.»

em duas palavras

● Papa visitou região de maioria APU

Vila Viçosa, que João Paulo II ontem visitou durante duas horas e meia, tem maioria da APU, tendo a Câmara Municipal cinco vereadores, três dos quais desta coligação e dois do PSD. Dos 6484 eleitores votaram, nas últimas eleições gerais, 74,5%. A APU obteve 2507 votos (51,9%) o PSD, 1471 (30,5%) e o PS, 715 (14,8%).

● Campeão da Europa no acolhimento ao Papa

Um jornalista inglês que tem acompanhado as deslocações do Papa ao estrangeiro disse ontem ao «Diário de Notícias» que esta visita a Portugal «não teve paralelo em qualquer outro país da Europa à excepção da Polónia». O jornalista referia-se ao acolhimento que João Paulo II tem recebido no nosso País.

● Visita do Papa tem carácter pessoal

Um jornalista e padre polaco que trabalha em Roma e que conhece o Papa desde o tempo em que este era arcebispo de Cracóvia salientou o carácter «pessoal» desta visita do Papa, quando a comparou com outras feitas pelo Pontífice. Segundo ele, esta visita só se poderá comparar, pelo seu carácter, com a que fez à Polónia. «Lá visitou a sua pátria e agora visitou o Santuário da Virgem de Fátima, que, pensa ele, lhe salvou a vida» — disse. O padre polaco salientou ainda que nunca tinha acontecido antes, em nenhuma das outras viagens ao estrangeiro, o Papa isolar-se em público, durante uma hora, para rezar».

● Bispos galegos no Sameiro

Bispos da diocese da Galiza estarão hoje, em Braga, para participar na recepção ao Papa João Paulo II. Encontram-se, assim, nesta cidade o arcebispo de Santiago de Compostela, D. Angel Suquia; o bispo auxiliar, D. António Maria Rouco, e os bispos de Orense, D. Angel Temino, e de Tui-Vigo, D. José Cervino.

● Vinte e cinco mil palavras papais

O Papa proferiu nos últimos três dias, além dos improvisos, 14 discursos e orações públicas em Português, o que soma um total de cerca de 25 mil palavras. A maioria destas intervenções foram feitas em Fátima. João Paulo II fez ainda um discurso, em francês, aos diplomatas e entregou mensagens escritas ao Presidente Eanes e ao Primeiro-Ministro. Para hoje estão ainda previstos mais três discursos, em Coimbra, Braga e Porto.

● Mobilização PS para visita coimbrense

Salientando a «histórica cruzada» de João Paulo II «pela defesa dos direitos fundamentais do homem e do cidadão», o secretariado da Federação de Coimbra do PS lançou, ontem, um apelo aos seus militantes do distrito para participem «em massa» na visita que o Papa hoje faz a esta cidade. Em comunicado, o referido secretariado acrescenta: «Iremos ao encontro do Papa, não só com palmas e flores, mas também com a nossa boa vontade e sobretudo com a nossa inteligência para o escutar e reflectir nos problemas que mais afligem a Humanidade».

● Menos gente para ver o Papa

A afluência de pessoas a Coimbra, para assistir à visita de João Paulo II, tem sido inferior ao previsto. Cerca das 6 h e 30 m de hoje, o Estádio Municipal, onde o helicóptero deveria aterrar (o que não se verificou por o Papa se ter deslocado de comboio), tinha apenas um quarto da sua lotação preenchida. Também a GNR, que controla os acessos à cidade, indicou a completa normalidade do trânsito.

● Publicidade ao «jeep» fura a proibição

Os milhões de espectadores que acompanham, pela Televisão, a estadia do Papa em Portugal e as dezenas de milhares que o acompanham na rua puderam ontem ler a marca do fabricante do «jeep» branco utilizado por João Paulo II. A marca está gravada no pneu sobressalente, como é habitual em carros de série.

● Embaixada de Espanha lamenta

Uma fonte da Embaixada de Espanha, em Lisboa, lamentou ontem a tentativa de agressão do cidadão espanhol Juan Fernandez Krohn contra o Papa João Paulo II. A mesma fonte acrescentou: «A Embaixada nada mais pode dizer de que lamenta o sucedido e condena todos os actos contra o Papa».

● Varsóvia condena atentado

A Imprensa de Varsóvia lamentou ontem a tentativa de atentado de que foi alvo João Paulo II, no dia 12 de Maio. Um comentário, publicado num jornal, assinala que a tentativa de agressão é tanto mais condenável quanto se dirigiu «contra um Papa peregrino que viaja pelo mundo invocando o amor e a paz».

Benkroy

Solução de sabor fresco, activo e saudável

Germicida de acção rápida e eficaz

À venda exclusivamente nas farmácias

Produzido e distribuído por EXPANSÃO YORK
R. Vitorino Nemésio, 6-A, 1700 LISBOA. Tel.: 536537.

João Paulo II em Portugal • João Paulo II em Portugal • João Paulo II em

a foto



Agentes da PSP desenvolvendo esforços para conter, em Vila Viçosa, a multidão de fiéis e de curiosos (Foto de Rui Pacheco)

Espanhóis invadem o Sameiro

Horas antes da hora prevista para a chegada do Papa à capital do Minho já a multidão de peregrinos era praticamente compacta no Sameiro.

O movimento engrossou a partir das três horas da madrugada de hoje no centro da cidade de Braga. Milhares de peregrinos retemperavam forças para, pouco depois, inicia-

rem a subida quase íngreme dos seiscentos metros de altitude do monte Sameiro.

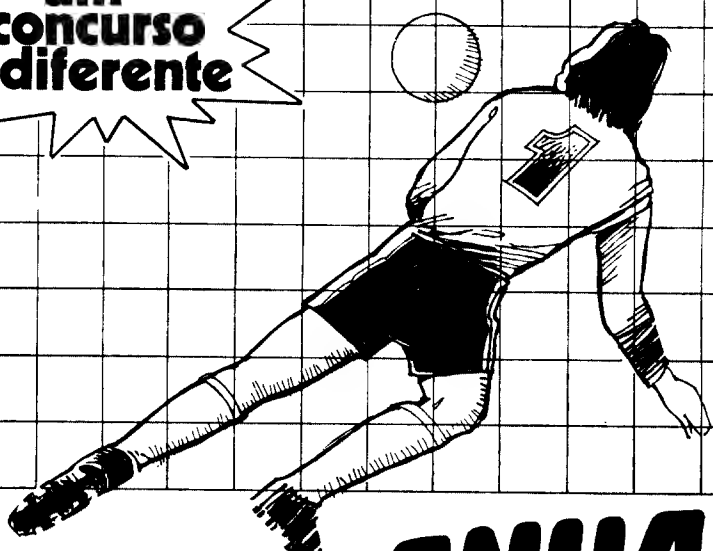
Alguns dos acessos conducentes ao centro das celebrações são particularmente difíceis para os mais idosos.

Vindos dos pontos mais distantes do Norte do País e da Galiza, os peregrinos encontraram ao longo do percurso que liga a capital minhota ao Sameiro (cerca de nove qui-

lómetros) serviços de assistência, nomeadamente ambulâncias dos bombeiros e da Cruz Vermelha.

Informações dignas de crédito afirmam que se deslocam para o Sameiro, sobretudo vindos da Galiza, mais de 120 mil espanhóis. De acordo com as mesmas fontes, os espanhóis fazem-se transportar em duas mil camionetas, de 60 a 70 lugares.

um concurso diferente



ESPANHA 82

No caminho do Mundial — uma iniciativa de «o diário» sobre o Campeonato do Mundo de Futebol. De 17 de Maio a 4 de Julho a par de grande informação sobre o Mundial

no caminho do mundial.

conheça os finalistas acerte nos 3 primeiros

Valiosos prémios, entre os quais 2 Citroen Dyane Nazaré, 2 motorizadas, aparelhos de TV a cores, artigos desportivos

Na Nunciatura e no Parque

O adeus do Papa a Lisboa

Talvez mais que em Fátima, muita gente esteve ontem, da Avenida da Liberdade até ao topo da Alameda Cardeal Cerejeira durante a celebração da Eucaristia no Parque Eduardo VII, no adeus de Lisboa a João Paulo II.

Antes, o Papa teve um longo encontro com representantes de outras Igrejas e confissões religiosas, sem se escusar (igualmente) a receber figuras como o Rei Humberto ou a ex-soberana da Bulgária, que são católicos, mas ainda não tinham sido convidados para qualquer acto oficial. No número 18 da lisboeta Avenida Luís Bivar, foi uma romaria: com prendas de metodistas, da Sociedade Bíblica como da Igreja Luterana Alemã. Um rápido mas completo desfile de quase todas as crenças religiosas, com exclusão de presbiterianos e testemunhas de Jeová, que se alhearam completamente da visita de João Paulo a Portugal.

Valy Mamede foi um dos representantes da comunidade islâmica: foi portador de um luxuoso «Alcorão», que vai juntar-se a um Menino Jesus esculpido em marfim por artista hindu, pelos idos do século XVII, que antes da oferta Narana Coissoró mostrou aos jornalistas.

A comunidade inglesa, as igrejas de São Paulo e Saint James, o tenente coronel Boardman (do Exército de Salvação) o dr. Ruah e o rabino dr. Abraham (da comunidade judaica), budistas e até o católico conde de Barcelona estiveram no Palácio da Nunciatura, espreitados por milhares de pessoas, com os jornalistas afastados para a zona central da Avenida e todos os emburlos dirigidos ao Papa passados a pente fino pela segurança do Sumo Pontífice.

Nos salões do palácio cristão, João Paulo II dirigiu uma alocução aos presentes, falando em português e abordando como temas-base a solidariedade que deve existir entre todos os homens de boa vontade, a necessidade de não relegar para segundo plano os legítimos direitos do povo palestino, e «o respeito necessário ao estatuto específico da cidade de Jerusalém, santa para judeus, cristãos e muçulmanos».

E concluiu: «Abraão, nosso comum antepassado, ensina a todos (cristãos, judeus e muçulmanos) a seguir o caminho da misericórdia e do amor».

Todos os presentes receberam prendas papais: medalhas de ouro ou terços.

Já o Papa estava prestes a subir para o jipe que o conduziria ao Parque Eduardo VII quando foi divulgado (por Maria Beatriz Chorão) que a TAP mandou

fazer toalhas, copos e loiça especiais para servir a refeição que João Paulo II tomará a bordo do avião que esta noite o levará das Pedras Rubras para Roma. Para além de uma imagem da Virgem (que viajará na aeronave), a TAP mandou fazer seis talheres de mesa com friso dourado e uma inscrição papal, uma toalha de linho com as armas do Papa e 13 flores amarelas bordadas (alusão a 13 de Maio) e seis copos com o escudo do Vaticano: depois de servirem na viagem Porto-Roma irão imediatamente para o museu da transportadora aérea nacional.

No Parque Eduardo VII foi, sem dúvida, o clímax da viagem do Papa a Portugal: uma multidão, onde predominava a juventude de escuteiros e guias, estendia-se até perder de vista, para além de uma zona de segurança onde, antes da chegada de João Paulo, teve lugar um festival juvenil animado pelos coros da Universidade Católica Portuguesa, Coro Audite Nova, Orfeão do Colégio Militar, «Pequenos Cantores da Pontinha», Coro Paroquial de Santo António dos Cavaleiros, Coro da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Coro Regina Coeli e Coro da Imaculada Conceição. Participaram, ainda, jovens de outras dioceses, nomeadamente de Leiria, Viseu e Setúbal, Santarém, para além dos grupos melhor classificados no Festival da Canção Jovem (organizado pela Paróquia de S. Pedro e S. João do Estoril). Representou-se um auto («Pedro e os jovens») e um jogo cénico («A aliança»).

Escutou-se um cântico polaco a Nossa Senhora e, finalmente, chegou o Papa, que foi recebido pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, por quase todo



Para além da zona de segurança, «fi

o Governo e corpo diplomático acreditado no nosso país.

Foi o maior acto de culto até hoje celebrado em Lisboa: centenas de milhares de pessoas ouviram o Papa falar da **gesta do Portugal missionário**, lembrar que **para chegar ao bem é preciso passar pela renúncia**, que Deus deu ao Pontífice máximo da sua Igreja a **graça de amar muito os jovens**.

— **Gostaria de falar convosco, de olhos nos olhos, de coração a coração. Falar com cada um: mas o reino de Deus está próximo.**

A comunhão foi ministrada a dez mil pessoas por 350 padres e houve, novamente, muitas prendas para o Papa, especialmente vindas de Santarém, Peniche, Nazaré e Setúbal: Maria de Lur-

País de Juan Fernandez «salvos» d

À mesma hora em que, no Patriarcado de Lisboa, João Paulo II completava o almoço com D. António Ribeiro e outros dignitários da Igreja, entravam no edifício da Polícia Judiciária, tão discretamente que conseguiram ludibriar todo um pelotão de jornalistas, os pais de Juan Fernandez Krohn, o autor da tentativa de ataque ao Papa, na noite de Fátima.

Até cerca das 18 horas ainda se pensou ser possível escutar, da boca dos pais do padre espanhol, qualquer declaração que pudesse emanar do filho, com quem estiveram reunidos perto de 50 minutos. Mas os pais de Juan Fernandez Krohn não queriam conversa: e a Polícia Judiciária facilitou a «evasão», fazendo-os sair do edifício da Gomes Freire pela porta que normalmente serve o piquete, com dois carros em grande velocidade e uma sirene com o som em alto volume. Frustrada, portanto, qualquer explicação para o acto de Krohn que viesse de

sua parte, com os pais como porta-voz.

Entretanto, têm sido vários os telefonemas para a nossa Redacção, de leitores que corroboram uma pequena onda de boatos, qual deles mais diferente do anterior mas todos coincidindo num ponto comum: que a acção de Juan Fernandez Krohn pode não ter sido um acto solitariamente planeado (isto é: haverá cúmplices) ou, pelo contrário, terá incrementado outros homens de imaginação fraca ou de pouco sólida formação para tentarem, tal como Krohn, saltarem bruscamente para a primeira página dos jornais de todo o mundo. Assim, já há quem garanta que, em Coimbra, foi detido um suspeito de convivência com Juan Krohn, o mesmo tendo acontecido na tarde de ontem, perto das 17 horas, a dois estrangeiros que estavam há cinco dias hospedados num hotel lisboeta. Igualmente anda por aí a notícia de que alguém terá tentado entrar no edifício da Nunciatura pouco tempo antes do Papa

chegar aos seus aposentos, para repousar, na noite de 13 para 14. Boatos, manobras de diversão, pequenos acréscimos para a lenda? Apenas a Polícia Judiciária pode esclarecer a situação. Espera-se, apenas, que o próximo comunicado já rectifique o erro de um anterior, que afirmava, textualmente, que **«Juan Fernandez acabara de retirar da pasta um sabre»**, na escadaria da Basílica, **«com o qual procurou atingir o Papa»**. Aqui, o lapso tremendo, a informação menos correcta: vimos nós, viu toda a gente que estava perto do palco dos acontecimentos (especialmente a segurança papal, a única que teve interferência na prisão de Juan Fernandez), que o padre espanhol não teve tempo de abrir a pasta e retirar o sabre.

A Polícia Judiciária, certamente depois de escutar os directos autores da detenção (agentes Azevedo, Ramalhe e Moura, todos da PSP) compete esclarecer o País e corrigir uma informação que peca por não ser

em Portugal • João Paulo II em Portugal • João Paulo II em Portugal • João

de Eduardo VII

a foi para os jovens



ca, «furada» por algumas crianças, estendia-se a jovem plateia (Foto de J. Tavares)

des Belchior foi uma das ofertas. Tocaram-se os hinos do Vaticano e de Portugal, mas o Papa ainda não tinha chegado quando uma avioneta do Aeroclube de Portugal, com um dístico onde se lia **Liberdade para Walesa**, evolucionou a baixa altitude.

O Hospital de Santa Maria esteve em rigorosa prevenção: seria para lá que um helicóptero levaria imediatamente João Paulo II, em caso de acidente. Os cinco postos médicos, igualmente ao dispor da vasta plateia, atenderam cerca de 500 pessoas, transferindo meia centena para os hospitais. Histeria, epilepsia e hipertensão foram as causas que provocaram a evacuação. Para Santa Maria foi um doente com uma perna fracturada, para os Capuchos foi um acidentado com motorizada e para o Hospital Militar Principal foram transportados seis soldados vítimas de insolação.

Resta dizer que a segurança

do Papa cresce até números astronómicos para o nosso meio: na área do Parque Eduardo VII foi colocado um corpo de atiradores especiais e um esquema de segurança para servir um milhão de pessoas, consoante nos foi confidenciado por uma fonte que garantiu serem 1600 os elementos da PSP em acção.

Um arco-íris, formado por lençóis de sete cores, foi o adeus lisboeta dado pelos jovens a João Paulo II, quando se concluiu uma Eucaristia que somente teve a perturbá-la (cerca das 19 horas) uma aborrecida interferência de som durante a homilia papal: no circuito sonoro entraram conversas de bombeiros, numa confusão tal que o próprio Papa se calou e esperou que o equipamento de som (com uma potência de 4,5 quilowatts) voltasse a levar a sua palavra ao longo da Avenida da Liberdade.

Neves de Sousa

dos jornalistas pela PJ

verdadeira.

Já agora, se possível, igualmente seria conveniente que, mesmo com «conhecimento prévio» do ministro da Justiça, se soubesse como reagiram os pais à prisão de Juan Fernandez, e qual a reacção deste, ante o juiz de instrução do processo e perante os progenitores tão cuidadosamente salvos da curiosidade dos Órgãos de Comunicação Social pela Polícia Judiciária. Agradece um dos jornalistas, que, em Fátima, viu um acontecimento que, depois, encontra oficialmente empolado com um tom diferente.

«Oração»

Segundo afirma a Polícia Judiciária, Juan Fernandez Krohn terá garantido que **treinou o atentado contra o Papa durante seis meses** para, a certa altura, ter afirmado perante o juiz de instrução que o Papa o olhara com um olhar fulminante.

O juiz legalizou a prisão e o

N. de S.

Atentado falhado de Krohn põe em foco integralistas

Ao procurar atentar, na passada quarta-feira em Fátima, contra a vida do Papa João Paulo II, Juan Fernandez Krohn voltou a chamar as atenções para o movimento integralista inspirado por mons. Marcel Lefèbvre.

Quando em Dezembro de 1965 o Concílio Vaticano II concluiu os seus trabalhos em Roma, tarefa que lhe foi confiada pelo Papa João XXIII, as suas decisões foram bem recebidas pelo conjunto dos católicos.

Com efeito, a Igreja manifestou a vontade de se abrir mais ao mundo moderno. As reformas decididas foram importantes, nomeadamente a reforma da liturgia: a missa em latim de Pio V, celebrada desde o Concílio de Trento no século XVI, foi substituída pelo «ordo missae» dito de — Paulo VI —, que introduz a língua falada dos países na liturgia.

As «mudanças» trazidas pelo Concílio amedrontam, contudo, um certo número de defensores da tradição, entre os quais mons. Marcel Lefèbvre, antigo arcebispo de Dacar, antigo arcebispo de Tulle, que acaba por demitir-se das suas funções de geral dos

padres do Espírito Santo. Mais tarde dirá que o Vaticano II criou uma Igreja «neo-modernista e protestante».

Em Novembro de 1970 mons. Lefèbvre, cria em Ecône, na Suíça, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, seminário que funciona fora do controlo da congregação romana competente.

O ensino que ministra é tradicional, a disciplina é rigorosa, o uso da sotaina é mantido. Rapidamente conta muitos seguidores.

Em fins de Novembro de 1974, estala o que se chama a «causa Lefèbvre». O prelado publica uma espécie de profissão de fé que põe em causa «a Igreja conciliar» em oposição à «Igreja de sempre». Seguem-se uma série de iniciativas e de trocas infrutíferas com Roma. Até é organizado um encontro com Paulo VI, tudo em vão.

O irreparável produz-se a 29 de Junho de 1976, quando desrespeitando as instruções do Papa, mons. Lefèbvre, começa a ordenar padres em Ecône.

O Papa suspende-o então «a divinis» o que também se

aplica a todos os padres por ele ordenados. O prelado tradicionalista não faz caso desta medida e continua a ordenar padres e administrar o sacramento da Confirmação.

No domingo, 27 de Fevereiro de 1977, estala novo golpe dos tradicionalistas: conduzido por mons. François Ducaud Bourget, frágil octogénario curvado, mas extremamente enérgico, antigo capelão da Ordem de Malta, vários padres tradicionalistas e um milhar de seguidores de mons. Lefèbvre, ocupam a igreja parisiense de São Nicolau do Chardonnet. Ainda lá continuam.

Nascido da iniciativa dum bispo francês o movimento tradicionalista espalha-se pelo Mundo. Existem priorados (equivalentes das igrejas ou capelas) e «distritos de residência» (onde se encontram os delegados de mons. Lefèbvre.) Na Bélgica, na Grã-Bretanha, na Suíça, na Itália, em Espanha, na Alemanha, na Áustria, assim como na América, nomeadamente na Argentina, nos Estados Unidos, no Canadá e no México.

A França contava, em 1980, para além da residência do

superior de distrito, o abade Paul Aulanier, dez priorados aos quais se somam algumas comunidades religiosas. De fonte tradicionalista não se consegue avaliar o número dos seus fiéis.

Unidos no essencial, a saber, a hostilidade às reformas conciliares e à missa tridentina, os tradicionalistas dividem-se em duas grandes correntes:

Os que reconhecem a autoridade do Papa e a de mons. Lefèbvre, São Nicolau do Chardonnet, e os priorados. O «Combate Pela Fé» do abade Louis Coache, que tem um seminário em Flavigny na Borgonha, e a «Contra Reforma Católica» do abade Georges de Nantes.

Perante estas três famílias, a «União Pela Fidelidade dos Padres, Religiosos e Leigos Católicos», nega a autoridade dos três últimos Papas, nem sequer lhes reconhecendo essa qualidade por os considerar como «heréticos». Além disso, consideram que o trono papal está vago.

Jacqueline Clement/France Press



Monsenhor Lefèbvre

Lefèbvre recusa mais declarações

Monsenhor Lefèbvre, que ordenou padre o agressor do Papa, Juan Fernandez Krohn, recusou-se, ontem, a fazer quaisquer declarações quando celebrava uma cerimónia, em Otava. Os acessos à sala, onde se encontravam cerca de seis dezenas de pessoas, foram vedados aos jornalistas e aos visitantes que não estivessem munidos de convite.

No entanto, na quinta-feira passada, quando começava

uma cerimónia do mesmo tipo, em Winnipeg, Lefèbvre indicou que conhecia o referido padre espanhol e afirmou:

«Desde que é padre causou-nos muitas dificuldades e aborrecimentos... Já não faz parte da fraternidade há cerca de dois anos». O chefe dos integralistas acrescentou que dos cento e vinte padres ordenados por ele, vinte já o deixaram por não o acharem suficientemente radical.

Quem era o padre que tentou agredir o Papa

“Ultimamente estava a deslizar para uma certa forma de loucura”

— dizem aqueles que o conheciam de perto

Juan Fernandez Krohn: um místico, um taciturno, um «religioso de outra época», «cheio de bons sentimentos, mas totalmente desfasado das realidades do mundo em que vive». Assim retratam o autor da tentativa de atentado contra o Papa alguns dos que conheceram este padre espanhol de 32 anos que usava chapéu de feltro de abas largas e nunca trocou a sotaina por indumentária menos ortodoxa.

A descrição que dele se faz lembra que era alto e atlético e não passava despercebido facilmente. Tanto em Rouen, onde celebrava missa todos os domingos numa garagem transformada em capela,

como em Mantes-la-Joli, arredores de Paris, onde vivia modestamente, todos notavam o seu rigor e a sua convicção.

Desde sempre afirmou a sua fé integralista e ninguém ficou surpreendido por vê-lo juntar-se, em 1974, à Fraternidade de S. Pio X, em Ecône (Suíça), onde acabou por ser ordenado padre por monsenhor Lefèbvre, em 1978.

Em 1980 esteve no priorado integralista de Verac (Gironde) para substituir os padres que se recusaram orar pelo Papa.

Os que se aproximaram dele afirmam que Krohn «sofria terrivelmente com a crise da Igreja» e «estava a deslizar desde há vários meses para

uma certa forma de loucura», no dizer do padre Barbara, chefe de fila dos «sedevacantistas», que consideram o Papa herético e o trono apostólico como vago desde Pio XII.

«Quando o vi há cerca de 15 dias, ele estava a perder a cabeça. Entregou-me o seu projecto sobre uma nova teologia, responsabilizando S. Tomás de Aquino pela crise da Igreja. Recomendou-me que descaissasse» — diz ainda o padre Barbara.

As suas dificuldades mentais parecem datar do Verão de 81, quando regressou duma viagem à Polónia, onde tinham assistido ao congresso regional do Solidariedade perto de Gdansk.

«Desde então manifestava uma maior falta de maleabilidade doutrinal» — nota, à France Press, alguém que o conheceu.

Em artigo que escreveu então e depois publicou na revista «Fidelidade», de monsenhor Lefèbvre, Krohn atacava o primaz da Polónia, mas não o Papa.

Quinze dias antes de ter chegado a Portugal, Juan Fernandez Krohn passou um serão em casa de amigos, nos arredores do sul de Paris.

Despediu-se dizendo que se tratava da sua última visita. «Dentro de dias vou desferir um grande golpe» — anunciou.

Ninguém terá pensado no que depois veio a acontecer.

exclusivo

Haiti: o fracasso do neo-duvalierismo

III—O apoio do Imperialismo

■ Gerard Pierre-Charles

□ Prensa Latina

DESDE a instauração do regime hereditário, que a política norte-americana apoia a manobra tendente a legitimá-lo a nível local e internacional. Tendo em conta as condições em que o poder foi transmitido, a imagem projectada pelo herdeiro apêns com 19 anos e o desprestígio global do duvalierismo, era necessária uma tal manobra para justificar o apoio diplomático sem reservas, extensivo à imprensa e às instituições internacionais.

Nesta operação participou também a França gaulista no seu afã de ampliar a sua influência na região. É assim que a partir da instauração do poder neoduvalierista os Estados Unidos e a França manifestaram um grande interesse em aumentar a sua presença no país e em ajudar o regime de tal modo que chegou a pensar-se que tinha sido encetada uma verdadeira concorrência entre as duas potências. A partida as possibilidades de Paris pareciam ter menor alcance que as de Washington.

Os termos desta colaboração revelam uma cumplicidade permanente e multifacetada entre os Estados Unidos e o duvalierismo; e confirma a atitude do império de dar pleno apoio a qualquer regime autoritário, ilegítimo e sanguinário que defenda os seus interesses.

É de assinalar o papel determinante do embaixador dos Estados Unidos na condução da política do país.

Nunca na história, mesmo incluindo o período da ocupação norte-americana, se tinha visto uma ingerência tão grande de uma embaixada estrangeira nos assuntos haitianos.

Paralelamente à acção diplomática deu-se a intensificação dos laços económicos. O capital privado dos Estados Unidos aumentou consideravelmente os seus investimentos no país. As agências internacionais em particular a United States International Agency (USAI) adquiriram um peso inigualável na determinação da vida económica e política. A acção da USAI e de múltiplos organismos norte-americanos conjugou-se com a acção dos governos de França, RFA, Inglaterra, Israel e Taipé. Por isso no âmbito desta cooperação internacional, aparecem os Estados Unidos como maestros da orquestra, assim como executantes da maior parte da partitura.

Tendo em consideração que faz parte do ideário dos regimes servis como o duvalierista, estar às ordens dos Estados Unidos, pode entender-se a importância que tem para a conduta governamental a linha fixada pelo Departamento de Estado e pelos seus agentes a todos os níveis. Quando no âmbito da contra-revolução e da contenção do exemplo cubano, a palavra de ordem foi perseguir e eliminar os revolucionários, a ditadura excedeu-se nesse aspecto, tendo sido identificados como comunistas todos os democratas anti-duvalieristas e sido publicado um célebre decreto condenando à

pena de morte os comunistas, seus simpatizantes, aliados e amigos. Foi nessa altura que a máquina de tortura e morte actuava com a máxima intensidade.

Com o aparecimento de Carter e da sua «política dos direitos humanos» o governo haitiano desejoso de «ficar de bem» com Washington encetou algumas rectificações imediatas: a libertação de presos políticos (as primeiras encetadas pelo regime) e uma atitude de certa tolerância para com os sectores independentes.

Em Abril de 1977, quando a administração Carter manifestou o seu desacordo com a «presidência vitalícia» o governo apareceu disposto a convocar eleições. Foi a velha guarda que obrigou Jean Claude Duvalier a dizer num discurso que um «cavaleiro não deve desmontar do seu cavalo quando atravessa um rio». Queriam com isso dizer que o regime estava plenamente consciente de que o facto de se pôr em questão a continuidade do carácter vitalício poria em perigo a sua própria sobrevivência em virtude de suscitar as ambições dos membros do aparelho e uma maior coragem entre os opositores.

Além disso a embaixada norte-americana não queria pressionar tanto, consciente também da inexistência de qualquer mecanismo de substituição. Perante estes novos condicionamentos o regime empenhou-se em executar todas as «sugestões» dos seus assessores norte-americanos que não representam uma ameaça directa contra a sua sobrevivência. É assim que face à crescente agitação operária, às exigências dos jornalistas democráticos

pelo respeito de certas garantias constitucionais às reivindicações populares contra a arbitrariedade e por um regime de direito, o governo evitou tomar medidas directamente repressivas. O contexto da administração Carter foi bastante favorável ao obrigar o governo a ser mais tolerante e a não reprimir abertamente.

Os limites destas pressões assim como a cumplicidade norte-americana tornam-se também evidentes. Com efeito a administração norte-americana proporcionou ao regime um suporte económico sem precedentes. Esta ajuda, adoptando os aspectos mais diversos (donativos, ajuda alimentar, empréstimos, assistência técnica) aumentada pela cooperação internacional, tem vindo a alcançar volumes consideráveis. Representa cerca de 150 milhões de dólares anuais actualmente. O governo tornou-se totalmente dependente dado que dois terços do orçamento de despesas públicas acabam por ser proporcionadas pela ajuda externa.

É nestas condições que se verifica uma verdadeira ocupação do país por organismos e assessores estrangeiros, sobretudo norte-americanos, que intervêm em todas as decisões administrativas e de política económica. Em nome do desenvolvimento e do interesse humanitário de ajudar a «nação mais pobre do continente» oferece-se ao regime os meios para executar algumas obras públicas, as que são mostradas à população como prova da apregoada «revolução económica». De facto esta ajuda é um facto decisivo para a manutenção do duvalierismo e da extrema dependência que permite ao Departamento de Estado



A nova imagem que os Estados Unidos pretendem impor no Palácio Presidencial do Haiti

tomar com a maior facilidade medidas para pressionar em prol de uma certa eficácia administrativa do respeito das liberdades democráticas.

Tudo isto pode ser ilustrado pelo memorando apresentado ao governo, em Julho de 1978, pela embaixada dos Estados Unidos em Puerto Príncipe, em nome de todas as agências norte-americanas e internacionais de ajuda. Neste documento Washington promete uma ampliação da ordem dos 150 milhões de dólares, em ajuda alimentar principalmente para os cinco anos seguintes. Ajuda que implica que o governo haitiano cumpra os seguintes requisitos: sanear as finanças incorporando para isso no orçamento central do Estado os recursos de certos organismos autónomos (como a Regie do tabaco e o serviço de inspecção de veículos) recursos que tradicionalmente têm sido monopolizados pela Presidência) aplicar um rígido programa de controlo de natalidade; aumentar os ordenados dos funcionários públicos; e diminuir os impostos que sobrecarregam os agricultores.

Dado que a primeira destas exigências tem vindo a implicar uma diminuição do poder financeiro da presidência, privando-a de cerca de 20 milhões de dólares anuais, utilizados de forma discricional; o governo ao aceitar todas as restantes e recusar esta não recebeu os 150 milhões. As pressões têm sido no geral no sentido da defesa da «democratização».

Por exemplo, em Agosto de 1977, na altura da visita ao Haiti do embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, este adoptou uma atitude de manifestismo, incitando a observância dos direitos humanos. Um ano mais tarde quando a Comissão Interamericana dos Direitos Humanos chegou a Puerto Príncipe os meios norte-americanos de assistência técnica incitaram os cidadãos a apresentar as suas reclamações a essa comissão.

Em Fevereiro de 1978, na ocasião das eleições legislativas, personalidades importantes da embaixada norte-americana foram para o Cabo haitiano para assistir aos comícios a fim de se poderem certificar de que o governo não tinha cometido qualquer atropelo ao livre exercício do voto dos cidadãos.

Todas estas atitudes expressaram uma certa reserva de Washington em relação ao regime. Por isso os elementos da velha guarda, partidários da linha dura, ameaçaram a administração Carter. Com efeito a atitude desta foi a de pressionar o regime para que modernizasse as suas formas de dominação política, melhorasse a repressão e respeitasse de certa forma os «direitos humanos». Isto acompanhado da intensificação do apoio norte-americano em todos os sectores.

Por outro lado tem-se vindo a notar uma alteração na política de Washington em relação ao duvalierismo a partir do derrube de Somoza, e que consiste numa menor ênfase dos direitos humanos que a longo prazo poderiam desestabilizar o governo.

Isto foi acompanhado por um maior apoio das forças estabilizadoras em particular do exército e do poder em geral.

Esta atitude está incluída no âmbito geral da política norte-americana para a área das Caraíbas e América Central após o derrube de Somoza, a mesma que é manifestada desde finais de 1979, em múltiplos factos: a) face à minicrise das Caraíbas, posterior à reunião dos Não-alinhados em Havana, Washington declarou que Cuba alojava forças de combate soviéticas pelo que era necessário voltar à linha dura na ilha. Pôde ser comprovado pouco tempo depois que esta alegação era infundada. b) Nessa mesma altura verificou-se uma maior atenção por parte dos Estados Unidos em relação à evolução da situação em El Salvador. O derrube do general Romero e o apoio à Junta cívico-militar foram acompanhados de todo um plano de asses-

soria e apoio contra-revolucionário numa atitude que contrastou com a relativa benvolência manifestada em relação ao sandinismo por altura do seu confronto final com Somoza. c) A formação da força de acção rápida «Carribe-Joint-Force» com aquartelamento na Florida e destinada a intervir em qualquer ponto da região em que «os interesses dos Estados Unidos se encontrarem ameaçados». d) A constituição de uma força conjunta entre os Barbados e Trinidad Tobago que, com o apoio do Pentágono pretende assegurar a ordem nas Caraíbas Orientais para evitar o aparecimento de movimentos populares soberanos como o de Granada.

Estes factos e muitos outros que evidenciavam um endurecimento da política norte-americana nas Caraíbas tiveram o seu reflexo também no Haiti onde se verificou uma intensificação da repressão. Isto pôde ser verificado já em Novembro de 1979 com a agressão permanente contra a Liga dos Direitos Humanos e que culminou em Novembro de 1980, a poucos dias da eleição de Ronald Reagan, com toda uma política de restauração do terror.

No âmbito desta nova orientação que aparece já durante o último ano de Carter verifica-se também o acordo Schweitzer-Guzmán-Duvalier, adoptado a partir da visita aos dois países do general Robert Schweitzer, chefe de Planos e Estratégicos do Pentágono e membro do Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos. Em virtude deste acordo o exército dominicano mais forte e melhor equipado tecnicamente que o seu homólogo duvalierista compromete-se a cooperar com este para assegurar a ordem na ilha.

Assim, nas suas múltiplas expressões e matizes a política norte-americana apoia decididamente o «statu quo».

Em resumo, a cooperação dos Estados Unidos nos sectores políticos, económicos e militares vem a ser um elemento decisivo de manutenção da ditadura. ■



Haiti e os «direitos humanos»



Os corpos policiais têm vindo a ser «modernizados».



Portugal insiste para Cuba comprar mais

O desequilíbrio nas relações comerciais entre Portugal e Cuba em 1981 foi analisado, recentemente, na quinta reunião da Comissão Mista Luso-Cubana.

Nas negociações a parte portuguesa sublinhou, que os objectivos prosseguidos de um maior equilíbrio das trocas comerciais a médio prazo e uma melhoria contínua da cobertura das relações económicas entre os dois países ainda não foram atingidos.

Para isso, é necessário que Cuba cumpra os compromissos assumidos de compras e encomendas, como contrapartida para a compra de açúcar cubano por parte de Portugal, lê-se no protocolo da referida reunião.

Em 1981, Portugal tinha as-

sumido o compromisso mínimo de adquirir 280 mil toneladas, e adquiriu 335 187 milhões de toneladas métricas de ramas de açúcar cubano.

O compromisso global assumido por Cuba para 1981 de adquirir um milhão de dólares de mercadorias portuguesas não foi cumprido.

Quanto à reparação de barcos cubanos em estaleiros portugueses, Cuba tinha um compromisso para o envio de três barcos, enviando apenas dois, com um valor muito inferior ao acordado.

Cuba, que tinha proposto um acordo englobando o ano de 1984, o que foi recusado por ser esse o ano da prevista adesão portuguesa ao Mercado Comum,

manifestou a sua preocupação sobre as consequências que a adesão à Comunidade Económica Europeia poderá ter sobre as exportações de açúcar cubano para Portugal.

No Mercado Comum há alguns excedentes de açúcar, produzido através da transformação de beterraba.

Como possíveis remédios para esta situação foi estudada a diversificação das compras portuguesas a Cuba.

Foi também anunciada que em breve será realizado um acordo entre um banco português e o Banco Nacional de Cuba para o financiamento de exportações portuguesas.

A próxima reunião desta comissão mista deverá verificar-se em Janeiro de 1983.

Em troca do petróleo

Boas perspectivas de aumentar as exportações para o Iraque

O Iraque está a demonstrar grande receptividade a produtos e serviços portugueses, enquanto empresas estatais iraquianas devem aumentar os seus contactos com o comércio e a indústria portugueses, inclusive com a deslocação mais regular dos seus dirigentes ao nosso País, a convite do Instituto de Comércio Externo.

Esta sensação global propiciadora de negócios mais aprofundados entre os dois países (recorde-se que o Iraque é o principal fornecedor de petróleo a Portugal) resulta, particularmente, da recente estadia entre nós do ministro iraquiano da Irri-gação, Abdul Mahnoudé que presidiu à delegação do seu país que participou nas reuniões da Comissão luso-iraquiana e que nesse quadro visitou algumas das principais empresas.

As maiores possibilidades de conquistar posições no mercado

iraquiano pertencem aos sectores da construção civil, obras públicas, estradas, habitações, barragens e indústrias agro-pecuárias.

Portugal tem exportado para o Iraque, além de armas e explosivos, minérios de urânio, medicamentos, celulose regenerada, madeira serrada, têxteis, condutas para instalações hidráulicas, cabos de alumínio, materiais de construção civil e telefones.

Portugal importa do Iraque petróleo, peles de carneiro, tapetes, cobertores, xarope de tâmaras e tâmaras.

O ICEP conta apoiar, novamente este ano, a participação de empresas portuguesas na feira de Bagdad, que se realiza em Outubro e onde o Iraque faz grande parte dos contratos de importação dos produtos de que necessita.

O comércio de Portugal com o Iraque era fundamentalmente

resultante das importações de petróleo até ter início a guerra que este país trava com o Irão, altura em que diminuíram os seus fornecimentos a Portugal.

Em 1981 as exportações portuguesas para o Iraque quase duplicaram diminuindo, assim, o défice comercial, que em 1980 só foi ultrapassado pelo dos Estados Unidos.

Este incremento das exportações portuguesas está relacionado com a abertura de uma delegação do ex-Fundo de Fomento de Exportação em Bagdad, em Julho de 1979.

Em 1981 o actual Instituto do Comércio Externo apoiou a visita de 40 empresários portugueses ao Iraque representando diversos sectores como a construção civil, curtumes, ferragens, electrónica e produtos farmacêuticos e promoveu a presença de 14 empresas na feira de Bagdad.

O Terceiro Mundo põe em causa países industrializados

O Terceiro Mundo põe abertamente em causa a política económica dos países industrializados que em vez de contribuírem para uma mais equilibrada distribuição de rendimentos acentuou ainda mais o desnível de desenvolvimento entre os hemisférios Norte e Sul.

As críticas apontam como principal alvo os Estados Unidos, cabeça do mundo industrializado, e foram formalizadas em Helsínquia durante as reuniões preparatórias da Reunião de Primavera do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Os países em desenvolvimento do «Grupo dos 24» (núcleo mais avançado do Terceiro Mundo) fizeram notar que o défice das balanças de

pagamentos dos países em desenvolvimento não produtores de petróleo se elevou de 39.000 milhões de dólares em 1978 para 100.000 milhões de dólares em 1982 e 1983, segundo as últimas estimativas do FMI.

O seu endividamento externo atingiu do mesmo modo a cifra máxima de 500.000 milhões de dólares no fim do ano passado, com um serviço da dívida que representa hoje a percentagem crítica de 20 por cento do valor das exportações.

Os peritos da Ásia, da África e da América Latina poliram as suas armas. Índia e Nigéria, no seio dos seus grupos, mostraram-se os mais resolutos, enquanto que os países latino-americanos, preocupados com a crise das Malvinas,

parecem menos críticos.

Consideram indispensável aumentar os recursos do Fundo mediante uma elevação das quotas dos 146 países membros e alargar o acesso a este — 200 por cento da quota parte por ano contra 150 por cento hoje.

Reclamam, também, um aumento dos abonos pelo Fundo dos Direitos de Saque Especiais (o papel-ouro do FMI calculado na base duma associação das cinco principais divisas internacionais) para os países pobres, de pelo menos 12.000 milhões de DSE anuais nos próximos anos.

Esta posição ofensiva do Terceiro Mundo é apoiada por alguns membros do clube dos ricos nomeadamente pelo governo socialista francês.

Bulgária, Checoslováquia e URSS são excepções

Economias do Leste sem crédito a Oeste

Entre os países socialistas da Europa, só a União Soviética, a Bulgária e a Checoslováquia estão ainda tecnicamente «habilitados a obter um certo financiamento por parte do Ocidente», isto é, com base na importância relativamente limitada das suas dívidas externas e dos seus serviços, segundo conclui o Instituto Privado de Investigações Económicas Wharton.

Num estudo feito para a re-

vista «Business Week» e inserido ontem, Wharton sublinha que os outros países da Europa de Leste «têm cada vez mais dificuldades em conseguir um reescalonamento das suas dívidas externas».

Segundo Wharton, o quadro «do fardo esmagador da dívida dos países do bloco socialista da Europa» apresenta-se como segue:

— Dívidas em divisas fortes para com o Ocidente (em mi-

lhares de milhões de dólares): Polónia: 22 600; Jugoslávia: 17 900; RDA: 12 800; URSS: 10 600; Roménia: 10 100; Hungria: 7 200; Checoslováquia: 3 400; e Bulgária: 2 000.

— Percentagem do serviço anual da dívida externa em relação às receitas das exportações visíveis e invisíveis: Polónia: 91; Jugoslávia: 24; RDA: 40; URSS: 7; Roménia: 38; Hungria: 46; Checoslováquia: 25 e Bulgária: 20.

ALMADA



ANTÓNIO FRANCISCO MONTEIRO
FALECEU

José António Neves Monteiro, mulher e filhos, Noémia Santos Cruz, filho, nora e netos, irmã, sobrinhos e mais família participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu ente querido e que o funeral se realiza amanhã pelas 16 horas, da Igreja do Pragal para o cemitério do Monte de Caparica.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
Telef. 2767583

POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa no próximo domingo, 16 de Maio, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Almada: — Pragal (olho de vidro), Monte de Caparica jornal (Fomega, Serrado, Porto Brandão, Costas de Cão, Felisberto, Monte de Caparica), Feijó (Amoreira), Trafaria (Sociedade, Bica, Enxurrada, Cabra Assada, Trafaria), Sobreda de Caparica (Guarda Mor), das 8h30m às 14h00m.

Almada, 10 de Maio de 1982

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul — ALMCM
José P. R. Nascimento



FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS
DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS
QUÍMICA E FARMACÊUTICA DE PORTUGAL

RUA FILIPE FOLQUE, 22, 5.º ★ TELEF. 57 28 16 ★ 1000 LISBOA

PRÉ-AVISO DE GREVE

A ADMINISTRAÇÃO DA EPSI
— EMPRESA DE POLÍMEROS DE SINES
AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

GREVE DE 48 HORAS

DAS ZERO HORAS DO DIA 18/5/82
AS 24 HORAS DO DIA 19/5/82

Considerando que a administração da EPSI continua obstinadamente a recusar as reivindicações justas apresentadas pelos trabalhadores nomeadamente, a negociação de um acordo de empresa

Considerando que a posição da empresa não tem em conta a vontade da esmagadora maioria dos trabalhadores expressa através dos vários pênalis efectuados para o efeito e que teve na greve realizada no dia 13 de Abril a prova inequívoca de que os mesmos não estão dispostos a abdicar daquelas reivindicações

As associações sindicais abaixo indicadas, a abrigo do Art.º 1.º n.º 2 da Lei 65 77 de 26 de Agosto e para os efeitos do Art.º 5.º da mesma Lei, decretam uma greve de 48 horas em toda a empresa, no período decorrente entre as zero horas do dia 18 e as 24 horas do dia 19 de Maio

Enquanto prosseguem os esforços diplomáticos

Aviação britânica atacou ontem as Malvinas

Apesar de na ONU, e em meios diplomáticos dos países envolvidos na busca de uma solução pacífica para o conflito das Malvinas, se referir por diversas vezes a existência de sinais de esperança, prosseguem os combates no Atlântico Sul.

Hoje de manhã em Londres, o Ministério britânico da Defesa anunciou o bombardeamento ontem de Port Stanley pelos caças «Harrier» enquanto em Buenos Aires fonte militar citada pela agência «Noticias Argentina» confirmava o naufrágio da fragata britânica lança-mísseis «Brilliant» atingida no passado dia 12 de Maio por uma potente bomba de 500 quilos lançada por um avião argentino. Entretanto, um oficial do porta-aviões «Hermes» desmentiu categoricamente ontem à noite que o navio tenha sido danificado, refutando assim informações provenientes de Buenos Aires sobre um ataque bem sucedido ao navio almirante da força de intervenção britânica.

A escalada militar, pela utilização de sofisticados meios, nomeadamente os mísseis de fabrico francês «exocet», parece sobrepor-se aos esforços de mediação. No entanto, o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, considerou como positiva a chamada a Londres para consultas do em-

baixador britânico junto das Nações Unidas. Segundo meios diplomáticos da ONU, sir Anthony Parsons irá apresentar ao seu Governo um plano de solução pacífica do conflito, que prevê a retirada simultânea das forças argentinas e britânicas. Segundo as mesmas fontes essa separação deveria efectuar-se sob a égide da ONU, a qual passaria também a controlar a administração provisória do arquipélago.

Contudo, nada permite concluir uma aproximação entre as posições de Londres e Buenos Aires. O ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, Costa Mendez, acusou ontem o Reino Unido de atrasar deliberadamente as negociações. Na Escócia, onde se encontra em visita de trabalho, a primeira-ministra britânica, sr.^a Margaret Thatcher, declarou ontem à noite que uma solução negociada para o conflito poderia eventualmente revelar-se inacessível. Thatcher considerou que não se punha a questão de «vender ao desbarato» as Malvinas, se bem que o Governo deseje «uma solução negociada».

A visita e o segredo

Enquanto isto, fontes diplo-

máticas interrogam-se sobre o significado da visita a Buenos Aires, mantida em segredo pelas autoridades argentinas e pela administração Reagan, do embaixador americano itinerante, general Vernon Walters.

Meios diplomáticos de Buenos Aires não acreditam que a visita de 48 horas do embaixador dos EUA esteja directamente relacionada com uma solução para o conflito. De acordo com fontes próximas do Governo argentino, a missão de Walters teria tido por objectivo assegurar o apoio da Casa Branca à posição negociadora do general Galtieri, face às pressões de certos sectores militares partidários da continuação dos confrontos armados com a Grã-Bretanha.



Os danos causados ao submarino argentino «Santa Fé», após os combates pela posse das Georgias do Sul, são bem patentes. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Cimeira Mitterrand-Schmidt com os olhos postos na CEE

O presidente francês, François Mitterrand lançou ontem um ataque velado à Grã-Bretanha por bloquear acordos no âmbito da Comunidade Económica Europeia.

Falando numa associação de Hamburgo, depois de conversações com o chanceler alemão federal, Helmut Schmidt, Mitterrand disse que a Europa não sobreviverá se os países alegarem sempre interesses vitais para vetarem acordos.

«A noção de interesses vitais não pode ser utilizada sempre, como alguns dos nossos parceiros fazem actualmente. De outro modo, teremos de falar da Europa no passado perfeito».

O presidente da França não mencionou especificamente a Grã-Bretanha, mas as suas palavras coincidiram com a chegada a Londres do ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, que vai pedir ao Governo britânico que deixe de bloquear os aumentos dos preços dos produtos agrícolas na

CEE.

A Grã-Bretanha está a atrasar a imposição dos aumentos para obrigar outros países da CEE a concordarem com uma redução na sua quota para o orçamento da Comunidade.

Referindo-se às relações Leste-Oeste, Mitterrand criticou aquilo que considerou o reforço soviético em mísseis na Europa, mas manifestou dúvidas quanto aos planos da NATO para estacionar novos mísseis na esteira.

«Preferiria que esta questão fosse resolvida pelo compromisso e pelo bom-senso e não pelo formalismo» — sublinhou.

O chanceler Helmut Schmidt disse que tinha dirigido um apelo à primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, para que deixasse de obstruir o acordo agrícola, por considerar que não é razoável associar as duas questões.

O dirigente alemão federal sentirá algum embaraço em ex-

plicar ao presidente francês a indecisão de Bona sobre o futuro do projecto franco-alemão para a construção de um tanque de combate destinado aos anos 90. Schmidt tem defendido energicamente o projecto, apesar da oposição generalizada do Parlamento, onde deputados dos três partidos ali representados o consideram excessivamente dispendioso e militarmente desnecessário.

Com uma nota de resignação, o chanceler declarou «pessoalmente, preferiria que o projecto vingasse, mas devo acrescentar que, para o curso previsível dos próximos anos, nós alemães,

não precisamos ainda de um novo tanque».

Parece provável que nas conversações em curso os dois dirigentes analisem a declaração dos objectivos de defesa e desarmamento da NATO a ser emitida depois da cimeira da Aliança que se realiza em Bona no dia 10 de Junho.

Para sublinhar que a França não pertence à estrutura militar integrada na NATO, Mitterrand assistirá ao jantar do Conselho do Atlântico, na véspera da cimeira, deixando que o seu primeiro-ministro, Pierre Mauroy, participe nas sessões de trabalho.

Namíbia

Bispos denunciam atrocidades da África do Sul

A maior parte dos namibios pensa que a África do Sul não tem o direito de administrar o território e considera as suas forças um exército de ocupação — indica um relatório divulgado sexta-feira em Pretória.

Os negros que vivem na zona operacional do norte da Namíbia, ao longa da fronteira angolana, recebem as forças armadas sul-africanas, mas não recebem os guerrilheiros da SWAPO, que há 16 anos travam uma luta de libertação nacional — afirma o relatório da Confederação Episcopal Católica da África Austral.

Cópias do relatório dos bispos que recentemente se deslocaram à Namíbia foram enviadas ao primeiro-ministro Pieter Botha e a representantes do grupo ocidental de contacto: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Canadá e Alemanha Federal.

O relatório refere diversos testemunhos pessoais de alegadas atrocidades de soldados sul-africanos, incluindo tortura, violação e saque.

Uma das constatações dos prelados católicos da África Austral é a de que a SAWPO ganharia quaisquer eleições justas que se realizassem na Namíbia.

«O Ocidente poderia tornar-se a influência externa predominante se adoptasse uma atitude amistosa e útil» — acrescentam os bispos.

Os namibios pensam que a África do Sul não tem sido séria quando se fala de conceder a independência ao território — prosseguem os autores do documento.

A delegação consultou cerca

de 180 pessoas, em representação de uma grande parte dos partidos políticos namibios, e conferenciou com o administrador-geral do território, Danie Hough, bem como com o comandante das forças armadas ali destacadas, general Charles Lloyd.

O relatório inclui uma resposta escrita do primeiro-ministro Botha que declarou que a África do Sul crê que os namibios devem decidir o seu próprio futuro. Mas que não poderá haver eleições enquanto não houver paz no território.

Um informador das forças armadas sul-africanas declarou entretanto, que uma comissão de inquérito foi já estabelecida este ano para investigar alegadas atrocidades cometidas na Namíbia pelas tropas da África do Sul.

Ataque a Angola

Jactos sul-africanos destruíram no solo um helicóptero militar soviético, durante um ataque a Angola — anunciaram ontem as forças armadas da África do Sul.

O comando militar sul-africano, em Pretória, não por menorizou porém quando ou precisamente onde é que foi esse ataque, apenas havendo dito que o aparelho estava armado e que andava em serviço de apoio à organização namibiana SWAPO.

Nada mais foi acrescentado sobre a referida acção sul-africana, para além do aviso de que Pretória continuará a exercer represálias sobre quem apoiar a SWAPO.

Prisões na Polónia

Foram detidas 97 pessoas e «internadas» quinze, na sequência das manifestações e incidentes de quinta-feira, no centro e no bairro velho da cidade de Varsóvia — declarou, na sexta-feira, o porta-voz da milícia da capital polaca, entrevistado pela TV.

O porta-voz não deu pormenores sobre os novos casos de internamento. Segundo afirmou, 50 pessoas teriam sido já entregues aos tribunais, tendo 47 sido postas em liberdade.

Por outro lado, um capitão da milícia afirmou que «várias centenas» de motoristas serão entregues aos tribunais de Polícia arriscando-se a que lhes sejam apreendidas as cartas de condução. Segundo o capitão, esses motoristas terão sido fotografados, e as placas de matrícula registadas pela Polícia, quando buznavam, em uníssono, no maior cruzamento de Varsóvia.

Entretanto o governo polaco declarou ontem que está determinado a promover a concórdia nacional, mas manifestou a sua oposição ao que qualificou de «actividade destruidora».

O comunicado governamental, surgido um dia depois de manifestações em todo o país assinalando a entrada no sexto mês de lei marcial, afirma:

«Apesar de tentativas de perturbar a ordem por parte de grupos extremistas hostis aos interesses da sociedade, as autoridades estatais estão determinadas a consolidar a plataforma de acordo nacional».

A nota culpa pelas acções de sexta-feira pessoas que desafiam a lei marcial através de actividade ilegal contínua e que gozam do apoio de círculos políticos ocidentais empenhados na desestabilização da Polónia.

Detido membro do «Solidariedade»

Catorze «antigos membros» do «Solidariedade» que se entregavam clandestinamente a «actividades ilegais» foram ontem detidos pela Polícia polaca, em Belcha Tow — anunciou a agência oficial polaca PAP.

Segunda a agência, os 14 sindicalistas efectuaram, depois da proclamação do estado de sítio na Polónia, «numerosas reuniões tendentes a criar uma estrutura clandestina do sindicato».

Por outro lado, teriam impresso e distribuído folhas noticiosas, panfletos e cartazes onde «atacavam as autoridades e as decisões do Conselho Militar de Salvação Nacional». Segundo a Polícia polaca, teriam sido igualmente descobertas duas tipografias clandestinas.

A metamorfose de Billy Graham

Considerado durante muito tempo um anticomunista notório que via no marxismo «a obra do demónio» o pregador evangelista, Billy Graham, deixou atónitos em Moscovo os correspondentes de imprensa americanos, ao fazer comparações audaciosas, assumindo, ao mesmo tempo, posições surpreendentes.

Falando numa conferência de Imprensa à margem da conferência religiosa sobre o desarmamento, cujos trabalhos decorrem actualmente em Moscovo, o pregador americano afirmou peremptoriamente haver mais fiéis nas igrejas de Moscovo, do que nas de Charlotte (sua cidade natal) na Carolina do Norte, medindo, por outro lado, o progresso na URSS pelo cavar que lhe servem em todas as refeições.

«No meu país — disse Billy Graham, que já em 1959 se deslocara a Moscovo na qualidade de turista — é preciso ser milionário para saborear o caviar».

O pregador evangelista, que visitou duas igrejas ortodoxas e celebrou dois ofícios

religiosos no passado domingo, afirmou a convicção de que existe liberdade religiosa na URSS e de que nos milhares de igrejas existentes no país, os serviços religiosos são celebrados de harmonia com os votos expressos pelos fiéis.

Antes de empreender a sua viagem a Moscovo, Billy Graham anunciara o propósito de testemunhar a sua solidariedade com todos os soviéticos vítimas de perseguições religiosas. Na conferência de Imprensa, limitou-se a pedir-lhes que «perdoassem e esquecessem», recusando-se, mesmo, a discutir com os seis pentecostistas soviéticos refugiados há já quatro anos na Embaixada dos Estados Unidos a sua situação política. «Não há esperança — disse-lhes — resta apenas a oração».

Convidado a comentar o caso de uma cidadã soviética que assistia ao seu ofício religioso no passado domingo, e foi detida por ter arvorado um dístico a reclamar a libertação de 150 presos por motivos religiosos, o pregador ameri-

cano observou — «há múltiplas razões para prender pessoas. Fazêmo-lo também nos Estados Unidos quando alguém comete um delito. Nas cerimónias religiosas a que presido no meu país acontece, por vezes, haver alguém que as perturba, o que obriga à intervenção da Polícia».

Billy Granham, única individualidade convidada para a Conferência sobre o Desarmamento a dispor de um «Zil» descapotável — o carro reservado às primeiras figuras do regime soviético — foi recebido por Boris Ponomarev, membro suplente do Politburo.

Nessa ocasião disse que, ao regressar aos Estados Unidos levará na sua bagagem «os pontos de vista mais positivos» após esta «luminosa experiência».

«A conferência religiosa de Moscovo — explicou o pregador americano à Imprensa — debruça-se exclusivamente sobre o problema da Paz, «não se perdendo nos meandros da confrontação ideológica e nos discursos políticos que são da alçada das Nações Unidas».

Israel concentra forças na fronteira libanesa

O general Raphael Eytan, chefe do Estado-Maior israelita, declarou, numa entrevista publicada ontem, que havia concentrado «forças importantes» junto à fronteira com o Líbano.

Por outro lado, o primeiro-ministro, Menahem Begin, citado pela emissora das Forças Armadas israelitas, revelou ao ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Emilio Colombo, de visita a Israel, que o seu governo concedeu uma ajuda militar de cem milhões de dólares, nos últimos anos, aos seus aliados cristãos do Líbano.

Peritos desactivaram ontem uma bomba potente no centro de Jerusalém, ao mesmo tempo que o chefe do Estado-Maior israelita confirmava a concentra-

ção de forças na fronteira libanesa para uma possível operação antiguerilha.

A bomba de relógio, de quatro quilos, foi encontrada numa cabine telefónica próximo da praça Sion, no sector judeu da cidade, e as ruas vizinhas foram encerradas enquanto uma equipa da polícia passava revista ao local para ver se havia mais explosivos.

Outra bomba rebentou quinta-feira num posto militar em Beit Guvrin, a sul de Israel, mas não causou vítimas — anunciou rádio Israel.

Os últimos incidentes voltaram a levantar o espectro de uma acção militar israelita contra guerrilheiros palestinos com bases no Líbano.

Pacifistas detidos em Londres



Polícias detêm uma manifestante em Londres

A Polícia londrina deteve, na sexta-feira, duas dezenas de manifestantes pacifistas que protestavam contra as armas nucleares e se manifestavam a favor da paz.

Diversos manifestantes apresentavam-se mascarados de palhaços, outros de índios. Tocaram guitarra e tambores, em pleno centro de Londres, diante do Supremo Tribunal de Justiça, acompanhados por várias crianças.

Os manifestantes ostentavam

bandeiras e cartazes onde se podia ler: «Os governos são impotentes: os comerciantes de armas dirigem o mundo. Prendam-nos».

Na mesma sexta-feira, o Supremo deveria decidir sobre a oportunidade de expulsar um grupo de mulheres que desde há oito meses acampam em Newbury, a leste de Londres, de frente das portas de uma base americana onde, segundo essas mulheres afirmam, deverão vir a ser instalados mísseis de cruzeiro.

Asilo político para guerrilheiros guatemaltecos

O governo mexicano concedeu asilo político aos guerrilheiros guatemaltecos que, na quarta-feira, ocuparam a Embaixada do Brasil na Guatemala, foi ontem oficialmente anunciado na capital mexicana.

Um porta-voz oficial disse que eram 13 os guerrilheiros a quem foi concedido asilo político depois de terem chegado ontem ao princípio da tarde a Merida, no Sudeste do país.

A agência noticiosa mexicana chegou a anunciar que o avião da Força Aérea guatemalteca

com os guerrilheiros e reféns se dirigia para Havana depois duma escala em Merida.

A concessão do asilo político aos membros do comando foi confirmada aos jornalistas pelo responsável local dos serviços de migração do Secretariado do governo mexicano, Joaquín Tenreiro.

Os autores do sequestro foram acolhidos em Mérida pelas autoridades mexicanas e instalados no segundo andar do terminal do aeroporto esperando ser conduzidos para o México.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

q semana

Médio Oriente

As exigências da unidade

A guerra das Malvinas não serve apenas para ensinar os almirantes a prepararem as futuras batalhas nos mares. Também não serve só para enferrujar o Governo da «Dama de Ferro», para afundar os generais argentinos, para liquidar o pacto do Atlântico Sul, para obrigar os latino-americanos a reverem as suas relações com o **big brother**. A guerra das Malvinas está ainda a ser utilizada para transformar todos os outros acontecimentos mundiais em museus encerrados que só podem ser visitados de pantufas. Enquanto as agências alimentam os jornais de malvinas, as chancelarias movimentam-se em pontos nevralgicos do globo, protegidas pelo semi-silêncio dos seus passos. Assim está a acontecer no Médio Oriente, onde os piores da fita, desta vez, não são os sionistas.

Se os EUA se encontram em perda de posições na América Latina, conseguiram, com o estacionamento de efectivos da 82ª divisão aerotransportada em Charm-El-Cheik, uma vitória estratégica de grande alcance. Mas não se ficam por aí. Preparam-se para o domínio estratégico global da zona. Uma luzida delegação militar e civil de 84 elementos encetou no Marrocos as primeiras conversações no quadro do «comité militar conjunto» formado em Janeiro deste ano entre Washington e Rabat. O rei Hassan II, que até agora recebia auxílio militar directo de 25 a 45 milhões de dólares, vai ser pago a 100 milhões/ano. A Tunísia, por sua vez, é seduzida por 85 milhões anuais. No Golfo, os EUA já firmaram acordos militares conjuntos com a Arábia Saudita, o Omã, e vão brindar o Bahrein com caças F-5. Através da Arábia Saudita, estão os EUA militarmente ligados ao Conselho de Cooperação do Golfo. A Jordânia, embora tenha anunciado uma compra de armas a Moscovo, tem igualmente o seu «comité conjunto» com os EUA.

Last, but, not least, o Iraque dificilmente poderá manter-se em posição de firmeza. O próprio presidente Saddam Hussein revelou há duas semanas a jornalistas koweitanos em Bagdad que o Egipto passou a fornecer-lhe directamente as armas que até agora lhe proporcionava através de terceiros. Na mesma ocasião, Hussein revelou estar disposto a juntar-se ao Conselho de Cooperação do Golfo e lançou um apelo ao «auxílio árabe» na sua guerra contra o Irão. O único país árabe em condições de prestar ao Iraque o «auxílio directo» que este parece estar a solicitar é o Egipto, que, deste modo, teria um excelente meio de se reconciliar com os irmãos «moderados» falsamente zangados com o Cairo, depois dos acordos de Camp David. Esta hipótese, por mais bizarra que pareça não é de excluir, embora pessoalmente não disponhamos de dados que nos permitam fazer previsões neste sentido.

Mas vá ou não o Egipto em socorro directo do Iraque numa guerra que os países árabes progressistas tenham todo o interesse em ver terminar, as declarações de Saddam Hussein são muito graves: ao referir a hipótese de o seu regime entrar no Conselho de Cooperação do Golfo, está a anunciar, quer pretenda ocultá-lo, quer não, uma mudança radical da sua política no contexto israelo-árabe. Ironia suprema do destino seria vermos agora o Iraque alinhar pelo «consenso estratégico», graças ao qual o seu centro nuclear de Tuz foi bombardeado. A verdade é que este caminho previsível do Iraque foi uma condenação a que o regime de Bagdad se submeteu quando se deixou arrastar sabe-se lá por que maneios! — para uma guerra que economicamente não podia conduzir sozinho e através da qual os inimigos da nação árabe sabiam que iriam fracturar irremediavelmente a Frente da Firmeza.

Uma coisa é certa: nunca como agora os EUA se encontram em tão boas relações com tantos Estados árabes ao mesmo tempo. E isto, apesar de não terem feito qualquer concessão aos interesses essenciais dos árabes. Uma vez mais, a nação árabe se mostra incapaz de se unir em torno de interesses comuns, mas disposta a alinhar maioritariamente por um consenso estabelecido à volta dos objectivos... sionistas.

Este fenómeno aberrante tem duas explicações: os interesses de classe dos clãs dirigentes da maioria desses Estados e a fragilidade económica de cada país árabe, isoladamente considerado.

Não surpreende por isso que os dirigentes árabes cruzados da ideia da unidade, defendam essa unidade, considerando como condições prévias, para que ela seja alcançada o estabelecimento de regimes democráticos e a cooperação aprofundada entre os diversos Estados.

A experiência presente demonstra, uma vez mais, que não pode haver unidade entre um Estado como a Líbia, o Iémen, a Argélia, e os regimes feudais, como os do Golfo, irmãos gémeos daqueles que foram destronados pelas revoluções democráticas nacionais dos Anos 50 e 60-70.

A retórica do apoio à causa palestina, o próprio auxílio monetário à OLP, prodigalizados por esses regimes, em nada alteram a sua essência de aliados objectivos de Israel, na medida em que todos os seus interesses coincidem com os dos EUA. A dependência militar desses regimes face a Washington, a imbricação dos seus laços económicos com o Ocidente leva-os a agir como aliados dos EUA e inimigos dos outros países árabes que procuram uma via não capitalista de desenvolvimento e uma política externa, progressista. O modo como os sauditas agem com o seu petróleo é um exemplo muito concreto do que afirmamos. Inundando o mercado de petróleo, criando uma superoferta artificial dessa matéria-prima, que é a única arma económica dos árabes, Riade está conscientemente a sabotar os esforços de desenvolvimento dos países árabes e do mesmo passo a enfraquecê-los militar e politicamente. E isto em prejuízo da própria economia saudita que a longo prazo se vê exaurida das suas reservas. E isto para investir grande parte dos rendimentos do petróleo na compra de armas, financiando assim, as empresas que fornecem a Israel os meios de agredir a nação árabe.

A própria natureza desses regimes obriga-os a uma aliança objectiva com o imperialismo, e, por essa via, com Israel. Porque os governantes árabes feudais têm como inimigo principal o seu próprio povo, isto é, exactamente, as massas populares que os

EUA mais temem. O orçamento saudita para 1983 consagra 27 mil milhões de dólares (contra 24 mil milhões deste ano) às despesas com a «segurança externa e defesa interna». O pretexto para a segurança externa é... a presença soviética no Afeganistão. E os receios quanto à segurança interna provêm da revolução iraniana e do seu poder de atracção sobre as camadas espoliadas do reino.

É interessante, notar, a propósito, que a Administração Reagan já compreendeu qual a melhor maneira de levar os regimes árabes feudais para o seu aprisco: segundo o «International Herald Tribune» de 15 de Fevereiro passado, o secretário de Defesa, Caspar Weinberger, disseminou na Arábia Saudita, no Omã, e na Jordânia um novo conceito. Agora a ênfase já não é posta na «ameaça soviética» mas na «subversão interna» que os EUA consideram como o maior perigo para os seus interesses vitais na área.

Compreende-se assim que uma das exigências prévias para haver real e efectiva unidade árabe é a queda de regimes como os descritos.

Mas isso não basta. O único meio de os países árabes vencerem o atraso que os separa de Israel e conseguirem ganhar a corrida à «modernidade» é o de instaurarem uma efectiva e profunda cooperação, de tal modo que os recursos naturais de uns sejam explorados, graças aos recursos financeiros de outros.

A «riqueza» e o «poderio económico» dos estados árabes produtores de petróleo são um verdadeiro mito. Eis o que a esse respeito escreve John Andrews em «Middle East Annual Review»: «Os Estados petrolíferos do Golfo possuem, a aparência superficial de riqueza — dinheiro que se acumula mais rapidamente do que pode ser gasto e que se deprecia constantemente devido às tendências inflacionistas do mundo ocidental. A riqueza real falta quase totalmente: não há indústrias que actuem como bens nacionais auto-regeneradores; não há agricultura; há uma precária infra-estrutura básica, de recente instauração; há uma estreita pirâmide de nível educacional.»

Neste panorama só dois países da região **apresentavam** perspectivas de vir a alcançar os níveis do mundo industrializado: o Iraque e o Irão. Que aconteceu? Esses dois países estão a autodestruir-se há quase dois anos... (Terá sido por mero acaso?).

Há tempos alguém me perguntou: «Já pensaste o que seria um país com a terra do Sudão, o povo do Egipto e o dinheiro da Líbia?».

A ideia neste momento é absolutamente irrealizável e pertence ao domínio da ficção política. Mas esses três países, integrados numa unidade política, cooperando a altos níveis de integração económica, constituiriam, fora de toda a dúvida, a prazo relativamente curto, um gigante. Porquê? O Sudão é o país africano que dispõe de maiores recursos em excelente terra arável. Quanto ao Egipto, «exporta» só para o mundo árabe cerca de dois milhões de trabalhadores e muitos dos seus quadros não encontram no interior do país ocupação adequada para a sua formação. A Líbia, por sua vez, rica em petróleo, interessada prioritariamente em industrializar-se e em constituir um potencial agrícola, depara com o problema da falta de mão-de-obra.

Seria ridículo e infantil pensar que o problema do mundo árabe se solucionaria juntando assim países numa unidade nacional e económica à força. Mas do que não restam dúvidas é de que as dificuldades de desenvolvimento industrial e agrícola, de formação de quadros, de criação de uma adequada estrutura de mão-de-obra, de financiamento, terão de ser resolvidas no quadro de uma cooperação muito mais profunda e avançada que a mera «integração» à europeia. As aparentes «loucuras» de certos dirigentes árabes do passado e do presente, que clamam a necessidade de «fusões» entre Estados, não têm nada de «loucas»: são meras constatações de um facto. Se os processos encontrados para levar a cabo essas fusões merecem em muitos casos críticas por padecerem de um espontaneísmo fadado ao falhanço, não deixam por isso de partir de uma clara noção das necessidades prementes da nação árabe.

Na luta entre árabes e israelitas há um aspecto que tende muitas vezes a minimizar-se — o fosso que separa essas duas culturas. Dum lado, está uma potência maciçamente auxiliada pelos EUA, poderosamente ligada a grandes interesses financeiros mundiais, dotada de quadros muitas vezes formados à custa de outras economias, uma potência, que, para sobreviver num meio hostil, se «super-ocidentalizou». Do outro lado, estão povos de uma área cultural diferente, sofrendo as consequências da colonização e do neocolonialismo, procurando em poucos anos adaptar-se a uma civilização tecnológica que lhes é imposta do exterior, na qual se lançam com grande atraso e em condições adversas tanto do ponto de vista dos recursos naturais como dos humanos.

Os «visionários» que lutam pela unidade política e económica do mundo árabe sabem muito bem por que lutam. Tal como o imperialismo sabe muito bem aquilo que faz, quando põe o Irão e o Iraque guerreando-se mutuamente, quando coloca o Egipto na órbita ocidental, quando estimula os regimes feudais, quando ataca as instalações tecnologicamente avançadas do mundo árabe. A guerra do Ocidente contra os árabes não se trava apenas na frente militar. Trava-se também — ou talvez sobretudo — na frente económica. É aí que os árabes terão de concentrar os seus esforços. A vitória sobre os consensos, as traições e as tentativas de domínio estratégico global não pode ser encarada em termos militares. Passa, antes do mais, pelo derrube dos regimes que se bandeiam com o inimigo e pela conquista de uma riqueza que não seja apenas aparente miragem de petrodólares acumulados nos bancos e em perpétua perda de valor. Passa, em suma, por qualquer coisa de semelhante àquela ficção política a que aludimos: a terra do Sudão, o povo do Egipto, o dinheiro da Líbia.

Alice Nicolau

DESPORTO

Mundial hoquista

Portugal até ao fim da "corrida"

Portugal e Espanha continuam na corrida para o título mundial de hóquei em patins. Após a nona jornada disputada ontem, mas a selecção portuguesa voltou a desiludir o público a semelhança do que acontecera quinta-feira.

Portugal derrotou Angola por 5-2, mas mais importante do que ter marcado apenas cinco golos foi o facto de ter consentido dois, o que expressa a fraca actuação do conjunto nacional.

A selecção de Angola, última classificada, que nos oito jogos anteriores apenas tinha obtido golos — menos de um golo por jogo — marcou frente a Portugal dois tentos.

Portugal mantém-se na corrida até ao fim, aguardando-se o embate derradeiro com a Espanha, amanhã.

Esperava-se que a selecção dos Estados Unidos desse mais réplica à Espanha e criasse mais situações de perigo, mas os espanhóis acabam por ganhar por 6-4, num jogo disputado em muita velocidade.

Com grande plano, continuam os chilenos que ao vencerem a RFA, por 1-0, devem ter garantido, no mínimo, o 4.º lugar, podendo ainda disputar o terceiro posto com a Argentina, que obteve uma difícil vitória sobre a Holanda, também por 1-0.

A Itália ao derrotar o Brasil por 4-1, num jogo em que os transalpinos estiveram sempre em vantagem, aproximou-se do 5.º lugar, estando agora a um ponto dos Estados Unidos.

Alemanha Federal e Suíça estão em luta pelo 7.º lugar. Os suíços ganharam a Colômbia por 7-5 e estão a um ponto dos germaníacos, enquanto a Holanda no 8.º lugar com seis pontos vem confirmando que se frente aos tradicionais «grandes» consegue jogar à altura das suas potencialidades.

O Brasil poderá ainda subir dois lugares na tabela, atendendo aos jogos que lhe faltam disputar com a Holanda e Alemanha Federal.

Colombianos e angolanos aguardam o jogo entre si para discutirem as suas últimas posições, mas uma certeza já existe: ambos os conjuntos descem ao grupo «B» no próximo mundial, dado que no grupo «A» só estarão presentes as dez primeiras equipas.

O espanhol Centell lidera a lista dos melhores marcadores com 26 golos, seguido do brasileiro Vítor Santos e do português Leste, com 12 e 11 golos, respectivamente.

Portugueses assobiados

Sobre o encontro de Portugal com Angola, so a poucos minutos do intervalo, Chana conseguiu com remate de longe, fazer 1-0 o que explica a falta de soluções atacantes da turma portuguesa que, à medida que o tempo ia passando, se sentia impotente para perfurar a bem organizada defensiva angolana.

Enquanto tiveram forças, os angolanos foram explorando em perigosos contra-ataques os passes transviados dos portugueses.

No segundo tempo aos seis minutos, Leste aumentou para 2-0, o que permitiu que o «cinco» comandado por António Livramento reduzisse o andamento do jogo.

Os angolanos conseguiram ainda reduzir a desvantagem mas os portugueses superiorizaram-se explorando da melhor forma a inferioridade física e técnica dos seus opositores.

Novo abrandamento no ritmo do jogo possibilitou que a selecção de Angola obtivesse o segundo golo.

A selecção portuguesa entre vaia e assobios terminou o encontro poupando energias para o jogo decisivo com a Espanha.

Sob a direcção do espanhol Alos alinharam e marcaram.

Portugal: Franquelim, José Carlos, Fernando Pereira, Leste (1), Cristiano (1), Chana (3) e Sobrinho.

Angola: Santos, Teles, Domingues (1), Damásio (1), Santana Julião e Araujo.

Massari e a beleza do hóquei

O treinador da selecção italiana de hóquei em patins afirmou que as alterações aprovadas na última assembleia geral do CIRH, em Ofir, não prejudicam a modalidade.

O italiano Massari, adiantou, contudo, que o facto de se poder jogar com os patins dentro da área retira beleza ao hóquei, já que esta medida só beneficiará às selecções mais dotadas atléticamente.

Citando as equipas de Portugal, Espanha, Itália e Argentina, Massari considera que estas (as melhores do ponto de vista técnico) vão sentir cada vez mais dificuldades para construir resultados positivos e embelezarem a modalidade.

Para este responsável, a alteração às regras do jogo, só pode beneficiar selecções como o Chile, RFA, EUA e Holanda, que «jogam mais a base da força do que da técnica».

embora «possuam bons patinadores».

Exactamente por isso, Massari considera que este Mundial a disputar-se em Barcelos «extraordinariamente bem organizado», foi pior que os anteriores.

Utilizou-se muito a força e a robustez física em detrimento da técnica e da táctica, disse sublinhando que o piso, bastante irregular, muito deve ter contribuído para tal.

-base ser do Barcelona, onde os seus elementos jogam juntos há bastantes anos — disse.

Para o técnico italiano, a selecção espanhola revela muita maturidade e, por isso mesmo, tem um jogo muito frio e calculista, mostrando-se em cada jogo indiferente ao ambiente que lhe é adverso.

Massari considera que Trullols é o guarda-redes mais forte.

Se fosse o responsável por uma selecção mundial não



Angola: uma certa maneira de fazer desporto

A selecção portuguesa que é muito boa tecnicamente teve na pista o seu principal adversário em todos os jogos que disputou, já que a bola saltava muitas vezes — referiu Massari.

Esta dificuldade foi importante para a turma de Livramento que, frequentes vezes, perdeu a concentração e não podia pôr em jogo toda a sua gama de recursos técnicos — sublinhou.

Para Massari, a Espanha é a equipa mais forte deste mundial.

É um conjunto muito compacto, unido e possui um jogo muito mecanizado, que lhe advém do facto da equipa

ter dúvidas em escolhê-lo, disse, adiantando a sua equipa-favorita, pelo que lhe foi dado observar nesta prova: Trullols, Fernando Pereira, Torner, Chana e Agüero.

Mas Massari foi mais longe, escolheu mais cinco hoquistas como suplentes: Ramalheite,

Sobrinho, Vila Puig, Cristiano e Leste.

O treinador italiano, revendo a sua selecção, afirmou que agora está pior que em Montreux.

«Nesse torneio, a 'esquadra' estava na sua melhor forma de sempre — sublinhou, adiantando que em Barcelos sentiu-se a ausência de Belli, por problemas militares, e as quebras físicas de Marzella, Colamaria, com fortes dores de dentes há sete dias, e dos restantes elementos» devido, sobretudo «à sua juventude».

Esta selecção italiana poderá vir a ser, num futuro muito próximo, «tão forte como as de Portugal e da Espanha», disse.

«Tornar-se uma modalidade olímpica será a maior fortuna que o hóquei em patins poderá vir a ter» — considera Massari que deposita grandes esperanças na influência decisiva que o presidente do Comité Olímpico Internacional, o espanhol Samaranch, venha a ter sobre este assunto.

Com este espanhol, a modalidade tem a grande e única oportunidade de se tornar olímpica, uma vez que o hóquei no seu país é a segunda disciplina mais forte a nível desportivo — sublinhou.

Classificações

Resultados dos jogos disputados sexta-feira a contar para a fase final (Grupo A) do Mundial de Hóquei em Patins, em Barcelos:

Alemanha Federal - Chile 0-4 (0-1 ao intervalo); Colômbia - Suíça 5-7 (1-4); Holanda - Argentina 0-1 (0-1); Itália - Brasil 4-1 (2-1); Espanha - Estados Unidos 6-4 (3-1); Portugal - Angola 5-2 (1-0).

1.º Portugal	9	8	1	0	48-11	17
2.º Espanha	9	8	1	0	55-16	17
3.º Argentina	9	7	0	2	35-16	14
4.º Chile	9	5	3	1	43-25	13
5.º EUA	9	4	3	2	26-21	11
6.º Itália	9	4	2	3	24-26	10
7.º RFA	9	4	0	5	24-24	8
8.º Suíça	9	3	1	5	18-29	7
9.º Holanda	9	2	2	5	18-28	6
10.º Brasil	9	2	1	6	35-36	5
11.º Colômbia	9	0	0	9	22-76	0
12.º Angola	9	0	0	9	8-48	0

Resultados dos jogos da fase final (Grupo B) do Campeonato Mundial de Hóquei em Patins a decorrer em Barcelos: Japão - Guatemala, 8-0 (6-0 ao intervalo); Nova Zelândia - Venezuela 4-1 (2-1); Austrália - Irlanda, 19-2 (7-1); Canadá - México, 4-5 (3-1); França - Inglaterra, 10-5 (2-4).

Classificação

	J	V	E	D	G	P
1. França	8	8	0	0	107-17	16
2. Inglaterra	8	6	1	1	88-21	13
3. Austrália	8	6	0	2	68-26	12
4. México	8	5	1	2	48-27	11
5. N. Zelândia	8	4	2	2	34-22	10
6. Japão	8	4	0	4	27-31	8
7. Canadá	8	3	0	5	47-31	6
8. Venezuela	8	2	0	6	21-49	4
9. Irlanda	8	0	1	7	14-102	1
10. Guatemala	8	0	1	7	10-110	1

Segue-se a Itália

A Itália organiza em Outubro de 1984 a 26.ª edição do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, revelou o Comité Internacional de Rink-Hockey.

As selecções classificadas nos dez primeiros lugares no campeonato que termina amanhã em Barcelos ficam qualificadas para o Mundial-84: Portugal, Espanha, Argentina, Chile, Estados Unidos, Itália, Alemanha Federal, Holanda, Brasil e Suíça.

O delegado da Federação italiana, Citterio, disse que o Campeonato vai disputar-se em uma das quatro cidades que indicou: Roma, Milão, Novara ou Bolonha.

O dirigente italiano adiantou que o Palácio dos Desportos de Roma, com capacidade para 25 mil espectadores, onde se disputou em 1981 o campeonato mundial de voleibol, é o local favorito. O pavilhão de Milão comporta 15 mil pessoas.

O Brasil, que se candidatou juntamente com Argentina, Espanha e Portugal organizará o Mundial de 1986, na cidade de São Paulo. O grupo B do Mundial de 1984 deverá disputar-se em França.

Nacional de andebol

Benfica e Encarnação: espinhos para o Norte

Estão marcados para hoje e amanhã os jogos da 6.ª e 7.ª jornadas do campeonato nacional da I Divisão de andebol (fase final) com que termina a primeira volta da prova.

O Sporting, líder isolado e o Belenenses recebem a visita do S. Mamede e do Póvoa, equipas que a priori não reúnem capacidade para desfeitar os lisboetas nos seus redutos. É de esperar, contudo, uma oposição enérgica por parte dos mamedenses, um grupo bem estruturado e que tem como ponto forte, habitualmente, uma organização defensiva eficiente.

O Benfica e o Encarnação viajam a Espinho e ao Porto, onde encontrarão imensas dificuldades para regressar vitoriosos. Nomeadamente nas Antas, os grupos lisboetas, vão ser sujeitos a trabalho árduo e a uma aplicação sem quebras para dominar o conjunto portista, este a necessitar de uma recuperação imediata para conservar ainda al-

gumas esperanças de luta pelo título.

A dupla jornada dará como síntese a permanência dos «leões» no comando da prova e por hipótese a dilatação da sua vantagem em relação ao Benfica (2.º classificado) consoante os resultados dos «encarnados» no Norte.

Picard

«Montanha Clube»

A partida e divulgação do ténis, tiro ao arco, crosse, motocrosse, golfe, hipismo e outras modalidades são os principais objectivos de uma colectividade criada em Monchique, Algarve, denominada «Montanha Clube». A associação pretende a promoção turística e cultural de Monchique, bem como organizar excursões pelo país e pelo es-

trangeiro, para os seus associados.

Galardão para Aida

A Câmara Municipal da Guarda concedeu a medalha de honra da cidade à xadrezista guardense Aida Ferreira.

Aida Ferreira, do Grupo de Xadrez da Guarda tornou-se recentemente bicampeão nacional da modalidade.

O sonho

Esta noite tive um sonho: a selecção de Portugal havia feito uma grande exibição frente à estreante selecção de Angola, havia conseguido juntar ao resultado o sabor da exibição. Foi um belo sonho, envolvido pelo nevoeiro de Ofir que vestiu a orla marítima às primeiras horas do dia de hoje. Quando acordei nem tempo tive de saborear as delícias do sonho: a realidade abriu-me os olhos e vi que tudo isso não passava de um sonho.

Mas a hora não é de sonhos: a hora é de realidades e esta diz-me que há que ser exigente.

Vamos então às exigências: oito anos depois (a última vez foi em 1974) vamos partir para a última jornada de um campeonato do mundo com hipó-

teses de ganhar. E temos de acreditar na possibilidade de ganhar, já que desta vez nada faltou a quem, lá dentro, vai fazer o melhor ou o pior.

O plano previamente aprovado foi cumprido quase na íntegra.

Houve dinheiro para pagar o que necessário se teve como imprescindível.

Fomos a Montreux testar jogadores planos tácticos, esquemas técnicos, a possibilidade de concentrar os nossos jogadores nos melhores hotéis consoante os desejos da dupla responsável. O campeonato teve como cenário o palco ideal do entusiasmo e da vibração populares. Aceitamos-se como natural o não se ter ganho Montreux: a meta era o mundial e ei-la agora à vista.

O que é preciso para se chegar em primeiro?

A resposta não é minha, vai ser deles, amanhã ao cair da tarde. Pouco importa o resultado de logo à noite frente aos Estados Unidos: o que importa é domingo à tarde.

O sonho de 16 poderá ser lindo. Como a festa poderá ser, se o motivo for cumprido.

Barcelos vai ficar acordada esta noite: porque amanhã à tarde vai começar bem cedo, quando os portões se abrirem e cerca de dez mil entusiastas invadirem (pacificamente) os seus lugares.

Oito anos depois é possível repetir-se a alegria: assim o queiram e posam os nossos homens.

Então sim, o sonho será realidade...

Orlando Dias Agudo

DESPORTO

Os jogos de amanhã

Uma jornada sem qualquer encontro antecipado acontecerá amanhã relativamente ao Nacional da 1.ª Divisão.

Registam-se os encontros: Boavista - FC Porto, Espinho - Benfica, Penafiel - Portimonense, Setúbal - Leiria, Braga - Guimarães, Viseu - Amora, Belenenses - Estoril e Sporting - Rio Ave.

Na 2.ª Divisão o calendário está assim ordenado: **Hoje, às 16 horas, Zona Norte:** Gil Vicente (25) - U. Lamas (24), (1-1). **Zona Sul:** Nacional (27) - Montijo (17), (0-2). **Hoje, às 17 horas, Zona Centro:** Oliveirense (28) - Beira-Mar (23), (1-3). **Amanhã às 16 horas, Zona Norte:** Leça (24) - Varzim (39), (0-3); Leixões (25) - Amarante (14); Paços de Ferreira (34) - Sanjoanense (33), (0-0); Valdevez (22) - Neves (8), (4-1); Fafe (21) - Famalicão (25), (2-2);

Feirense (34) - Chaves (27), (1-1); Salgueiros (33) - Bragança (28), (0-1). **Zona Centro:** U. Santarém (13) - Benf. Cast. Branco (25), (0-1); Académico (39) - Cartaxo (12), (1-1); Portalegrense (15) - Guarda (20), (0-2); Águeda (39) - Peniche (26), (1-0); Alcobaca (40) - Nazarenos (25), (0-0); Rio Maior (27) - Oliveira do Bairro (33), (0-2); Covilhã (18) - U. Coimbra (22), (0-2).

Zona Sul: Juventude (27) - Barreirense (24), (1-2); Marítimo (36) - Lusitano (36), (0-3); Cova da Piedade (23) - Sacavenense (28), (0-2); Farense (35) - Lusitânia (23), (1-0); Est. Amadora (24) - Elvas (23), (0-1); Esp. Lagos (18) - União da Madeira (26), (2-2); Quimigal (20) - Vasco da Gama (29), (1-2).

Entre parêntesis indicam-se a pontuação actual de cada equipa e os resultados obtidos na primeira volta.

O traço de pargana



É festa é festa

Amanhã no Estoril

Copa Renault 82

Disputa-se no domingo, no Autódromo do Estoril, a segunda prova da «Copa Renault 82», com a participação de 60 inscritos distribuídos pelas provas «Iniciação» e «Nacional». A primeira dirige-se somente aos modelos R5-TS pilotados por jovens com menos de 25 anos, enquanto a «Nacional» pode reunir pilotos mais consagrados e envolve os mais potentes R5 - Copa de Competição.

Os pilotos portugueses estarão ausentes dado que não são comercializados em Portugal os modelos que a Renault determinou para a competição, mas a vinda até Portugal dos pilotos do país vizinho pode ser um estimulante para que também por cá se desenvolvam iniciativas deste género.

Em complemento com as provas há um espectáculo de «cascadeurs» na pista com a presença da equipa de Mário da Luz, um português que detém um valioso palmarés neste tipo de actividade ao longo de seis anos de actividade.

A Associação Mundial do Boxe (AMB) atribuiu à Itália a organização do Campeonato Mundial de 1983, em detrimento da candidatura da República Dominicana.

Os dirigentes italianos adiantaram que o terceiro mundial se efectua em Roma.

A decisão foi tomada durante uma reunião da AMB em Munique, onde decorrem os segun-

dos campeonato mundiais do boxe amador.

Sugar Leonard retira-se

O Conselho Mundial do boxe apelou hoje ao campeão de meios médios, Sugar Ray Leonard, para que abandone o boxe.

O pugilista norte-americano foi esta semana operado a um dos olhos, por deslocação da retina.

"Giro"

Hinault aos comandos

O italiano Giuseppe Saronni venceu ao sprint a primeira etapa da Volta à Itália em Bicicleta, mas o francês Bernard Hinault manteve o primeiro posto da geral.

Saronni ganhou 30 segundos de bonificação e igualou o francês na geral, mas Hinault manteve a camisola rosa, símbolo do 1.º lugar, devido a melhor classificação nas duas tiradas.

O ciclista italiano gastou quatro horas, 12 minutos e 55 segundos nos 174 quilómetros do

percurso entre Parma e Viareggio.

Nos lugares imediatos ficaram o seu compatriota Paolo Rosola e Roberto Dill-Bundi.

O júri do Giro atribuiu inicialmente a camisola rosa a Dill Bundi, julgando que ele tinha obtido o 2.º lugar na etapa e ganhou os consequentes 20 segundos de bonificação.

Posteriormente, apurou no filme da chegada que Rosola foi o segundo, o que permitiu a Hinault manter-se no comando da prova.

Inglaterra, Escócia, Irlanda

Não há boicote ao mundial

Inglaterra, Escócia e Irlanda do Norte confirmaram que não boicotarão a fase final do campeonato do mundo de futebol devido ao conflito político nas Ilhas Malvinas, revelou a Federação Internacional (FIFA).

O secretário-geral da FIFA, Joseph Blatter, disse num comunicado que as três selecções confirmaram que participarão no mundial.

Blatter afirmou que estava particularmente preocupado com os comentários da imprensa desportiva do Reino Unido e de outros países que continuavam a especular com a possibilidade de um boicote.

O comité organizador da FIFA do Mundial decidiu em Janeiro que os países classificados em 3.º lugar nos grupos eliminatórios substituiriam as equipas que renunciassem à participação no Mundial.

Esta decisão deveu-se a uma possível retirada da Polónia e de El Salvador que ameaçavam abandonar o Mundial devido aos problemas políticos nos seus países.

A Inglaterra só poderá defrontar a Argentina na final do Mundial, o mesmo sucedendo com a Irlanda do Norte, mas a Escócia poderá jogar com os actuais campeões do mundo na segunda eliminatória que principia a 13 de Junho.

Argélia: não ao boicote

A Argélia recusou a sua participação no boicote político ao «Mundial-82» apesar dos apelos naquele sentido por parte da organização para a Unidade Africana (OUA), soube-se em Rabat.

Uma fonte oficial argelina, contactada telefonicamente de Rabat, afirmou, peremptoriamente, que a selecção do seu país participará no torneio mundial e que não é provável a rectificação desta decisão.

A Argélia e os Camarões foram advertidos pela OUA de que deveriam boicotar o «Mundial-82» em virtude da presença na prova da Nova Zelândia, acusada de ter contactos desportivos com a África do Sul.

A OUA fundamenta a sua decisão nas resoluções adoptadas por este organismo africano na

sua conferência de Nairobi, no ano passado.

A Argélia integra o grupo dois do Mundial-82, com a RFA, Chile e Áustria.

França: empate no último jogo

França e Bulgária empataram sem golos num encontro de preparação para o campeonato mundial de futebol disputado em Lyon.

Foi o último encontro da selecção francesa antes do «Mundial».

Sob a direcção do holandês Mulder as equipas alinharam:

França: Ertori, Amoros, Mahut, Tresor, Bracci, Tiganna, Giresse, Genchini (Couriol), Bravo, Lacombe (Stopyra) e Bellone.

Bulgária: Velinov, Nikolov, Iliev, Balevski, Blangev, Bezinski, Grigorov, Zdravkov, Yonchev (Sabakov), Valchev e Mladenov.

Do Standard Liège para a RFA

O internacional suíço Rene Botteron, que esta época vestiu a camisola do Standard de Liège (Bélgica), jogará na próxima no Arminia Bielefeld, da Alemanha Federal, anunciou uma fonte próxima do actual campeão belga.

Vladislav Cap no River Plate

O antigo treinador da selecção argentina de futebol, Vladislav Cap, dirigirá na próxima temporada o River Plate em substituição de Alfredo Di Stefano, que regressará a Espanha, segundo se soube junto dos dirigentes do clube argentino.

Vladislav Cap já deu o seu acordo de princípio ao presidente do River Plate, Rafael Aragon Cabrera, assinando o contrato na próxima semana.

As negociações tiveram o seu início depois de Di Stefano ter anunciado oficialmente a sua decisão de deixar o clube argentino para regressar a Espanha, provavelmente para o Real Madrid, equipa na qual representou grande parte da sua carreira de futebolista.

«MUNDIAL-90»: URSS e Jugoslávia no caminho

A União Soviética e a Jugos-

lavia são fortes candidatos à organização do «Mundial-90», disse em Madrid um membro do Comité Executivo da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

O colombiano Alfonso Senior acrescentou que a Bélgica e a Holanda também se candidatarão, mas com a particularidade de pretenderem organizar o mundial em conjunto. A decisão da FIFA será tomada em reunião a realizar depois do «Mundial-82» em Julho.

Seleccionador italiano

O presidente da Federação Italiana de Futebol, Federico Sordillo, tornou público, ontem à noite, a lista dos 40 jogadores italianos pré-seleccionados por Enzo Bearzot, com vista ao próximo «Mundial», eis a lista: Guarda-redes: Ivano Bardoni (Inter), Luciano Castellini (Nápoles), Giovanni Galli (Fiorentina), Franco Tancredi (Roma) e Dino Zoff (Juventus). Defesas: Franco Baresi (Milan A. C.), Giuseppe Baresi (Inter), Giuseppe Bergomi (Inter), António Cabrinha (Juventus), Fulvio Collovati (Milan A. C.), Renzo Contratto (Fiorentina), Cláudio Gentile (Juventus), Luciano Marangon (Roma), Gaetano Scirea (Juventus), Mauro Tassotti (Milan A. C.), Pietro Vierchowood (Fiorentina), Renato Zaccarelli (Torino).

Médios: Giancarlo Antognoni (Fiorentina), Evaristo Beccalossi (Inter), Franco Causio (Udinese), Franco Colomba (Bolonha), Agostino Di Bartolomei (Roma), Giuseppe Dossena (Torino), Alberto Marchetti (Cagliari), Giampiero Marini (Inter), Gabriele Orsini (Inter), Eraldo Pecci (Fiorentina) e Marco Tardelli (Juventus). Avançados: Alessandro Altobelli (Inter), Salvatore Bagni (Inter), Roberto Bettega (Juventus), Edy Bivi (Catanzaro), Bruno Conti (Roma), Francesco Graziani (Fiorentina), Domenico Marrocchino (Juventus), Daniele Massaro (Fiorentina), Massimo Mauro (Catanzaro), Roberto Pruzzo (Roma), Paolo Rossi (Juventus) e Franco Selvaggi (Cagliari).

Escoceses escolhidos

O treinador escocês Jock Stein deu a conhecer a lista dos 40 jogadores pré-seleccionados

para o «Mundial». Desta lista, que será comunicada à Federação internacional, serão escolhidos os 22 seleccionados para a Espanha. A lista é a seguinte: Guarda-redes: Alan Rough (Patrick Thistle), George Wood (Arsenal), Jim Leighton (Aberdeen), Bille Thomson (St. Mirren) e Gim Stewart (Glasgow Rangers). Defesas: Danny McGrain (Celtic Glasgow), Stuart Kennedy (Aberdeen), Frank Gray (Leeds), Jim Munro (Sunderland), Ray Stewart (West Ham), George Burley (Ipswich), Arthur Albiston (Manc. United), Alan Hansen (Liverpool), Alex McLeish (Aberdeen), Willie Miller (Aberdeen), David Narey (Dundee United), Allan Evans (Aston Villa), Des Bremner (Aston Villa), Paul Haggarty (Dundee United).

Médios: Graeme Souness (Liverpool), Asa Hartford (Manc. City), John Wark (Ipswich), Roy Aitken (Celtic Glasgow), Gordon Strachan (Aberdeen), Tommy Burns (Celtic Glasgow), Jim Bett (Glasgow Rangers), Bobby Russell (Glasgow Rangers), Ian McCulloch (Notts County), Avançados: Kenny Dalglish (Liverpool), Joe Jordan (Milan A. C.), Andu Gray (Wolverhampton), Steve Archibald (Tottenham), Alan Brazil (Ipswich), Pau Sturrock (Dundee United), George McCluskey (Celtic Glasgow), Derek Johnstone (Glasgow Rangers), John Robertson (Nottigham Forest), Dave Provan (Celtic Glasgow), David Cooper (Glasgow Rangers), Arthur Graham (Leeds).

Os 20 salvadorenhos

Os convocados são os seguintes: Guarda-redes: Ricardo Guevara Mora (18), Eduardo Hernandez (23) e José Luis Mangua (23).

Defesas: Francisco Osorio (24), Mário Castillo (29), Francisco Cruz (30), Jaime Rodríguez (22), Miguel Arevaldo (24), Carlos Recinos (30) e Alfredo Fagoaga (27).

Médios: José Montoya (24), José Rugamas (24), Mauricio Alfard (25) e Joaquim Ventura (27).

Avançados: Jorge Barillas (24), Luis Zapata (28), Silvio Aquino (31), Guillermo Ragoza (26), José Maria Rivas (22) e Francisco Hernandez (24).



Borg: não aos torneios

O tenista Bjorn Borg anunciou, em Toronto, que não participará mais este ano em torneios para o Grande Prémio.

Borg tinha previsto participar no Grande Prémio de Toronto, entre 7 a 15 de Agosto, mas o seu empresário Bob Kain disse que o sueco mudou de ideias.

Os organizadores lamentaram a ausência de Borg, embora

considerem o facto de ele não querer disputar mais torneios importantes, acrescentando que o torneio de Toronto contará com outras atracções, como o norte-americano John McEnroe e o australiano Peter McNamara.

Borg continuará a participar este ano em torneios de exibição, segundo referiu o seu empresário.

MICROSCÓPIO

«Angola em Lisboa»

As selecções angolanas de andebol, masculina e feminina de seniores participam em Junho em torneios internacionais integrados nas festas da cidade de Lisboa.

Hélder Moura adiantou que o convite foi formulado pela associação distrital de andebol de Lisboa, integrado no programa comemorativo do seu quinquagésimo aniversário.

Os jogos femininos realizam-se de 4 a 7 de Junho e os masculinos de 17 a 21 do mesmo mês.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Boulevard com subsídio

«O MEU RAPAZ É RAPA-RIGA!», de Ron Clark e Sam Bobrick. Tradução: Eduardo Fonseca. Encenação: Carlos César. Cenografia: António Casimiro. Encenação: João de Carvalho, Vítor de Sousa, Armando Cortez, Clara Maria e Alina Vaz. Companhia Repertório. Teatro Maria Matos. 4-1982.

Outra peça sobre homossexuais? Quem quiser que explique esta fatura... Peça de *Boulevard*, «O Meu Rapaz é Rapa-riga!» não pretende mais do que obedecer a um dos esquemas tradicionais do género. Neste caso, o do pai que ido da província chega a casa do filho, na cidade, e tem a surpresa de o encontrar com a vida arrumada. A diferença desta vez consiste no

facto da amante ser um. Tentando contrariar o desvio (ou que ele considera como tal), o pai contrata uma mulher que encontra num bar e a que o filho é alérgico (o pai é que não!). É claro que chegados aqui é de acordo com as leis da moral a que produtores e espectadores juram obediência, o espectáculo ultrapassa as regras (caso do papel da prostituta). Mas é que aqui a moral é outra: a de a brincar, o espectáculo consegue dar-lhe a volta de maneira a levar o público a aceitar o que parecia inconcebível. Ou seja, o *happy-end* em que o casal se mantém tal como no início, muito feliz, como se fosse a coisa mais natural deste mundo. Pela minha parte, tudo bem. O que me parece dum extremo cinismo é a maneira como o espectáculo

consegue ladear o problema e dar-lhe uma solução aparentemente inaceitável. É claro que isso decorre do contexto cómico em que o problema está inserido e também da força do teatro em conseguir dar plausibilidade ao que o espectador antes, e possivelmente logo a seguir, consideraria imperdoável. E tudo isto ainda mais curioso pelo facto de a peça ter sido adaptada e a acção decorrer em Lisboa, embora se refira com frequência jogos de *rugby* em Baulhe, no concelho de Vila Real, coisa que decididamente não estou a ver. Lapsos.

A encenação de Carlos César sem fazer ondas (a não ser na

música), com uma cena que tem problemas de luz mal resolvidos.

A interpretação é naturalmente dominada por Armando Cortez, no papel de Pai, um trabalho correcto, com alguns apontamentos brilhantes, mas mesmo assim alguém do que se poderia esperar. Mas a personagem daria mais? Vítor de Sousa faz com muito acerto e até eficácia o papel do Outro mas João de Carvalho, no Filho, precisaria de ser menos exterior e mais subtil. Alina Vaz sem problemas numa personagem com alguma comicità e Clara Maria quase se limitando a mostrar, parcialmente, o que tem. Como, de resto, é do papel.

Festival de Cannes

Fausto, nostalgia e afluência

Último festival a decorrer no antigo Palácio de La Croisette, o trigésimo quinto, que principia hoje à noite, pagará o seu tributo à nostalgia e reencontrará a afluência dos grandes anos.

Artesãos especializados trabalharam até tarde para prepararem o palácio dos festivais para os faustos das inaugurações solenes. O velho palácio prestará ao festival do filme, que o tornou célebre em todo o mundo, uma última homenagem que para os festivaleiros mais antigos se encherá de melancolia.

A equipa do serviço de Imprensa sofreu um choque com a chegada de 3000 jornalistas, ou seja, mais 700 que o ano passado. O optimismo é geral: a partir do próximo fim-de-semana tudo estará esgotado e os americanos regressam em força. Com efeito os profissionais americanos tinham reduzido em 1981 a sua participação em Cannes.

A manifestação cinematográfica criada em Los Angeles não substitui o Festival de Cannes e além disso o dólar, que se mantém ao seu mais alto nível, assegura aos americanos uma vantagem de 20 por cento em relação às suas despesas do ano passado.

Os japoneses e os orientais, pelo seu lado, beneficiam de uma situação que lhes é favorável. São esperados em grande número, ao passo que os italianos confirmam uma fidelidade que nunca foi desmentida.

A maior parte dos hotéis confortáveis de Cannes vão estar esgotados para os turistas imprevidentes. No sindicato da hotelaria, não dissimulam que esta perspectiva e a participação determinante do sol trazem um «sopro de oxigénio depois de uma época invernal muito morna».



Egberto Gismonti em Portugal

Egberto Gismonti, músico e compositor brasileiro de nomeada, que opera sínteses muito conseguidas entre o folclore da América Latina e os domínios da música experimental e do jazz, vai estar em Portugal a partir de amanhã, para efectuar concertos em Coimbra, Porto e Lisboa, acompanhado do grupo «Academia de Danças», que integra o saxofonista Mauro Senise, e o contrabaixista Zeca Assumpção e o baterista Nêê.

É a terceira vez que Gismonti se vai encontrar com o público português, que em 1980 e 1981 lhe votou um aplauso entusiástico.

Figura já habitual dos mais importantes festivais de jazz da Europa, Egberto Gismonti e «Academia de Danças» estarão amanhã em Coimbra, no Teatro Gil Vicente, a partir das 21,30; terça-feira no Porto, no Teatro Rivoli, igualmente a partir das 21,30, encerrando a sua digressão em Lisboa, no dia 20, à mesma hora, na Aula Magna da Reitoria da Universidade.

A ânsia de perfeição de Gismonti levou-o a desenvolver um aturado trabalho de investigação de novas afinações, de novos sons, que se reflecte na utilização de flautas e de uma infinidade de instrumentos de percussão.

Incidente na Casa da Comédia

A grave situação da Casa da Comédia continua por resolver. Com efeito, nem o Ministério da Cultura e Coordenação Científica nem a Câmara Municipal de Lisboa resolveram ainda os problemas resultantes do subaluguer de quartos dos vizinhos que habitam no edifício deste Teatro, que geram situações de verdadeira provocação de má vizinhança.

No passado dia 6 de Maio, uma vizinha deitou abaixo as cortinas da entrada do Teatro, que já se encontrava decorado para a estreia do próximo espectáculo, num gesto de inadmissível

delasafio à paciência daquela Companhia de Teatro, que continua a obra iniciada por Fernando Amado e Almada Negreiros, num teatro com 35 anos de existência, e cujo trabalho não pode tolerar atitudes deste tipo.

Seja como for, a Casa da Comédia vai no entanto estreiar, no próximo dia 19 de Maio, o espectáculo «Dias Felizes», de Samuel Beckett, numa co-produção com o Centro Bernardo Santareno, com Glícinia Quartín e Fernando Heitor, tradução de Jaime Salazar Sampaio, encenação de Artur Ramos e realização plástica de João Abel Manta.

«Tempos Difíceis» estreia no dia 20



Estreia-se no próximo dia 20 de Maio o novo espectáculo do Grupo de Campolide: «Tempos Difíceis» com texto de Romeu Correia e encenação de Joaquim Benite. Trata-se do 21.º espectáculo apresentado pelo Grupo desde a sua fundação em Novembro de 1970 e o 11.º que é encenado desde que esta companhia profissional se instalou em Almada em Janeiro de 1978.

A estreia de «Tempos Difíceis» assinala, assim, a apresentação no repertório do Grupo de Campolide mais um original da dramaturgia portuguesa contemporânea; com efeito, e ao lado de textos de Augustin Cuzani, Dias Gomes, Pablo Neruda, Anatoli Lunatcharsky, Garcia Lorca e Bertolt Brecht, o Grupo de Campolide tem dedi-

cado particular atenção à montagem de textos portugueses. Recorde-se que antes de Romeu Correia, o Grupo apresentou já peças de António José da Silva («Vida do Grande D. Quixote de La Mancha»), Virgílio Martinho («Filopópolus»), «O Grande Cidadão», «1383», «As Aventuras de Till Eulenspiegel»), Camilo Castelo Branco («A Queda dum Anjo») e José Saramago («A Noite») e «Que Farei com este Livro?»).

«Tempos Difíceis» pelo Grupo de Campolide, assinala ainda outro facto: pela primeira vez um texto de Romeu Correia é encenado em Almada por uma companhia profissional — registre-se que Almada é a terra onde nasceu e reside o autor de «Tempos Difíceis».

FILME DE QUALIDADE

Sangue Selvagem
BRASIL

BETTY FARIA
(LÍGIA de «AGUA VIVA»)

música de
CHICO BUARQUE

UM FILME SOBRE UM PAÍS QUE COMEÇA A ACABAR,
PARA DAR LUGAR A UM OUTRO QUE ACABA
DE COMEÇAR

JOSE WILKE (dr. Mundinho de «GABRIELA»)

FABIO JUNIOR (dr. Marcus de «AGUA VIVA»)

um filme de CARLOS DIEGUES

DOPFILME

11.ª SEMANA

quarteto

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

quarteto 2.ª SEMANA

FILME DE QUALIDADE

Depois de ALTMAN, COPPOLA e FORMAN

John Huston
dirige a nova vaga dos actores americanos

BRAD DOURIF, NED BEATTY
e HARRY DEAN STANTON
em

SANGUE SELVAGEM
wise blood

Baseado no célebre romance de FLANNERY O'CONNOR

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

canal da crítica

As nuvens e o chão

Quase nada nos deu o serão. Valeu o hóquei. Nesta pobre televisão, só acontece algo com aparência de vida, quando há desporto. Talvez por isto se dê tanto. Assim se procura fazer esquecer a outra vida (a vida real) que deixam no frigorífico.

Vimos como demorou a vitória de Portugal sobre a valorosa equipa de Angola. Ora antes, no concurso «Toma Lá Dá Cá» Artur Agostinho gozara com esse «jogo difícil». Fez mal. Eufórico com o êxito do seu regresso à televisão, fala de mais. Calma! E não se esqueça: nunca ninguém se arrependeu do que não disse.

Ainda a respeito do concurso. Chamo de novo a atenção para a necessidade de maior rigor na pergunta e da maior compreensão para a resposta no capítulo da História. Assim, quando o concorrente disse que o marquês de Pombal extinguiu a «universidade jesuíta», devia-se aceitar como bom.

De facto, a Universidade de Évora estava a cargo de jesuítas. Ouçamos o historiador padre João Pereira Gomes: «A Universidade de Évora teve o último dia de aulas a 8 de Fevereiro de 1759. Foi extinta porque o go-

verno expulsou os jesuítas e não nomeou professores que os substituísem.»

Recuando um pouco, chegamos à «Vila Faia» que, como teatro, é mau folhetim, e como folhetim, é mau teatro. Depois, inutilmente cruel. Nós sabíamos já que o Banco de S. José era mau — mas tanto, não. Que nos matem por falta de tratamento, é como o outro. Que nos matem a rir — ah, isso não! A cena do paludismo, com o Breyner e a Zannetti, podia ser uma revista do Parque Mayer. Pobres revistas, andam tão desfalcadas...

De modo que ao crítico de televisão não resta outra alternativa se não a visita do Papa. Eu não queria tocar nesse assunto. Se tocasse, teria que lamentar o conservadorismo deste Supremo Vigário, a sua ausência de perspectivas reformuladoras na linha de João XXIII, a sua tendência para cristalizar aspectos negativos da prática tradicional. Não deixa de ser muito estranho, por exemplo, que na sua recente viagem à África, este Papa referisse, lamentoso, a situação na Polónia, e calasse absolutamente os crimes contra os direitos humanos praticados no

continente africano. A sugerir que algo mais além dos intuitos evangélicos, faz correr este Papa.

Teria de dizer isto e muitas, muitas outras coisas. O que, neste momento de alegria para tantos católicos portugueses, não me alegraria. Teremos tempo de falar nisso com mais vagar, depois da sétima onda.

A televisão tem feito desta viagem uma cobertura excepcional, em termos de quantidade. Mas não em termos de qualidade.

A reportagem é frouxa, inerte, sem nervo e sem imaginação. Certamente, esta viagem não teve a vibração popular, a invenção, a vertigem de muitas outras. A visita do Santo Vigário ao Brasil, por exemplo. Mas enfim, os povos são todos diferentes, diferentes são as suas reacções. Mas não acredito que tudo decorresse tão secamente, tão burocraticamente como as reportagens nos quiseram fazer crer.

Por outro lado, a todo o momento os estrangeiros estão gabando a luz portuguesa, a transparência da sua claridade. Ora bem como se justificam estas imagens escuras, baças, sem relevo, como apanhadas em

Mário Castrim

contra-luz? Mal se divisavam os rostos e os gestos. Será que em Portugal o ar já esteja assim de tal forma denso que prejudique até as fortes lentes?

Do resto, bem, a RTP não tem culpa. Não tem culpa de um discurso dirigido aos jovens, tão pobre de elementos de interesse. Discurso exemplar da burocracia de água-benta. O Papa refugiou-se no lugar-comum de muitos séculos para se escapar à premência da actualidade. Face a uma tão heterogênea multidão de jovens, exprimi-se no calão de meia dúzia deles, praticantes assíduos. Os outros ficaram a ver navios sentados à margem. Acenar com a escatologia, a redenção, o pecado, a penitência, a força do Espírito Santo, o apelo celestial, o poder do amor, etc., acenar com isso aos jovens sem emprego, sem estabilidade, socialmente desorientados, num mundo ameaçado pela peste, pela devastação, pela guerra — e ainda por cima acenar com isso durante 53 minutos, convenhamos que é pairar acima das nuvens.

E no entanto Cristo ensinou a andar pelo chão. Até ficar com os pés feridos



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Na RTP-1 podemos ver o Show de Roberto Gil, realizado no Coliseu dos Recreios em Lisboa

- 15.05 Concerto — «As 4 Estações», de Vivaldi
- 16.00 Visita a Portugal de Sua Santidade o Papa
- 19.10 As aventuras do Himalaia
- 20.15 O Tempo
- 20.20 Telejornal — As notícias do País e do estrangeiro
- 21.05 Gilberto Gil no Coliseu dos Recreios — O «Show» de Gilberto Gil, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa
- 22.10 Dallas
- 23.00 Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins.



John Wayne, no filme «Rio Lobo»

- 16.02 Movimento/2 — Inclui uma transmissão de Munique, via Eurovisão, do Campeonato do Mundo de Amadores de Boxe
- 19.00 Animação/2
- 19.25 Os romanos
- 20.15 O sítio do Picapau Amarelo
- 20.45 É sempre bom saber
- 21.00 Sábado especial — «Rio Lobo». Interpretes: John Wayne, Jorge Rivero e Jennifer O'Neill. Realizador: Howard Hawks

Amanhã



09.47 Eucaristia dominical; 10.35 7 + 7, 11.05 Bom dia domingo; 13.40 Sábado; 14.30 TV Rural; 15.00 O Passeio dos Alegres; 18.00 Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins; 19.05 «Naranjito»; 19.35 Sombra e Sol; 20.05 O Tempo; 20.10 Telejornal; 20.45 Cartaz TV; 21.25 Feli Krull (1.º episódio)

17.32 Ciclo de cinema, da comédia da música portuguesa com o filme de Artur Duarte «A Menina da Rádio»; 19.00 Documentário; 20.15 Créspeio nas serras com Roy Rogers; 21.25 Estúdio aberto; 22.00 Jazz ao vivo

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

Gilberto Gil
(21.05)«Rio Lobo»
(21.00)

Além de um programa à escolha oferece-lhe



DALLAS

Os acontecimentos surgidos durante o casamento de Lucy e Mitch têm muito mais impacto do que inicialmente se supunha.

Sue Ellen descobre que J.R. está demasiado interessado pela irmã de Mitch e J.R., afinal, não fica tão contente como esperava com a demissão de Bobby.

Interpretes: Ted Shackelford, Joan Van Ark e Anne Francis; Realização: Irving Moore

RTP-2

«RIO LOBO»

Um «western» clássico, que procura ser como que uma «reedição» de «Rio Bravo» e «El Dorado». Para isso, reuniram-se os principais responsáveis pelo êxito desses filmes, a dupla Hawks-Wayne. Interpretes: John Wayne, Jorge Rivero e Jennifer O'Neill

ASSISTENCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Carça, 17 Cruz Quebrada — Tel. 2112871

AFELICIDADE ESPERA POR NOS A CADA PASSO
NUNCA PERCA A ESPERANÇA!

NÃO ACREDITA EM LÁGRIMAS

OSCAR da Academia Americana de Arte Cinematográfica
ao melhor filme estrangeiro em 1981—Los Angeles

Realização de VLADIMIR MENSHOV COR

3.ª SEMANA DE ÊXITO

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h

Atenção: O filme começa no início da sessão



N/acons. a menores de 13 anos



COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

hoje às
21.45h100.ª REPRESENTAÇÃO
A VIAGEM
4.º MÊSTEXTO: NELDER COSTA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTADE 3.ª FEIRA A DOMINGO ÀS 21.45
SABADOS E DOMINGOS TAMBÉM
MATINEES ÀS 17 HPRAÇA DE ESPANHA TEL. 76.62.24
S.º DE C.«O MAIS BELO ESPECTÁCULO
DE SEMPRE DA COMUNA»...
— «A CAPITAL» —

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga e estará contigo

ADOQUE

TEL. 87 44 76

HOJE

20.30 E 23H

HORÁRIO
2.ª, 3.ª e 5.ª 21.30
6.ª e sab. 20.30
e 23H.
Domingo: 16 e 21.30
Folga: 4.ª feiraSENSACIONAIS
AS JOVENS
DO ADOQUETá entregue
à licherada

«É DE VER PARA CRER!»

A ÚLTIMA REVISTA NO
MARTIM MONIZ

Henrique Viana

MAGDA CARDOSO

ANTÓNIO MONTEZ, DELFINA
CRUZ, HENRIQUE VIANA, MAGDA
CARDOSO, MARIA VIEIRA
NUM GRANDE ELENCO!

NUM GRANDE ELENCO!

2 RODAS
2 vezes
mais
atenção!

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa

roteiro cultural

Música

«Música da Renascença e do Barroco» é o tema da sessão de amanhã do ciclo «A Música e os seus Actores», com o maestro José Atalaya, que tem estado a decorrer no S. Luiz, todos os domingos, às 11 horas. Participação do agrupamento «Segreiros de Lisboa».

A Orquestra da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal realiza amanhã um concerto, às 21.30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. O concerto é uma organização da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, integrada no movimento de divulgação da música jazz junto da juventude portuguesa.

Rádio

No programa «Tempo de Teatro», da RDP — Antena 1, é hoje transmitida, às 20 horas, a peça «A Superinvenção», do autor polaco Stanislaw Lem, traduzida e adaptada por Eduardo Jacques. Interpretes: José Gomes, Rogério Vieira,

Luis Rizo e Lygia Teles. Direcção de actores: Carlos Avilez. Realização: Eduardo Street.

Cinema

A Feira Popular de Lisboa e a Cinequipa estão a levar a efeito, no «espaço» da Feira um ciclo de cinema português. Hoje e amanhã, será exibido, em antestreia, «Acto dos Feitos da Guiné», de Fernando Matos Silva, e do dia 17 até 23 de Maio, também em antestreia, «Lerpar», de Luis Couto. Outros filmes: de 24 a 28, «Veredas», de João César Monteiro, e a 29 e 30, «Aniki-Bóbó», de Manoel de Oliveira.

Exposições

Uma exposição do artista Artur Varela, intitulada «The Germans are coming!», reunindo pinturas acrílicas sobre tela executadas em 1982, está patente na Galeria Quadrum (Coruchéus-Alvalade). A exposição pode ser visitada todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (exceto aos domingos) e aos sábados das 15 às 19, e estará patente ao público até 1 de Junho.



A orquestra da Escola de Jazz do Hot Clube toca amanhã na Aula Magna

«Pricípio Collage», uma exposição composta de 90 trabalhos originais de vários artistas de nomeada, entre os quais Joseph Beuys, Jochen Gerz, Jiri Kolar e Wolf Vostell, e completada por uma série de documentação que exemplifica o trajecto da «collage» desde Dadá a Edward Kienholz e John Cage, está patente até 25 de Maio no salão

da Sociedade Nacional de Belas Artes, das 14 às 20 horas.

A série «Pintura Portuguesa — 1 exposição, 4 percursos» prossegue amanhã, às 16 horas, no Museu Nacional de Arte Antiga, com Eduardo Nery em «Ver Pintura — Composição/Expressão».

Uma exposição de docu-

mentos antigos da região transmontana foi ontem inaugurada na Galeria da Serra do Marão, em Vila Real.

A mostra, que integra algumas colecções particulares, inclui ainda postais do século XIX e foi promovida pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão.

A exposição «Aspectos

da Fotografia Alemã depois de 1945» recentemente apresentada nos III Encontros de Fotografia de Coimbra, pode ser vista, a partir de 2.ª feira e até ao dia 28, no Instituto Alemão de Lisboa. O director do Fotoforum da Galeria da Universidade de Kassel, Floris Neusus, proferirá uma conferência sobre «O trabalho do Fotoforum de Kassel», acompanhada de diapositivos e traduzida para português, a seguir à inauguração, pelas 18.30.

Andy Wahrol e Dennis Oppenheim, dois importantes artistas americanos, têm trabalhos seus expostos na VI e VII mostras do ciclo «Europa-América: Artistas de Hoje», organizado pelo Módulo do Porto.

Vila Real de Santo António — 1775 é uma exposição iconográfica patente na Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, numa iniciativa da edilidade e da comissão organizadora das comemorações do Bicentário da Morte do Marquês de Pombal.

Eduardo Santos Neves expõe desenho e pintura na Interlivo (R. Pedro Nunes, em Lisboa) até ao próximo dia 17.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 1.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81 — 3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de TORRES VEDRAS, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5913, arquivo 9, para o estabelecimento no Concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 KV N.º 361/R — 1 com 756 metros, entre o posto de seccionamento N.º 5734 e o posto de transformação n.º 2778 — C, da Câmara Municipal de Torres Vedras, e sito no lugar de Serra da Vila.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 29 de Abril de 1982

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52\$90	57\$90	
ALEMANHA FED (marco)	30\$10	31\$20	
AUSTRIA (xelim)	4\$20	4\$40	
BELGICA (franco)	1\$441	1\$651	
BRASIL (cruzeiro)	\$198	\$448	
CANADA (dolar — notas de 1 e 2)	55\$95	57\$95	
(notas de 5 a 1000)	58\$45	58\$45	
DINAMARCA (coroa)	\$590	\$830	
ESPAÑA (peseta)	\$641	\$741	
EUA (dolar — notas de 1 e 2)	68\$60	70\$60	
(notas de 5 a 1000)	69\$10	71\$10	
FINLÂNDIA (marka)	15\$40	16\$00	
FRANÇA (franco)	11\$45	12\$15	
HOLANDA (florim)	27\$10	28\$10	
INGLATERRA (libra)	126\$80	130\$80	
IRLANDA (libra)	104\$65	108\$65	
ITALIA (lira)	\$049	\$059	
JAPÃO (iene)	\$262	\$303	
NORUEGA (coroa)	11\$60	12\$10	
SUECIA (coroa)	12\$00	12\$60	
SUIÇA (franco)	36\$25	37\$35	
VENEZUELA (bolivar)	14\$25	15\$25	

Observações

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«ANTENA UM»

16 20: Reportagem da chegada de S.S. ao Porto e encontro com a população da cidade. 18.15: Cerimónia de despedida de S.S. o Papa. 19.00: Síntese Informativa. 19.05: Musical. 19.35: Música de todo o Mundo. 20.00: Teatro Radiotónico. «A Superinvenção», de Stanislaw Lem. 21.00: Noticiário Intercontinental. 21.30: Programa da noite. 22.50: Relato do jogo de hóquei Portugal-Estados Unidos. 23.00: Flash Informativo. 23.30: Notícias. 23.45: Notícias. 24.00: Notícias. 24.15: Notícias. 24.30: Notícias. 24.45: Notícias. 25.00: Notícias. 25.15: Notícias. 25.30: Notícias. 25.45: Notícias. 26.00: Notícias. 26.15: Notícias. 26.30: Notícias. 26.45: Notícias. 27.00: Notícias. 27.15: Notícias. 27.30: Notícias. 27.45: Notícias. 28.00: Notícias. 28.15: Notícias. 28.30: Notícias. 28.45: Notícias. 29.00: Notícias. 29.15: Notícias. 29.30: Notícias. 29.45: Notícias. 30.00: Notícias. 30.15: Notícias. 30.30: Notícias. 30.45: Notícias. 31.00: Notícias. 31.15: Notícias. 31.30: Notícias. 31.45: Notícias. 32.00: Notícias. 32.15: Notícias. 32.30: Notícias. 32.45: Notícias. 33.00: Notícias. 33.15: Notícias. 33.30: Notícias. 33.45: Notícias. 34.00: Notícias. 34.15: Notícias. 34.30: Notícias. 34.45: Notícias. 35.00: Notícias. 35.15: Notícias. 35.30: Notícias. 35.45: Notícias. 36.00: Notícias. 36.15: Notícias. 36.30: Notícias. 36.45: Notícias. 37.00: Notícias. 37.15: Notícias. 37.30: Notícias. 37.45: Notícias. 38.00: Notícias. 38.15: Notícias. 38.30: Notícias. 38.45: Notícias. 39.00: Notícias. 39.15: Notícias. 39.30: Notícias. 39.45: Notícias. 40.00: Notícias. 40.15: Notícias. 40.30: Notícias. 40.45: Notícias. 41.00: Notícias. 41.15: Notícias. 41.30: Notícias. 41.45: Notícias. 42.00: Notícias. 42.15: Notícias. 42.30: Notícias. 42.45: Notícias. 43.00: Notícias. 43.15: Notícias. 43.30: Notícias. 43.45: Notícias. 44.00: Notícias. 44.15: Notícias. 44.30: Notícias. 44.45: Notícias. 45.00: Notícias. 45.15: Notícias. 45.30: Notícias. 45.45: Notícias. 46.00: Notícias. 46.15: Notícias. 46.30: Notícias. 46.45: Notícias. 47.00: Notícias. 47.15: Notícias. 47.30: Notícias. 47.45: Notícias. 48.00: Notícias. 48.15: Notícias. 48.30: Notícias. 48.45: Notícias. 49.00: Notícias. 49.15: Notícias. 49.30: Notícias. 49.45: Notícias. 50.00: Notícias. 50.15: Notícias. 50.30: Notícias. 50.45: Notícias. 51.00: Notícias. 51.15: Notícias. 51.30: Notícias. 51.45: Notícias. 52.00: Notícias. 52.15: Notícias. 52.30: Notícias. 52.45: Notícias. 53.00: Notícias. 53.15: Notícias. 53.30: Notícias. 53.45: Notícias. 54.00: Notícias. 54.15: Notícias. 54.30: Notícias. 54.45: Notícias. 55.00: Notícias. 55.15: Notícias. 55.30: Notícias. 55.45: Notícias. 56.00: Notícias. 56.15: Notícias. 56.30: Notícias. 56.45: Notícias. 57.00: Notícias. 57.15: Notícias. 57.30: Notícias. 57.45: Notícias. 58.00: Notícias. 58.15: Notícias. 58.30: Notícias. 58.45: Notícias. 59.00: Notícias. 59.15: Notícias. 59.30: Notícias. 59.45: Notícias. 60.00: Notícias. 60.15: Notícias. 60.30: Notícias. 60.45: Notícias. 61.00: Notícias. 61.15: Notícias. 61.30: Notícias. 61.45: Notícias. 62.00: Notícias. 62.15: Notícias. 62.30: Notícias. 62.45: Notícias. 63.00: Notícias. 63.15: Notícias. 63.30: Notícias. 63.45: Notícias. 64.00: Notícias. 64.15: Notícias. 64.30: Notícias. 64.45: Notícias. 65.00: Notícias. 65.15: Notícias. 65.30: Notícias. 65.45: Notícias. 66.00: Notícias. 66.15: Notícias. 66.30: Notícias. 66.45: Notícias. 67.00: Notícias. 67.15: Notícias. 67.30: Notícias. 67.45: Notícias. 68.00: Notícias. 68.15: Notícias. 68.30: Notícias. 68.45: Notícias. 69.00: Notícias. 69.15: Notícias. 69.30: Notícias. 69.45: Notícias. 70.00: Notícias. 70.15: Notícias. 70.30: Notícias. 70.45: Notícias. 71.00: Notícias. 71.15: Notícias. 71.30: Notícias. 71.45: Notícias. 72.00: Notícias. 72.15: Notícias. 72.30: Notícias. 72.45: Notícias. 73.00: Notícias. 73.15: Notícias. 73.30: Notícias. 73.45: Notícias. 74.00: Notícias. 74.15: Notícias. 74.30: Notícias. 74.45: Notícias. 75.00: Notícias. 75.15: Notícias. 75.30: Notícias. 75.45: Notícias. 76.00: Notícias. 76.15: Notícias. 76.30: Notícias. 76.45: Notícias. 77.00: Notícias. 77.15: Notícias. 77.30: Notícias. 77.45: Notícias. 78.00: Notícias. 78.15: Notícias. 78.30: Notícias. 78.45: Notícias. 79.00: Notícias. 79.15: Notícias. 79.30: Notícias. 79.45: Notícias. 80.00: Notícias. 80.15: Notícias. 80.30: Notícias. 80.45: Notícias. 81.00: Notícias. 81.15: Notícias. 81.30: Notícias. 81.45: Notícias. 82.00: Notícias. 82.15: Notícias. 82.30: Notícias. 82.45: Notícias. 83.00: Notícias. 83.15: Notícias. 83.30: Notícias. 83.45: Notícias. 84.00: Notícias. 84.15: Notícias. 84.30: Notícias. 84.45: Notícias. 85.00: Notícias. 85.15: Notícias. 85.30: Notícias. 85.45: Notícias. 86.00: Notícias. 86.15: Notícias. 86.30: Notícias. 86.45: Notícias. 87.00: Notícias. 87.15: Notícias. 87.30: Notícias. 87.45: Notícias. 88.00: Notícias. 88.15: Notícias. 88.30: Notícias. 88.45: Notícias. 89.00: Notícias. 89.15: Notícias. 89.30: Notícias. 89.45: Notícias. 90.00: Notícias. 90.15: Notícias. 90.30: Notícias. 90.45: Notícias. 91.00: Notícias. 91.15: Notícias. 91.30: Notícias. 91.45: Notícias. 92.00: Notícias. 92.15: Notícias. 92.30: Notícias. 92.45: Notícias. 93.00: Notícias. 93.15: Notícias. 93.30: Notícias. 93.45: Notícias. 94.00: Notícias. 94.15: Notícias. 94.30: Notícias. 94.45: Notícias. 95.00: Notícias. 95.15: Notícias. 95.30: Notícias. 95.45: Notícias. 96.00: Notícias. 96.15: Notícias. 96.30: Notícias. 96.45: Notícias. 97.00: Notícias. 97.15: Notícias. 97.30: Notícias. 97.45: Notícias. 98.00: Notícias. 98.15: Notícias. 98.30: Notícias. 98.45: Notícias. 99.00: Notícias. 99.15: Notícias. 99.30: Notícias. 99.45: Notícias. 100.00: Notícias. 100.15: Notícias. 100.30: Notícias. 100.45: Notícias. 101.00: Notícias. 101.15: Notícias. 101.30: Notícias. 101.45: Notícias. 102.00: Notícias. 102.15: Notícias. 102.30: Notícias. 102.45: Notícias. 103.00: Notícias. 103.15: Notícias. 103.30: Notícias. 103.45: Notícias. 104.00: Notícias. 104.15: Notícias. 104.30: Notícias. 104.45: Notícias. 105.00: Notícias. 105.15: Notícias. 105.30: Notícias. 105.45: Notícias. 106.00: Notícias. 106.15: Notícias. 106.30: Notícias. 106.45: Notícias. 107.00: Notícias. 107.15: Notícias. 107.30: Notícias. 107.45: Notícias. 108.00: Notícias. 108.15: Notícias. 108.30: Notícias. 108.45: Notícias. 109.00: Notícias. 109.15: Notícias. 109.30: Notícias. 109.45: Notícias. 110.00: Notícias. 110.15: Notícias. 110.30: Notícias. 110.45: Notícias. 111.00: Notícias. 111.15: Notícias. 111.30: Notícias. 111.45: Notícias. 112.00: Notícias. 112.15: Notícias. 112.30: Notícias. 112.45: Notícias. 113.00: Notícias. 113.15: Notícias. 113.30: Notícias. 113.45: Notícias. 114.00: Notícias. 114.15: Notícias. 114.30: Notícias. 114.45: Notícias. 115.00: Notícias. 115.15: Notícias. 115.30: Notícias. 115.45: Notícias. 116.00: Notícias. 116.15: Notícias. 116.30: Notícias. 116.45: Notícias. 117.00: Notícias. 117.15: Notícias. 117.30: Notícias. 117.45: Notícias. 118.00: Notícias. 118.15: Notícias. 118.30: Notícias. 118.45: Notícias. 119.00: Notícias. 119.15: Notícias. 119.30: Notícias. 119.45: Notícias. 120.00: Notícias. 120.15: Notícias. 120.30: Notícias. 120.45: Notícias. 121.00: Notícias. 121.15: Notícias. 121.30: Notícias. 121.45: Notícias. 122.00: Notícias. 122.15: Notícias. 122.30: Notícias. 122.45: Notícias. 123.00: Notícias. 123.15: Notícias. 123.30: Notícias. 123.45: Notícias. 124.00: Notícias. 124.15: Notícias. 124.30: Notícias. 124.45: Notícias. 125.00: Notícias. 125.15: Notícias. 125.30: Notícias. 125.45: Notícias. 126.00: Notícias. 126.15: Notícias. 126.30: Notícias. 126.45: Notícias. 127.00: Notícias. 127.15: Notícias. 127.30: Notícias. 127.45: Notícias. 128.00: Notícias. 128.15: Notícias. 128.30: Notícias. 128.45: Notícias. 129.00: Notícias. 129.15: Notícias. 129.30: Notícias. 129.45: Notícias. 130.00: Notícias. 130.15: Notícias. 130.30: Notícias. 130.45: Notícias. 131.00: Notícias. 131.15: Notícias. 131.30: Notícias. 131.45: Notícias. 132.00: Notícias. 132.15: Notícias. 132.30: Notícias. 132.45: Notícias. 133.00: Notícias. 133.15: Notícias. 133.30: Notícias. 133.45: Notícias. 134.00: Notícias. 134.15: Notícias. 134.30: Notícias. 134.45: Notícias. 135.00: Notícias. 135.15: Notícias. 135.30: Notícias. 135.45: Notícias. 136.00: Notícias. 136.15: Notícias. 136.30: Notícias. 136.45: Notícias. 137.00: Notícias. 137.15: Notícias. 137.30: Notícias. 137.45: Notícias. 138.00: Notícias. 138.15: Notícias. 138.30: Notícias. 138.45: Notícias. 139.00: Notícias. 139.15: Notícias. 139.30: Notícias. 139.45: Notícias. 140.00: Notícias. 140.15: Notícias. 140.30: Notícias. 140.45: Notícias. 141.00: Notícias. 141.15: Notícias. 141.30: Notícias. 141.45: Notícias. 142.00: Notícias. 142.15: Notícias. 142.30: Notícias. 142.45: Notícias. 143.00: Notícias. 143.15: Notícias. 143.30: Notícias. 143.45: Notícias. 144.00: Notícias. 144.15: Notícias. 144.30: Notícias. 144.45: Notícias. 145.00: Notícias. 145.15: Notícias. 145.30: Notícias. 145.45: Notícias. 146.00: Notícias. 146.15: Notícias. 146.30: Notícias. 146.45: Notícias. 147.00: Notícias. 147.15: Notícias. 147.30: Notícias. 147.45: Notícias. 148.00: Notícias. 148.15: Notícias. 148.30: Notícias. 148.45: Notícias. 149.00: Notícias. 149.15: Notícias. 149.30: Notícias. 149.45: Notícias. 150.00: Notícias. 150.15: Notícias. 150.30: Notícias. 150.45: Notícias. 151.00: Notícias. 151.15: Notícias. 151.30: Notícias. 151.45: Notícias. 152.00: Notícias. 152.15: Notícias. 152.30: Notícias. 152.45: Notícias. 153.00: Notícias. 153.15: Notícias. 153.30: Notícias. 153.45: Notícias. 154.00: Notícias. 154.15: Notícias. 154.30: Notícias. 154.45: Notícias. 155.00: Notícias. 155.15: Notícias. 155.30: Notícias. 155.45: Notícias. 156.00: Notícias. 156.15: Notícias. 156.30: Notícias. 156.45: Notícias. 157.00: Notícias. 157.15: Notícias. 157.30: Notícias. 157.45: Notícias. 158.00: Notícias. 158.15: Notícias. 158.30: Notícias. 158.45: Notícias. 159.00: Notícias. 159.15: Notícias. 159.30: Notícias. 159.45: Notícias. 160.00: Notícias. 160.15: Notícias. 160.30: Notícias. 160.45: Notícias. 161.00: Notícias. 161.15: Notícias. 161.30: Notícias. 161.45: Notícias. 162.00: Notícias. 162.15: Notícias. 162.30: Notícias. 162.45: Notícias. 163.00: Notícias. 163.15: Notícias. 163.30: Notícias. 163.45: Notícias. 164.00: Notícias. 164.15: Notícias. 164.30: Notícias. 164.45: Notícias. 165.00: Notícias. 165.15: Notícias. 165.30: Notícias. 165.45: Notícias. 166.00: Notícias. 166.15: Notícias. 166.30: Notícias. 166.45: Notícias. 167.00: Notícias. 167.15: Notícias. 167.30: Notícias. 167.45: Notícias. 168.00: Notícias. 168.15: Notícias. 168.30: Notícias. 168.45: Notícias. 169.00: Notícias. 169.15: Notícias. 169.30: Notícias. 169.45: Notícias. 170.00: Notícias. 170.15: Notícias. 170.30: Notícias. 170.45: Notícias. 171.00: Notícias. 171.15: Notícias. 171.30: Notícias. 171.45: Notícias. 172.00: Notícias. 172.15: Notícias. 172.30: Notícias. 172.45: Notícias. 173.00: Notícias. 173.15: Notícias. 173.30: Notícias. 173.45: Notícias. 174.00: Notícias. 174.15: Notícias. 174.30: Notícias. 174.45: Notícias. 175.00: Notícias. 175.15: Notícias. 175.30: Notícias. 175.45: Notícias. 176.00: Notícias. 176.15: Notícias. 176.30: Notícias. 176.45: Notícias. 177.00: Notícias. 177.15: Notícias. 177.30: Notícias. 177.45: Notícias. 178.00: Notícias. 178.15: Notícias. 178.30: Notícias. 178.45: Notícias. 179.00: Notícias. 179.15: Notícias. 179.30: Notícias. 179.45: Notícias. 180.00: Notícias. 180.15: Notícias. 180.30: Notícias. 180.45: Notícias. 181.00: Notícias. 181.15: Notícias. 181.30: Notícias. 181.45: Notícias. 182.00: Notícias. 182.15: Notícias. 182.30: Notícias. 182.45: Notícias. 183.00: Notícias. 183.15: Notícias. 183.30: Notícias. 183.45: Notícias. 184.00: Notícias. 184.15: Notícias. 184.30: Notícias. 184.45: Notícias. 185.00: Notícias. 185.15: Notícias. 185.30: Notícias. 185.45: Notícias. 186.00: Notícias. 186.15: Notícias. 186.30: Notícias. 186.45: Notícias. 187.00: Notícias. 187.15: Notícias. 187.30: Notícias. 187.45: Notícias. 188.00: Notícias. 188.15: Notícias. 188.30: Notícias. 188.45: Notícias. 189.00: Notícias. 189.15: Notícias. 189.30: Notícias. 189.45: Notícias. 190.00: Notícias. 190.15: Notícias. 190.30: Notícias. 190.45: Notícias. 191.00: Notícias. 191.15: Notícias. 191.30: Notícias. 191.45: Notícias. 192.00: Notícias. 192.15: Notícias. 192.30: Notícias. 192.45: Notícias. 193.00: Notícias. 193.15: Notícias. 193.30: Notícias. 193.45: Notícias. 194.00: Notícias. 194.15: Notícias. 194.30: Notícias. 194.45: Notícias. 195.00: Notícias. 195.15: Notícias. 195.30: Notícias. 195.45: Notícias. 196.00: Notícias. 196.15: Notícias. 196.30: Notícias. 196.45: Notícias. 197.00: Notícias. 197.15: Notícias. 197.30: Notícias. 197.45: Notícias. 198.00: Notícias. 198.15: Notícias. 198.30: Notícias. 198.45: Notícias. 199.00: Notícias. 199.15: Notícias. 199.30: Notícias. 199.45: Notícias. 200.00: Notícias. 200.15: Notícias. 200.30: Notícias. 200.45: Notícias. 201.00: Notícias. 201.15: Notícias. 201.30: Notícias. 201.45: Notícias. 202.00: Notícias. 202.15: Notícias. 202.30: Notícias. 202.45: Notícias. 203.00: Notícias. 203.15: Notícias. 203.30: Notícias. 203.45: Notícias. 204.00: Notícias. 204.15: Notícias. 204.30: Notícias. 204.45: Notícias. 205.00: Notícias. 205.15: Notícias. 205.30: Notícias. 205.45: Notícias. 206.00: Notícias. 206.15: Notícias. 206.30: Notícias. 206.45: Notícias. 207.00: Notícias. 207.15: Notícias. 207.30: Notícias. 207.45: Notícias. 208.00: Notícias. 208.15: Notícias. 208.30: Notícias. 208.45: Notícias. 209.00: Notícias. 209.15: Notícias. 209.30: Notícias. 209.45: Notícias. 210.00: Notícias. 210.15: Notícias. 210.30: Notícias. 210.45: Notícias. 211.00: Notícias. 211.15: Notícias. 211.30: Notícias. 211.45: Notícias. 212.00: Notícias. 212.15: Notícias. 212.30: Notícias. 212.45: Notícias. 213.00: Notícias. 213.15: Notícias. 213.30: Notícias. 213.45: Notícias. 214.00: Notícias. 214.15: Notícias. 214.30: Notícias. 214.45: Notícias. 215.00: Notícias. 215.15: Notícias. 215.30: Notícias. 215.45: Notícias. 216.00: Notícias. 216.15: Notícias. 216.30: Notícias. 216.45: Notícias. 217.00: Notícias. 217.15: Notícias. 217.30: Notícias. 217.45: Notícias. 218.00: Notícias. 218.15: Notícias. 218.30: Notícias. 218.45: Notícias. 219.00: Notícias. 219.15: Notícias. 219.30: Notícias. 219.45: Notícias. 220.00: Notícias. 220.15: Notícias. 220.30: Notícias. 220.45: Notícias. 221.00: Notícias. 221.15: Notícias. 221.30: Notícias. 221.45: Notícias. 222.00: Notícias. 222.15: Notícias. 222.30: Notícias. 222.45: Notícias. 223.00: Notícias. 223.15: Notícias. 223.30: Notícias. 223.45: Notícias. 224.00: Notícias. 224.15: Notícias. 224.30: Notícias. 224.45: Notícias. 225.00: Notícias. 225.15: Notícias. 225.30: Notícias. 225.45: Notícias. 226.00: Notícias. 226.15: Notícias. 226.30: Notícias. 226.45: Notícias. 227.00: Notícias. 227.15: Notícias. 227.30: Notícias. 227.45: Notícias. 228.00: Notícias. 228.15: Notícias. 228.30: Notícias. 228.45: Notícias. 229.00: Notícias. 229.15: Notícias. 229.30: Notícias. 229.45: Notícias. 230.00: Notícias. 230.15: Notícias. 230.30: Notícias. 230.45: Notícias. 231.00: Notícias. 231.15: Notícias. 231.30: Notícias. 231.45: Notícias. 232.00: Notícias. 232.15: Notícias. 232.30: Notícias. 232.45: Notícias. 233.00: Notícias. 233.15: Notícias. 233.30:

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Int. men. 13 a

As 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24

DE QUEM É A VIDA FINAL?

SALA B

As 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

MAS QUE VIZINHOS

N. acons. a men. 13 anos

ALVALADE 89148

Av. de Roma

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

O GENDARME

EM NEW YORK

Para todos

2ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 23.30

Não acons. a men. 18 anos

JULES E JIM

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

As 15.30, 18.30, 21.30

Int. men. 13 anos

BORRACHOS E

BORRACHINHOS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Não acons. a men. 18 anos

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

BLOW OUT

4ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

HERBIE, UM CAROCHA

DOS DIABOS

para todos

11ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30, 21.30

Não acons. men. 13 anos

UM TOQUE DE CLASSE

As 24.00 h

PARA ALÉM DA AVENTURA

DO POSEIDON

CINE 222 579491

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

não acons. a men. 13 anos

As 14, 16.30, 19 e 21.30

MOSCOVO NÃO ACREDITA

EM LÁGRIMAS

As 24.00

O FURACÃO

CINEBOLSO 579491

R. Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

NO CETIM, JÁ EXPERIMENTOU?

As 24.00 h

OS VIOLENTOS

CINE BLOCO 559654

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

SILVESTRE

2ª Semana

As 24.00

O PASSAGEIRO DA CHUVA

CINE CAMOES 324194

Rua do Loreto, 15

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. men. 13 anos

A CHAMA DA

LIBERDADE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

O UIVO DA FERA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

não acons. men. 13 anos

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

O PAPA E EU

2ª semana

ESTUDIO 555134

Alm. Alfonso Henriques, 35

As 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Não acons. men. 18 anos

SONATA DE OUTONO

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15.00, 17.00, 19.00, 21.30, 24.00

Não acons. men. 18 anos

COLEÇÕES

PRIVADAS

Três grandes realizadores... Um grande filme de alto nível!

IMPERIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30 h

Int. men. 13 anos

TEERÃO 43

LONDRES 555134

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30

A MULHER DO LADO

c/ Yves Montand, Gerard Depardieu

e Catherine Deneuve

4ª Semana

LUMIAR 795296

Calçada de Carriche, 38

As 15.30 e 21.30 h

Int. men. 13 anos

DJANGO ATIRA PRIMEIRO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15.30, 18.30, 21.30

Int. men. 13 anos

O REI DA

MONTANHA

As 24.00 h

GUERRILHEIROS DO INFERNO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

15.15, 18.15, 21.30

Int. men. 13 anos

CRIME EM CAMPO DE CEBOLAS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Não acons. men. 13 anos

14.00, 16.30, 19.00, 21.30

MOMENTOS DE GLÓRIA

As 24.00 h

A SOMBRA DO GUERREIRO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Estreia às 21.30

MILAGRE DA FÉ

15.15, 18.15

PERSEGUIÇÃO SELVAGEM

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Int. men. 13 anos

A BOMBA NA

MARINHA

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSE WILKER e FABIO JR. em exibição no QUARTETO



QUARTETO 771578

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 13 a

HONEY SUCKLE ROSE

SALA 2

As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

O ANJO DO ROCK

SALA 3

15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- Int. men. 13 a

BYE BYE BRASIL

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

SANGUE SELVAGEM

WISE BLOOD

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

As 15.30, 18.30, 21.30

O PAPA E EU

Não acons. men. 13 anos

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Int. men. 13 anos

AS ALGEMAS

DO FUGITIVO

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 13.45, 17.30 e 21.15

- N. ac. men. 13 a

Vencedor de 3 «Oscars»

REDS

c/ Warren Beatty e Diane Keaton

7ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

- N. ac. men. 13 a

A AMANTE DO TENENTE FRANCÉS

21ª Semana

S. JORGE SALA 3

As 14.00, 16.15, 18.45, 21.30

CONVERSA

ACABADA

Não acons. men. 13 anos

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 15, 17, 19 e 21.30

Int. men. 13 a

A DEFESA VESTE-SE DE NEGRO

3ª Semana

As 24.00

TOMMY

7.ª ARTE 730715

Av. República, a Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24 h

N. ac. men. 13 anos

ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

Domingo, às 11.15

ASTÉRIX O GAULÊS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 18 e 21.30

N. ac. men. 13 a

UNS E... OS OUTROS

29ª semana

As 00.30 h

A TORRE DOS REFÊNS

TERMINAL 71573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

JESUS - O HOMEM QUE JULGÁVA-

MOS CONHECER

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

RAGTIME

Int. men. 13 anos

2ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30

Int. men. 13 anos

A RAPARIGA E O

DETECTIVE

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

OLHOS ASSASSINOS

2ª Semana

As 23.45

O ASSASSINATO

DE TROTSKY

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Ragtime», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca

Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - «Blow Out», às 21.30 (18

anos)

CAPITÓLIO - «A Casta Matulona»,

21.00 e 23.00 (18 anos)

OLÍMPIA - «Tara é de Tara», sessões

permanentes (18 anos)

POLITEAMA - «O Campo Infernal das

Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - «Fruto Proibido», às 21.30

(13 anos)

CITY CINE - «Teerão», às 21.30 (13

anos)

2000 - «Forte Apache The Bronx», às

21.30 (18 anos)

RETELO - «A Calúnia», às 21.30 (13

anos)

OLIVAIS - «A Pele», às 21.30 (18 anos)

PÁTRIA - «A Vida é Sempre Igual», às

21.30 (13 anos)

ROYAL - «3 Homens a Abater», às

21.30 (18 anos)

PROMOTORA - «Os Salteadores do

Templo», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin -

«Basta de guerra, façamos amor»,

21.15 (13 anos); OBRAS - OBRAS -

Cine - «O Pequeno Lord», 21.15 (13

anos); PAREDE - Royal-Cine - «As-

cenção e queda de Idi Amin», 21.15 (13

anos); ESTORIL - Casino - «O Amante

de Lady Chatterley», 21.15 (13 anos);

Palácio - «O Noivo», 21.15 (18

anos).

Linha de Sintra

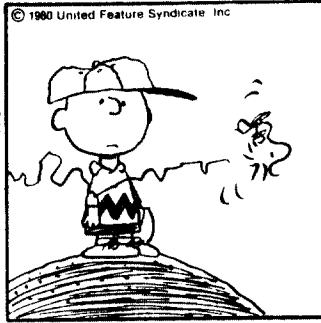
DAMAIA - D. João V - «Os Coman-

cheros», 21.30 (1



PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740
 Agentes, Assinaturas e Contabilidade
 Rua Castilho, 185-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
8 52	3,0 m	2 05	1,6 m
21 14	3,2 m	14 25	1,8 m
Dia 15			
10 05	3,0 m	3 17	1,7 m
22 28	3,2 m	15 45	1,9 m
TEMPERATURAS DO AR			
AS 9 HORAS			
VIANA DO CASTELO	14°		
BRAGANÇA	15°		
VILA REAL	16°		
PORTO	14°		
P. DOURADAS	13°		
COIMBRA	14°		
C. CARVOEIRO	16°		
PORTALEGRE	15°		
LISBOA	18°		
ÉVORA	16°		
BEJA	16°		
SAGRES	17°		
FARO	20°		
P. DELGADA	16°		
FUNCHAL	18°		

últimas

O AGRRESSOR frustrado do Papa, Juan Fernandez Krohn, teria, segundo últimas informações, rezado missa na Capela das Aparições, em Fátima, dois ou três dias antes da tentativa de atentado, em 12 de Maio. Krohn, que foi ordenado padre por Monsenhor Leubvre e cuja ordenação, com todas as outras feitas por ele, está suspensa «a divinis», teria assim entrado em Portugal «à data diferente daquela que primeiro foi noticiada. Interrogado pelo juiz Oliveira e Silva, durante os dias 13 e 14 do presente mês, Juan Hernandez Krohn confessou ser sua intenção matar o Papa João Paulo II.

POBRESSE ILEGAL DE ARMAS foram presos ontem em Lisboa dois indivíduos detectados por rusgas especiais e intensivas levadas a efeito por patrulhas policiais. Um deles, Sérgio Mota, de 22 anos, a prestar serviço militar no Regimento de Transmissões, seria detido na Rua da Alegria, com uma pistola Rhovier, modelo 110 de 8 milímetros de calibre, desprovida de carregador, bem como documentos. Tinha ainda consigo cheques em nome de David Lobo de Oliveiras Dias e Anabela Sampaio Freire. O segundo, José Fernandes, de 46 anos, vendedor ambulante, residente na Damaia, foi preso na Rua de S. Justa, na posse de uma pistola de 6,35 milímetros sem número, registo ou licença mas devidamente muniada com seis balas.

HOMICÍDIO OU SUICÍDIO eis a questão que se põe aos investigadores criminais perante o corpo de um indivíduo encontrado a boiar num poço situado na Quinta da Adelaide junto às instalações dos «Cabos d'Ávila» nas proximidades de Carnaxide. Presume-se tratar-se de José Joaquim Pereira e o corpo apresentava-se amarrado a nível dos tornozelos por um fio atado a uma pedra. Os gases provocados pela decomposição seriam responsáveis pela subida do corpo à superfície.

ÓPERA CHINESA em Portugal no fim de uma digressão de dois meses a vários países europeus. Depois de actuar na Finlândia, Noruega e Suécia a Companhia de Ópera da Província de Liaoning, com 50 artistas, chegará a Lisboa onde apresentará uma tragicomédia

Na Universidade Nova de Lisboa

“A Informação em que estamos”

A partir da próxima segunda-feira, dia 17, e até 28 do corrente, decorre na Universidade Nova de Lisboa um debate sobre Comunicação Social subordinado ao tema «A Informação em que estamos». Trata-se de uma iniciativa conjunta do Cine-Clube Universitário de Lisboa e da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, com o apoio de diversas instituições, como, por exemplo, o Departamento de Comunicação Social daquela Universidade.

A informação e o poder político, a profissão de jornalista e a manipulação da informação, a informação na Rádio, a informação televisiva (RTP-1 e RTP-2) e o ensino da Comunicação Social em Portugal são alguns dos temas a tratar, cuja abordagem constará de comunicações, precedidas de projecção de filmes e de «video-tape».

Destaca-se ainda a discussão de «Uma nova ordem mundial de informação», e, no último dia, a encerrar o programa, o tema «A Informação e a revisão constitucional».

O calendário destas jornadas é o seguinte, sempre a partir das 21 e 30: dia 17, «A informação e o poder político», com projecção do filme «A honra perdida de Katharina Blum»; dia 18, «A Força da Imprensa Escrita»; dia 19, «O Impacto da Televisão» e o filme «Escândalo na TV»; dia 20, «A Informação: Jogo sem Fronteiras?», seguido da projecção de diversos filmes sobre diferentes tecnologias de comunicações aplicadas aos meios de informação; dia 21, «A profissão de jornalista e a manipulação da informação», e o filme «O Monstro da 1.ª Página»; dia 22, debate sobre a informação na rádio, ilustrada por gravações, em colaboração com a Cooperativa TSF; dia 24, «O que é e como se faz um telejornal», com visionamento de diversas gravações em vídeo sobre o funcionamento de redacções de serviços noticiosos; dia 25, «A informação na RTP-1 e na RTP-2», com gravações do «Telejornal» e da «Informação/2», bem como de exemplos de canais alternativos estrangeiros; dia 26, debate sobre problemática da informa-

ção e dos meios de comunicação a nível internacional, com intervenção de diversos convidados; dia 27, debate sobre «O ensino da Comunicação Social em Portugal»; e, finalmente, dia 28, «A Informação e a Revisão Constitucional».

Refira-se que simultaneamente com esta iniciativa será editada uma brochura com múltiplos textos sobre os temas em discussão, e que, em princípio, constituirão base de reflexão e ponto de partida para os debates.

Segredo profissional

Os cronistas europeus reafirmaram no seu terceiro congresso que se realizou em Nápoles de 11 a 13 do corrente mês de Maio o direito inalienável à livre informação e ao segredo profissional.

Numerosos jornalistas europeus, segundo o comunicado final saído do congresso, «são actualmente arrastados perante a Justiça dos seus países respectivos por terem recusado violar um segredo profissional, que, no entanto, nenhuma lei sanciona formalmente».

Ora esse segredo profissional é considerado «como a garantia

insubstituível do exercício honesto da sua profissão, e ao qual os jornalistas se sentem ligados por um compromisso de honra».

O comunicado do congresso convida os Governos europeus a lutarem «com a maior firmeza contra as intimidações do terrorismo, do banditismo organizado, e da corrupção, trindade que tenta minar as bases das nossas sociedades. Estas não podem — acentua-se ainda — esperar aprofundar o seu esforço de democratização sem uma livre e continuamente mais importante difusão e circulação das ideias e das opiniões».

Os cronistas europeus acrescentam que as suas reivindicações profissionais devem «ser baseadas no controlo mais rigoroso das informações e inspirar-se em todas as circunstâncias nas regras da deontologia profissional».

Regionalização

O secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro, José Alfaia, encerra na próxima sexta-feira, no Porto, um seminário sobre regionalização e comunicação.

O seminário, organizado pela Tesiresd, e que decorre na Fundação Oliveira Martins, será presidido por Miguel Veiga.

EUA diminuem verbas para FA's e Governo português reage

Caças norte-americanos proibidos de sobrevoar Portugal

A proibição do sobrevoos do espaço aéreo português de dois caças norte-americanos que faziam o trajecto Egipto-EUA poderá inserir-se nas ameaças formuladas no passado dia 6 de Maio, em Bruxelas, aos países da NATO pelo ministro Freitas do Amaral — adiantou para o «DL» uma fonte próxima do Governo.

A notícia da referida proibição, veiculada ontem pela RTP-2, sem especificar as razões do Governo de Lisboa, indicava ainda que o pedido para o sobrevoos partiria, em fins de Abril, da própria Embaixada norte-americana na capital portuguesa. Na altura a Embaixada dos EUA foi informada de que os dois jactos militares não poderiam sobrevoar o espaço aéreo português, em viagem de manutenção.

Recorde-se que o actual ministro da Defesa, Freitas do Amaral, ameaçara, na passada semana, durante uma reunião do Conselho de Ministros da Defesa da NATO, retirar as facilidades que estão a ser concedidas em território português aos países daquele pacto militar.

Amaral terá, basicamente, referido a intenção do seu Governo

de reagir em termos duros e práticos caso os Estados Unidos insistam na redução da ajuda militar e a NATO continue a retardar a entrega de três prometidas fragatas.

O ministro português terá frisado que Lisboa não estará disposta a ceder as bases das Lajes e de Beja sem as convenientes contrapartidas. «Se a situação não mudar significativamente, e em breve, o Governo português será obrigado a rever a sua atitude no seio da NATO e a reconsiderar as facilidades que foram e continuam a ser concedidas aos países da Aliança em território nacional» — terá afirmado textualmente o vice-primeiro-ministro, conforme notícia do semanário «Expresso», na sua penúltima edição.

Esta posição do executivo AD terá sido concertada antes da ida para Bruxelas de Freitas do Amaral, e para ela terá pesado, em boa medida, o aumento de auxílio militar dos EUA a países não-membros da NATO, como é o caso (ainda) da Espanha, a par da redução das verbas previstas para a Força Armada portuguesa.

Situação continua tensa em Vizela

População não deixou que o único banco abrisse

Ao som dos sinos tocando a rebate a população de Vizela juntou-se ontem à tarde em frente da única dependência bancária da vila — as instalações do BNU — e impediram a sua abertura. De manhã habitantes de Vizela haviam já impedido a circulação de um camião de recolha do lixo da Câmara Municipal de Guimarães.

Com estas atitudes a população de Vizela, que se encontra bastante excitada e tensa, pre-

tendeu protestar pela não criação do concelho de Vizela e pelo adiamento da discussão e votação do projecto do PPM na Assembleia da República.

As movimentações continuam a ser dirigidas pelo chamado Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela, que tem à sua frente o vereador Campelos (AD) da Câmara de Guimarães, um homem que é de Vizela e onde possui uma farmácia e uma pequena fábrica de confecções.

A pequena força da GNR existente em Vizela compareceu ontem junto das instalações do BNU quando a população ali se concentrava, «com receio de que

as mesmas pudessem ser assaltadas», de acordo com informações que nos foram prestadas esta manhã pelo comandante da secção da GNR de Guimarães.

SOFIA-ATENAS
SOFIA-ISTAMBUL
 Partidas semanais de Junho a Outubro
 (10 dias de viagem)

Programas incluem:

- Transporte LISBOA - SOFIA - ATENAS ou ISTAMBUL e volta
- Transporte dos Aeroportos, Hotéis e vice-versa
- Visitas de cidade em SOFIA e ATENAS ou ISTAMBUL
- Estadia em hotéis de 1ª categoria
- Assistência de um experiente guia

PROGRAMA E RESERVAS:

MUNDIRAMA
 VIAGENS E TURISMO LDA.
 R. DO CRUCIFIXO, 33 1100 LISBOA
 Telef. 36 03 02 / 32 88 56

EPIROTIKI LINES
 1982

5 Fabulosos Cruzeiros às Ilhas Gregas, Israel, Egipto e Turquia, na Pacote «ATLAS»

Datas de Partida
 JULHO - 18.25 • AGOSTO - 1.15.29

PREÇOS ESPECIAIS PARA GRUPOS

Consulte o seu agente de viagens ou os AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

JAMES RAWES
 R. Bernardino Caba, 47-1200 LISBOA - Tel. 370231

CANADÁ E ESTADOS UNIDOS

AVIÃO + AUTOPULLMAN + MINI-CRUIZEIRO

LA LE MANIÈRE À L'ÉCHÉANCE

Partidas: Julho 14
 Agosto 4 e 18
 Setembro 1

Visitando:
 MONTREAL - OTTAWA - QUÉBEC
 1000 ILHAS - LAGO PLACID - VALLÉ DE HUDSON
 NOVA IORQUE - WASHINGTON - TORONTO
 E CATARATAS DE NIAGARA

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
 fundada em 1840

LISBOA - Av. Liberdade 160 - Tel. 317141
 LISBOA - Av. de Roma 66-B - Tel. 805096
 PORTO - Av. Azeiteiros 207 - Tel. 317921
 COIMBRA - Rua da Seta 2 - Tel. 270112
 F. A. R. O. - Av. República 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho 1 - Tel. 31077/8

ESTADOS UNIDOS E MÉXICO

PARTIDA ESPECIAL
 12 / JUN / 82

16 DIAS DE EXCURSÃO * ACOMPANHAMENTO **abreu**

Visitando:
 NOVA IORQUE - WASHINGTON (Opcional) - BOSTON (Opcional) -
 ORLANDO - DISNEYWORLD - MIAMI - CIDADE DO MÉXICO -
 ACAPULCO (Opcional) - CUERNAVACA E TAXCO (Opcional)

Incluindo:

- Passagem aérea e 2 malas com restrição de peso e medidas.
- Estadia em Hotéis de 1ª CAT. e em regime de alojamento e pequeno almoço no México e de só alojamento nos Estados Unidos.
- Transporte privado dos Aeroportos aos Hotéis e vice-versa.
- Visitas turísticas de Nova Iorque, Disneyworld, Mundo do Circo, Miami e Cidade do México.
- Todas as Taxas Hoteleiras de Turismo e Serviço.
- Seguro de Viagem no valor de 1.000 contos.

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
 fundada em 1840

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
 LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 317141
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
 COIMBRA - Rua da Seta, 2 - Tel. 270112
 F. A. R. O. - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 15 DE MAIO DE 1982

Estórias de Portugal



Exemplos não faltam, em quantidade e qualidade, para ilustrarem, exemplarmente, a deambulação estórica por onde nos deixamos ir. Ou será que é mesmo à força que vamos?...

Para não recuarmos por aí atrás, ao invés dos anos, num retrocesso de séculos que nos tornariam penoso o regresso aos nossos dias, fixemos, num passado ainda bem recente, o ex-presidente Américo acusado pelo actual primeiro. Pinto de sua graça, de se colocar inteiramente na **dependência** das potências inimigas a quem, no mínimo, competia mover guerras sem quartel. Refiro-me, como é óbvio, ao ex-presidente do Futebol Clube do Porto Américo de Sá e ao seu actual número um Pinto da Costa. As potências adversárias eram, (e são!) o Sporting e o Benfica. Benfica que viu alguns dos elementos da sua actual Direcção desertarem dos seus postos a pretexto (em alguns casos), do seu Presidente, Fernando Martins, eleito por sufrágio universal, se colocar numa **dependência** preocupante do seu homólogo rival e já campeão nacional, João Rocha. E aqui o estoriador, que é doutra estória, doutra «guerra», limita-se a registar sem comentar que isso de «boquear» o chuto é bem mais arriscado que palpatar a política geral do Estado...

Aliás a nossa **dependência** na matéria é tanta e tal que, depois do «vistazo» dado no apuramento para a fase final do campeonato do mundo, estamos hoje **dependentes** dos tiros que a Real Marinha de Sua Majestade possa acertar nos cruzadores argentinos para irmos a Espanha prolongar o «figuão». O que não conseguimos construir nos noventa minutos de «nós atrás das bolas e elas aos saltinhos» **depende** hoje do quadriculado insólito em que se desenrola uma batalha naval, na qual se espera e deseja não dispararmos um tiro que seja para amostra. Se lá chegarmos, à fase final do mundial, uma coisa é absolutamente certa: ninguém poderá afirmar que foi à custa dos nossos «tiros», da boa pontaria dos nossos «atiradores»... Foram **Dependências!**

Ora este permanente jogo de **dependências**, começa a entrar regularmente no nosso quotidiano com uma naturalidade que obriga a uma paragem para reflexão. Não porque o clube A, B, ou C dependa do X, do Y ou do Z... Mas não serão os nossos maiores clubes os espelhos fiéis em que se reflecte a vida do país?... Não serão as **dependências** dos seus mais notáveis cópias de **dependências** de outros, temporariamente, ainda mais notáveis?...

E não se diz para aí bem alto que com a entrada da Espanha para a NATO, advogada pelo nosso Governo, passaremos a **depende** militarmente dum comando «nuestro hermano»?...

E não é verdade que muito se tem falado, desde o primeiro de Maio, que a «carinhosa» polícia de intervenção **depende** do senhor ministro Ângelo Correia?... Pois se tudo entre nós está cada vez mais **dependente** porque tanto alarido, qual a razão de uma tão forte descarga adrenalínica só porque o nosso senhor primeiro-ministro colocou, no estrangeiro, a nossa **independência** na **dependência** de outros? Só por precipitação pura. Cá o estoriador, a quem toda a emoção deve estar vedada no momento da análise, percebeu tudo e passa a explicar. O raciocínio de Sua Excelência é dum rigor indiscutível: a **independência** **depende** logo **dependendo** seremos **independentes**. Eu não sei se me estou a explicar bem... Quer ele dizer na sua: uma verdadeira **independência** **depende** das **dependências**... isto é... **quem depende teu amigo é**. Ou, por outras palavras: **não é por muito depender que te tornas independente mais tarde. Há ainda uma máxima notável que define por completo a política governamental na matéria: a dependência da minha vizinha é sempre melhor que a minha**. Se tudo correr como esperam os nossos gestores, o que **depende**, em homenagem aos seus feitos valorosos será erguido o **Palácio da Dependência**. Só uma coisa o estoriador não descortina neste imbróglio...

Afirmou o senhor primeiro-ministro correremos o risco de nos transformarmos na Turquia ou na Polónia. Sinceramente não vejo como... Os turcos sempre têm os famosos banhos e os célebres atalhados... Ora nós continuamos a levar grandes «banhadas» mas este governo está visto que não se limpa... Quanto aos polacos eles têm Sua Santidade enquanto por cá, com esta crise, qualquer dia não há papa para ninguém.

Francisco Nicholson



Música em Portugal: o que há para ouvir

A COMPANHAN-DO mais ou menos de perto a subida incessante dos preços, também os discos estão cada vez mais caros. É possível dizer-se que, neste caso, o encarecimento não tem sido tão crescente como noutros sectores — nos livros, por exemplo. Todavia, também o preço dos discos é hoje, pode dizer-se, muito alto para a capacidade de compra da parte dos portugueses consumidores de tal produto.

Recentemente apareceram no mercado português edições alemãs ao preço de 185\$00. É o mais alto que o disco atingiu até hoje entre nós. Mas já há algum tempo que as edições da Deutsche Gramophone custam em Portugal uma média de mil escudos. O disco de proveniência germânica é o mais caro de todos.

Edições de proveniência inglesa ou francesa podem considerar-se mais facilmente acessíveis, pois compram-se por menos do que metade ou um terço das alemãs. Isto, edições dos anos mais recentes, e no âmbito da música de arte — designação por que aqui nos referimos ao que se costuma chamar, alguma coisa erradamente, música clássica ou música sinfónica. Os entendidos sustentam que o disco alemão é em regra de melhor qualidade. Pode não ser bem assim, se considerarmos as edições húngaras e checas que até há alguns anos havia com relativa abundância no mercado português. Mas estas edições foram desaparecendo, não tem havido importações, e, actual-

mente, o disco alemão é pelo menos o mais numeroso.

Mas são ainda encontráveis com relativa facilidade no mercado português discos provenientes de diversos países europeus, da União Soviética à Espanha, da Itália à Polónia, da Inglaterra à Áustria, passando inevitavelmente sempre por França. Uma colecção francesa da Musidisc, a «Richesse Classique», que tem ainda dezenas de títulos nas discotecas portuguesas, é, aliás, do mais barato que se pode encontrar: 230\$00. Um pouco mais custam as produções de outras marcas francesas e as inglesas. O mais barato, porém, ainda é o disco húngaro ou checo de que restam poucos títulos, todavia: onde há, vende-se por menos de 200\$00, em regra. E as edições da Hungaroton, de Budapeste, ou da Supraphone, de Praga, são de qualidade excepcional, tanto pelo alto nível dos intérpretes como pelos cuidados postos na produção discográfica. O mesmo se diga do disco austríaco, de que não há muito nas discotecas, mas de que as edições Amadeo, de Viena, ainda sobranças, são demonstração convincente.

O disco de proveniência soviética, de que se importou bastante em meados de 70, é certamente de qualidade e também mais barato do que muitos outros: mas os 350\$00 que custam, em regra, são um pouco mais do que os casos precedentes.

O disco americano não tem presença minimamente significativa no mercado português.

Entretanto, há as prensagens portuguesas de gravações provenientes do estrangeiro. Os discos produzidos nestas condi-

ções são na realidade mais baratos do que as edições estrangeiras, mas o preço deles ultrapassa ainda os dois casos que acabamos de ver e principalmente os preços por que ainda há à venda dezenas de discos editados aqui há cerca de dez anos pela Sasseti, de fabrico português, sobre gravações contratualmente cedidas por marcas da Hungria, da Checoslováquia e da Áustria. O preço destes discos só excepcionalmente excedia (e excede — há ainda à venda vários títulos) um preço variável entre os 180\$00 e os 207\$00.

Entretanto, os preços mais baixos dos últimos anos passaram a ser os da Discoteca Básica Nacional: 167\$50 e 185\$00. (Os números podem variar, mas não muito, de estabelecimento para estabelecimento.) Este preço é cerca de metade do que custa na generalidade o disco português de autor português (Lopes Graça, por exemplo, entre 300 e 400 escudos) e as proporções para os diversos preços vai até cerca de mais de um décimo para as mais recentes importações de origem alemã, como vimos.

A Discoteca Básica Nacional é importante por isto, e não só, veremos a seguir.

A Discoteca Básica

A Discoteca Básica Nacional é um projecto da então secretaria de Estado (hoje Ministério) da Cultura, e arrancou em 1978, com a participação de algumas casas editoras.

A ideia apontava — e aponta, já que se mantém — para o que a própria designação sugere, e os preços puderam baixar até onde baixaram certamente porque os

custos da edição são subsidiados.

As tiragens têm sido limitadas a 1500 exemplares certamente porque não reclamava mais do que isso a expectativa que havia quanto à procura que os discos pudessem vir a ter. E a realidade não tem desmentido essa expectativa: o interesse público nem chega, senão muito lenta e raramente, aos números em que as tiragens prudentemente se ficaram. Alguns títulos venderam-se menos mal, outros mal, outros nem tanto.

Parecerá pertinente perguntar-se porquê, e há logo duas ou três respostas que ocorrem. Antes de mais, trata-se de música de arte portuguesa, não se pode dizer que a generalidade do público (mesmo o que habitualmente se interessa por estas coisas) esteja largamente familiarizado com a música portuguesa, e certamente que não é escasso o número daqueles que embora compreham habitualmente música de arte gravada, não compram no entanto música portuguesa, de compositores portugueses. Depois, não foi feito praticamente nada no sentido de promover tais edições — talvez para não agravar despesas, talvez porque se pensou que seria inútil, e bastariam as breves notícias nos jornais e a divulgação através do programa 2 da RDP. A primeira razão parece mais consistente do que esta. Pelo menos não se pode dizer que efeitos produziria, por exemplo, uma campanha publicitária com um mínimo de aparato e a nível de Imprensa, rádio e televisão, junto do público — e já parecerá admissível que se fale, mais do que da não-

Cinema

● **Silvestre**
de João César Monteiro
(Portugal — 1980/81)

Não é vulgar eu tomar-me de violentos amores por um filme. Mas **Silvestre** trespassa-me como se tivesse a chama de um graal inacessível. É por isso que considero urgente que se veja este filme. Para se perceber que o cinema é esse espectáculo total contaminado pelo teatro, pela música, pela pintura, pela literatura, pela ópera. Para se constatar, com Maria de Medeiros, que não há nada mais comovente, em cinema, que a transfiguração de um rosto. Para se confirmar que Luís Miguel Cintra é um dos grandes actores do nosso tempo. Para se verificar como Teresa Madruga se oferece e se recusa, se incendeia e se recalca, naquele que é o seu melhor trabalho em cinema. Para se ver como Acácio de Almeida é um portentoso director de fotografia. Etc. etc. que **Silvestre** é algo de tão violento que fará empalidecer algumas estrelas.

(arrisco: Oliveira incluído)

Cinema CineBelo
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)● **A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS**
de Karel Reisz
(GB — 1981)

E, no entanto, Meryl Streep (pilar fundamental) deste filme não ganhou o óscar. Hollywood persiste em virar a cara aos ventos temerários dos novos turcos.

Cinema S. Jorge 2
(14.15, 16.45, 19.15 eLuís Miguel Cintra em «**Silvestre**»: a confirmação de que se trata de um dos grandes actores do nosso tempo.21.45h)
(não acons. men. 13 anos)● **REDS**
de Warren Beatty
(USA — 1981)

Warren Beatty levou o (me recido) óscar do melhor realizador, como forma de sancionar a aparente ousadia temática de **Reds**. Diane Keaton, genial actriz, foi ignorada. O filme é um sucesso, embora a gestão das suas contradições não seja brilhante.

Cinema S. Jorge 1
(13.45, 17.30 e 21.15h)
(não acons. men. 13 anos)● **BLOW OUT**
de Brian de Palma
(USA — 1981)

Brian de Palma continua a ser um dos raros estilistas do cinema americano actual. Com alguma ganga e um certo número de ideias fortes, **Blow out** é surpreendente. Ouvir e testemunhar: quem se arrisca?

Cinemas Alfa 3
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
e Borna
(14, 16.30, 19, e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)● **A MULHER DO LADO**
de François Truffaut
(França — 1981)

Uma história de amor intensa e total. Truffaut continua a ser um dos realizadores de proa do cinema europeu.

Fanny Ardaut é uma descoberta.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30h)
(Interdito a men. 13 anos)● **OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA**
de Steven Spielberg
(USA — 1981)

Numa sala que não chega a ter cem lugares este fabuloso entretenimento aponta para meses de permanência em cartaz. É um produto acabado da estratégia de George Lucas para criar um cinema centrado numa técnica apuradíssima e num imaginário inesgotável.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15e 23.45h)
(não acons. men. 13 anos)● **BYE BYE BRASIL**
de Carlos Diegues
(Brasil — 1980)

O desencanto atinge o «cinema novo». Ainda não é o desespero mas, como dizia o outro, lá chegaremos. Diegues filma o bloqueio de um país e, talvez, de um dos caminhos mais ricos e contraditórios do cinema latino-americano.

Cinema Quarteto — Sala 3
(15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)● **ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR**

AS ESTRELAS

Silvestre	★★★★★
A amante do tenente francês	★★★★★
Reds	★★★★
Blow out	★★★★
A mulher do lado	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
Bye Bye Brasil	★★★
Arthur, o alegre conquistador	★
O Chico Fininho	●

A «Chave»

- ★★★★ — Excepcional
 ★★★ — Bom
 ★★ — Interessante
 ★ — Desinteressante
 ● — A evitar

de Steve Gordon
(USA — 1981)

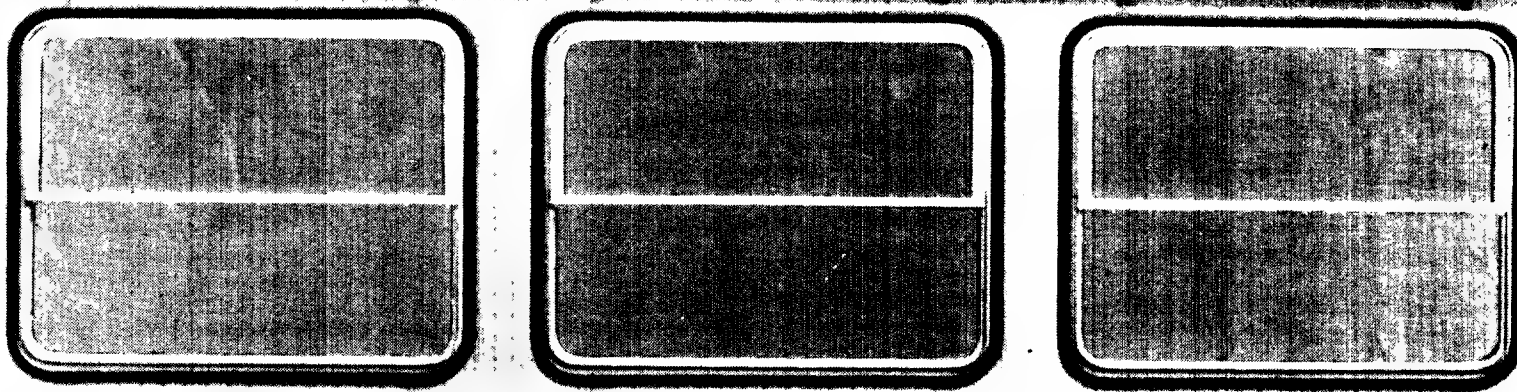
Um filme quadrado para um entertainer (Dudley Moore) que nem John Gielgud salva de um tom de vulgaridade.

Cinema 7.ª Arte
(14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24h)
(não acons. men. 13 anos)● **O CHICO FININHO**
de Sérgio Fernandes
(Portugal — 1981)

Um puro e simples disparate. Fílmico, ético, estético.

Cinema City Cine
(14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

Carruagem para fumadores a partir de 1 de Junho na linha de Cascais



A partir do próximo dia 1 de Junho, os fumadores passam a dispôr de uma carruagem própria para o efeito, na Linha de Cascais. Esta carruagem estará devidamente assinalada, para uma fácil e rápida identificação. Os locais de fumo habituais passam, assim, a ser inteiramente substituídos pela carruagem própria, agora criada.

Mas, se nos permite um conselho... evite fumar!

Fumadores

Smokers

Fumadores

SABADO, 15 DE MAIO DE 1982

Sete Ponto Sete Cinema

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

M

MONTEIRO, JOÃO
CÉSAR
realizador

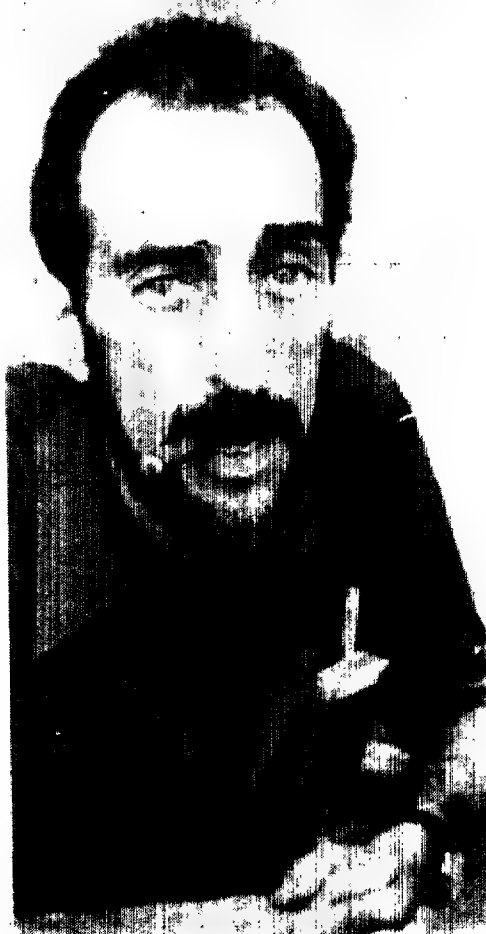
«Nasci aos 2 de Fevereiro de 1939, na Figueira da Foz.

Tive infância caprichosa e bem nutrida, no seio de uma família fortemente dominada pelo espírito, chamemos-lhe assim, da 1.ª República. Escusado será dizer que abundavam os dichotes anticlericais, muito embora o meu pai desejasse que eu viesse a seguir a carreira eclesiástica. Em suma: não se percebia nada. Pelo menos à primeira vista.

Por volta dos 15 anos, fixei-me com a família em Lisboa, para poder prosseguir a minha medíocre odisseia liceal. Instalado no colégio do dr. Mário Soares, acabei por ser expulso ao contrair perigosíssima doença venérea. Pensei, então, que entre a política e as fraquezas da carne devia existir qualquer obscena incompatibilidade e nunca mais fui visto na companhia de políticos.

Tendo finalmente conseguido dissipar toda a fortuna na satisfação de brutais apetites, o meu garboso pai veio a falecer vitimado por cruel ataque cardíaco, deixando-me, perplexo e sem um chave, a coçar a cabeça. Era chegada a hora de dar o corpinho ao manifesto, como a maior parte das pessoas. Filho que era de meu pai, atravessei senhorialmente muitos e variados empregos, mas em breve me apercebi que já não podia olhar o mundo da mesma maneira. Fui até Paris para ensaiar até onde me era possível ir. Não me era possível ir muito longe. Meses depois, *ayant connu pas mal de choses*, era repatriado.

Em 1960, encontrei o sr. Seixas Santos, que teve a bondade de me ensinar um pouco do muito que sabe de cinema. O sr. Vasconcelos andava ao mesmo e parecia fazer progressos que, infelizmente (para ele) o futuro ainda não comprovou.



João César Monteiro



«Veredas»

No ano seguinte, trabalhei como assistente de realização do sr. Perdigão Queiroga admito que poderia ter aprendido mais qualquer coisinha se não tivesse sido tão presunçoso.

Em 1963, na injusta qualidade de bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, parti para Londres a fim de frequentar a London School of Film Technique. Suponho que nunca por aquela escola passou aluno tão mau, mas nesse passo não tive grandes culpas no cartório: é que de facto os ingleses não nasceram para o cinema. (...)

Em 1965 conheci o Paulo Rocha e os seus

Verdes anos, o Fernando Lopes e o seu Belarmino. Tomei-me de amizade pelo Fernando e de amores pelo filme do senhor Rocha, cujos hábitos de anacoreta o tornavam pouco acessível.

Nesse mesmo ano tentei pôr de pé um projecto de filme em 16 mm intitulado *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço*. Dois dias de filmagens e rabinho entre as pernas. Falta de xis. Esse ano negro não findaria, no entanto, sem que deixasse a meio o primeiro filme publicitário que me enfiaram nas unhas: de como, graças ao Não-sei-quê, fazer desaparecer em três penas o mau cheiro do



Maria de Medeiros em «Silvestre»

sovaco, e me internassem num hospício para acalmar as febres.

De novo na vida civil, os meus excessos ultra-românticos, temperados pela mais nobre profundidade sentimental, tiveram enfim (ai filhas de Sidon) a justa consagração, o que não me livrou de amouchar durante um ano como escriba de Filmes Castelo Lopes, Lda.

Em 1968, após um reconfortante período em que descobri que mães há muitas e pai só um, o celeste, dei mostras de, para além do instinto de conservação, possuir muitos outros bons instintos, e fui finalmente recomendado ao produtor Ricardo Malheiro. Foi, pois, na mais desregrada euforia que fiz o filmezinho sobre Dona Sophia. Pouco tempo volvido (ó desgraça!), o Malheiro ia à falência ou, o que vinha a dar ao mesmo, a falência ia ao Malheiro. Sem grande proveito, tentei ainda a publicidade. Desesperadamente. Três ou quatro filmes, uma viagem, hélas!, à Guiné, e disse.

No ano seguinte, estimulado por algumas boas vontades (saudades), resolvi repegar no projecto *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço*, cujas filmagens se arrastaram ao longo de dois anos. Numa altura em que eu já deitava o filme pelos olhos, a Fundação Gulbenkian (obrigadinho) deu um subsídio de \$\$\$\$\$\$. 180 contos, divididos em três prestações. Aqui, tive a tentação de dar uma volta. Pedi ao Vasconcelos para filmar dois planos que faltavam ainda ao filme, e fui. Itália e a inevitável Paris. Esgotada a pinhança, voltei para acabar o filme, receber a última prestação e partir outra vez, ora de comboio, ora à boleia, consoante a inspiração: Barcelona, Marselha, Florença, Milão, Como, Cernobbio, Paris. (...)

A longa transcrição que atrás se faz do texto de João César Monteiro «A minha certidão», publicado no «& etc.», n.º 4, de 28/2/73 (mais tarde incluído no livro de J.C.M., «Morituri te salutant», ed. & etc., Lisboa, 1974). Creio que é

a melhor apresentação possível deste realizador. Não está lá escrito que César Monteiro foi crítico de cinema (e dos mais inflamados e lúcidos) no «Diário de Lisboa», «O Tempo e o Modo», «Cinéfilo»... Nem que foi cineclubista. E, claro, também não estão lá os vários filmes que havia de fazer. Por precisão adiante-se que o filme de Perdigão Queiroga onde César Monteiro foi assistente de realização se trata de *O Milionário*.

FILMOGRAFIA: Sophia de Mello Breyner Andresen CM (1968); *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço* MM (1969-70); *Fragments of a film-essmola* (1972); *Que farei eu com esta espada?* (1975); *Veredas* (1975/77); *O amor das três romãs* CM (1978); *Os dois soldados* CM (1978); *O rico e o pobre* CM (1978); *Silvestre* (1980/81).

João César Monteiro começou por ser crítico de cinema, começou por intervir no panorama cinematográfico português através das palavras. Palavras feras, dotadas de paroxismos de beleza e ironia. Durante anos deu de si a imagem de umenfant terrible que nada poupava (nem sequer ele mesmo): o texto transcrito atrás é, aliás, uma boa demonstração desse facto.

O seu cinema, porém, desconcerta quem quer que espere ver no écran as corrosivas iras dos seus escritos. Vertical, quase hierático, com ressonâncias de um espectáculo total, o cinema de João César Monteiro está contaminado pela pintura, pela música, pelo teatro, pela ópera. É um cinema que não mostra o dente: impõe-se sempre por uma intensa personalidade no olhar que lança. No mui diverso mundo da curta-metragem dos anos 60, *Sophia de Mello Breyner Andresen* é um caso único de recusa em transigir. Já aí se definem duas das constantes que presidiriam à sua obra: a constatação de que o olhar alguém é sempre um acto transgressor; a afirmação de que o som, a voz, os ruídos, os silêncios são material primeiro do cinema.

Quem espera sapatos de defunto morre descalço introduz os actores e explicita a adesão aos seres que desregam um mundo de regras feito. *Fragments of a film-essmola* (que, primeiro, se chamou *A sagrada família*) evidencia que a literatura, o peso das palavras, é algo de decisivo: o respeito pelos actores, pelas pessoas, também.

Mas este cinema, anterior a 1974, é, na carreira de César Monteiro, o monumento da incompletabilidade. Só *Sophia...* é um trabalho inteiro, os dois restantes têm as marcas de condições de trabalho ingratas e também de uma vontade de dizer tão abarcadora que os filmes são sempre menos do que pressagiam. Experiências apaixonantes de uma convulsão que não sabe onde desembocar.

Com a revolução de Abril de 1974, o cinema de João César Monteiro deixa a cidade e vai à descoberta. *Que farei eu com esta espada?* é o abrir de uma viagem: pelo país, pelas raízes culturais. *Veredas* é a viagem propriamente dita, o encontro com as pedras, os rostos, as lendas, os mitos. As três curtas-metragens que fez para a RTP/2 (*O amor das três romãs*, *Os dois soldados*, *O rico e o pobre*) são breves experiências com materiais cinematográficos, menores mas curiosas no que pressagiam. *Silvestre* é o ponto de chegada, o provisório fecho da abóbada. Tudo vai aí dar: o fôlego operário (que vinha dos *Fragments...*), a atenção ao som (que vinha desde sempre), o rigoroso trabalho com os actores, a interrogação dos mitos, a ancoragem em narrativas tradicionais, as referências pictóricas, a paixão da desordem.

Não há balanço possível da obra de César Monteiro a não ser um: o seu cinema, mesmo nos momentos em que derrapa, tem a ressonância de catedrais. O canto pode não ser sempre divino mas é constantemente trocado por fulgores de êxtase. É um caso singular no cinema português.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de ConfeccõesAv. João XXI 5 D - 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16 55 G - 1300 LISBOA

Alugam-se

2 Salas para Consultório ou Gabinete, no Centro
do Barreiro.
Telefonar para 207 91 84, depois das 20 horas.

PROFESSOR

P R E C I S A - S E
Física11.º e 12.º ano
Contactar pelo Tel.: 540526

Dez de Maio um ano depois

Os "rendez-vous" da rua Valois

ACABAMOS por já não saber qual o fenómeno essencial neste primeiro aniversário da «era Mitterrand»: o orçamento ou o ministro? O aumento dum (passou a 0,75 por cento do orçamento do Estado, duplicou portanto) permitiu ofertas estimulantes, recuperações salutaras e projectos sumptuosos. Mas a energia não menos espectacular do outro abanou as instituições e os espíritos. É claro que o ministro se bateu fortemente pelo seu orçamento e é também claro que esses capitais são a sua força. A administração é um tanto lenta, nomeadamente a deitar cá para fora as subvenções acordadas, mas também ela há-de ser abanada.

Jack Lang, pessoa em quem os amigos nem sempre acreditam porque a familiaridade engendra a dúvida, transformou a imagem do ministro e do Ministério. Apoiado pelo presidente da República que o leva em quase todas as viagens ao estrangeiro e que conta com ele para fazer a França brilhar, Jack Lang instalou no seu gabinete e nos postos-chave homens dinâmicos que lhe permitirão realizar as suas ambições: elas são parisienses, regionais, internacionais, intelectuais e artísticas.

Não se espere dele uma atitude de mecenas (ou de tecnocrata) pois o interesse de Jack Lang está em que ele se interesse por tudo. A actividade é impressionante, entre as artes não há diferença, viva a democracia e as soluções estão na rua de Valois. O ministro segue a cartilha.

Sabe escutar, todos os seus interlocutores o dizem. Faz muitas reuniões, retém dez ideias de cada encontro, está sempre ocupado, sempre disponível. E se nos gabinetes nunca se trabalhou tanto, ele próprio possui um entusiasmo que não conhece fronteiras. Sector público e sector privado, o Salão do pronto-a-vestir, a Feira do trono e a Gala da União, as «vernissages», os concertos, as idas e vindas constantes à província: ele está em todo o lado. A imprensa por vezes zanga-se; entretanto, se o ministro faz falar de si é para que se fale do que ele faz, no que ele está empenhado.

Furioso ao saber que Béjart renuncia à sua à sua escola de dança, sedutor quando pretende que os cineastas sejam mais épicos, contente ao falar das negociações que sabe conduzir, psicólogo astuto do não-dar-pon-to-sem-nó, Jack Lang regente, personalizando ao extremo o que constitui mais uma nova forma de agir que uma nova política. Por vezes, com efeito, apenas se continua ou aplica o que outros tinham já lançado ou decidido. Mas faz-se isso com finheiro e com ardor.

A Biblioteca Nacional, projectos monumentais, aumento das despesas em grandes máquinas como a Ópera e o Centro Georges-Pompidou: Paris e o prestígio pesam muito. Mas o natural de Nancy vela pela descentralização, pela regionalização. Literalmente, ele vela. Gaston Defferre desejava que os

créditos culturais fossem automaticamente distribuídos às instâncias locais. Nem pensar nisso, defendeu-se Jack Lang, não se vai atirar pela janela somas que não seriam necessariamente afectas à cultura, para pagar uma segunda vez se os artistas forem esquecidos pelas altas instâncias.

Antes do Verão, foram assinadas convenções com todas as regiões. Há também acordos com cidades como Grenoble. Por outro lado, os encargos das colectividades locais baixaram, as associações foram apoiadas, as casas de cultura de novo recuperadas. Finalmente a 15 de Março contava-se com a criação de mil e seiscentos e setenta postos de trabalho (técnicos de espectáculo, gerentes, animadores, actores, etc.); fundou-se uma associação de ajuda à gestão das empresas culturais e prevê-se uma «rede nacional para organização do mercado do emprego».

É longa a lista das iniciativas tomadas ao longo deste único ano... Não esqueçamos as relações com as «minorias» (convenção com o exército, desenvolvimento da leitura no meio hospitalar e nas prisões) e com os quarenta e quatro ministros que, a seus olhos, são outros tantos «ministros da cultura»: foram lançadas operações não só com Ralite e Hernu mas também com Le Pensec, mas, sobretudo, com Chevènement, onde se encontram muitas vezes «as pessoas úteis». Trata-se de integrar a tecnologia», diz-se no ministério.

Estes contactos implicam milhares de pessoas, desde o cantor ao etnólogo, do técnico de informática ao explorador, do escritor exilado ao fabricante de violinos, do coleccionador ao director de festival. Ver-se-á a mais longo prazo onde estão as obras, onde está o público. Enquanto se espera, a cultura mexe, é amada, festejada. Nada lhe falta.

LIVRO

Sinal dos novos tempos: desde a vitória de Mitterrand que não se vira ainda tantos homens de letras nos ministérios. Logo que foi eleito, o presidente da República fez acelerar os processos de naturalização do escritor argentino Julio Cortazar e do checo Milan Kundera.

Finalmente e sobretudo, a partir de Agosto, o Parlamento alterou a legislação sobre o preço de venda dos livros, seguindo o «compromisso formal» assumido pelo candidato ao Eliseu. Revogou a resolução Monory que remetia para os livreiros o cuidado de fixar o preço de venda dos livros, permitindo assim a livre concorrência e descontos importantes prejudiciais à rede dos livreiros. De agora em diante, são os próprios editores que fixam o preço de venda, têm de o imprimir na obra e é proibido aos livreiros praticar descontos de mais de 5 por cento. Jack Lang pediu um prazo de dezoito meses para avaliar os efeitos — inflacionistas ou não — da lei nova, que tem pelo menos o mérito de fixar ao livro um preço único (com apenas uma



oscilação de 5 por cento) em todo o território.

Ao contrário do seu antecessor, Jack Lang preocupou-se vivamente com a situação das bibliotecas públicas, votadas ao ostracismo. Só para este sector o orçamento subiu 219 por cento em 1982. Foi decidida a criação de dezassete bibliotecas centrais com as quais se conclui a cobertura do território começada em ... 1945.

Depois do Verão o ministro da Cultura encarregou a comissão Pingaud-Barreau dum relatório sobre o livro e as bibliotecas públicas em Janeiro último. Toda uma série de medidas na

maioria inspiradas nesse relatório, foram lançadas, por todo o lado, sempre com a preocupação constante de descentralizar. Por exemplo, sob a batuta do novo director do Livro, Jean Gattegno, a criação duma cooperativa de distribuição, a informatização da edição, da livraria e das bibliotecas públicas, uma política de exportação voluntarista do livro, estão em estudo.

A criação e os autores também não foram esquecidos. Os contributos do Centro nacional das letras a favor dos escritores, nomeadamente, progrediram

(+ 63%) em número e em volume, o mesmo acontecendo com as subvenções à vida literária (boletins, revistas, colóquios, etc). Uma missão encarregada de melhorar o regime fiscal e a inserção dos escritores na rede sociocultural deverá apresentar as suas conclusões no Outono, etc.

Este ataque com grandes meios em todas as frentes da leitura deverá ter resultados importantes antes do fim da legislatura. Quando chegou à rua de Valois, a gente do mundo do livro viam em Lang um homem essencialmente interessado nas

artes do espectáculo. Ficaram felizmente surpreendidos... B. A.

Teatro

Quando chegou, Jack Lang encontrou uma situação no Teatro particularmente deteriorada, com um sector público exangue, reduzido a uma produção retardada, donde resultava um desemprego generalizado e, por reacção, a proliferação de «companhias» à procura de apoio. Jack Lang nomeou Ro-

bert Abirached para director do teatro e deu-lhe, para gerir, um orçamento crescente de 85,6 por cento.

O ministério recupera a organização — embora reconhecida como anacrónica e ineficaz, — do sector público. Procura melhorá-la, criando novos postos de inspectores e estudando a possibilidade de reunir comissões regionais; subvencionando salas que devem oferecer às companhias regionais: salas que devem oferecer às companhias «sem comissão» condições profissionais de trabalho; ao reorganizar a comissão de ajuda à criação e ao aumentar o seu orçamento; atribuindo meios e um estatuto — mais adequado que o dos centros — a personalidades como Bernard Sobel em Gennevilliers, Anne Delbee em Angers, Jean-Claude Penchenat nos arrabaldes-sul.

Por outro lado, o ministério facilita a renovação de acordos feitos com o governo anterior: em primeiro lugar, na designação de novos directores para os centros dramáticos, depois, na transformação de certas casas da cultura: por exemplo, a de Grenoble, sob a direcção de Georges Lavaudant; a de Nanterre — actualmente em negociações — onde Patrice Chereau deverá implantar estruturas completamente novas.

C.G.

Música

No que respeita à música, o primeiro ano do septenato foi sobretudo de esperança, graças ao aumento considerável do orçamento (+ 67 por cento) que permitiu a salvação de instituições ameaçadas (tais como a «Orchestre des Pays de la Loire» e a da Ilha de França), uma revalorização séria de certas dotações (+ 115 por cento para os teatros líricos regionais e as companhias de ballet, + 51 por cento para o ensino da música) e a criação de novas estruturas, no domínio da pesquisa, do jazz, variedades, por exemplo, que pouco a pouco darão os seus frutos.

Entretanto, datando a nomeação do director da música, Maurice Fleuret, apenas do fim de Outubro e a primeira declaração ministerial de 3 de Fevereiro, as transformações das instituições musicais pertencem ainda mais ao domínio dos projectos que das realizações. Projectos muitas vezes grandiosos, como a criação de uma nova Ópera na Bastilha (a situação do Palais Garnier deteriora-se cada vez mais, um ano antes de chegar um administrador enérgico, Bogianckino) ou a de uma «cidade da música» em Villette, incluindo um vasto auditório e um novo Conservatório Superior. Finalmente, grande número de comissões estuda a situação da jovem dança. — J. L.

Cinema

A lei dos audiovisuais contém uma das linhas de força da re-

forma exposta por Jack Lang a 1 de Abril: o fim dos grupos e acordos de programação actuais. A medida visa os três grandes circuitos Gaumont-Pathé, U. G. C. e Parafance. Igualmente transparece na lei a preocupação do ministério de proteger as obras cinematográficas (nomeadamente no que toca a difusão por cabos), Jack Lang faria a este propósito uma emenda.

Conseguiu-se uma modificação dos cadernos de encargos da televisão: o montante das somas consagradas à co-produção por TF 1 e A 2, com aumento de 30 por cento, será fixado em disposições anuais. Em matéria de difusão vai prestar-se uma atenção muito particular ao terceiro mundo e aos filmes de produtores e distribuidores independentes.

A comissão de controlo, que aguarda uma modificação regulamentar, foi rejuvenescida e «feminizada». Além dos representantes mais jovens dos ministérios, uma dúzia de espectadores entre 18 e 25 anos toma lugar nas reuniões a título consultivo.

A exportação, a formação e o auxílio à criação, a descentralização, são outros tantos sectores reforçados. Foi também criado o conselho nacional da cinematografia. A cinemateca, de agora em diante dirigida por André-Marc Delocque-Fourcoud (relator da missão Bredin) e presidida por Costa-Gravas, deverá também vir a ter as suas actividades desenvolvidas e apoiadas.

Artes Plásticas

Favorecer a criação, conseguir a descentralização, é sobre esses dois eixos que se apoia uma nova política das artes plásticas que, depois de 10 de Maio, não parece ainda muito claramente definida e está por executar, enquanto que uma certa indecisão paira sobre as estruturas que conviria adoptar.

Vai haver um Centro nacional das artes plásticas? Se houver, que produzirá e quais as relações com a direcção das artes plásticas pedida para 1983? E que se vai passar nas regiões, em torno dos conselheiros artísticos que deverão fazer a ligação com Paris e cujos lugares permanentes estão prestes a ser atribuídos?

Tudo o que de momento se pode dizer é que, além do importante aumento dos créditos, nomeadamente para a compra de obras de arte e formação artística, tanto em Paris como na província, a decisão presidencial de não incluir as obras de arte no imposto sobre capitais é de longe a medida mais positiva. Sem contudo dar a compradores e coleccionadores a segurança que se esperava, constitui uma das condições básicas da manutenção da vida artística no país. — G. B.

Os estaleiros do presidente

É ainda muito cedo para fazer um verdadeiro balanço dos grandes estaleiros «culturais» decididos pelo presidente da

República: exigem tempo e continuidade nas ideias para serem realizados. Mas pode-se pelo menos recordar a lista dos projectos tal como foi oficializada por um comunicado do Eliseu depois de Jacques Chirac, «maire» de Paris, ter sido pessoalmente dele informado a 11 de Fevereiro.

Paris, que deseja acolher a exposição universal de 1989, alberga com efeito a maior parte dos «grandes estaleiros», ainda que estejam previstas algumas criações para a província (dança em Marselha, fotografia em Arles, música em Lyon, banda desenhada em Ahgoulême...).

A criação do museu do XIX século, em fase de instalação na antiga estação de Orsay e o museu da ciência e da técnica em La Villette, tinha sido decidida durante o septenato anterior. A sua realização continua com orientações novas para Orsay, que deverá dar bastante espaço à história social e não ser apenas um museu de pintura e de escultura. Em La Villette, a equipa nomeada continua em funções para o museu, mas o projecto teve que ser repensado por causa do parque «urbano» que ocupará 30 hectares e a criação de uma «cidade da música».

Por outro lado, foi suspenso o programa previsto para o bairro da Défense, depois relacionado sobre outras bases: em lugar de 100 000 metros quadrados de escritórios instalados nos prédios em leque desenhados por Jean Willerval (laureado pela última conferência organizada em 1980), o governo deseja a criação de um «equipamento público» que deveria ser um «centro da comunicação» cuja concepção foi confiada a Serge Antoine. 60 000 metros quadrados de escritórios serão construídos e para eles serão transferidos dois ministérios (o Urbanismo e o Ambiente). Tal projecto fora já anunciado — depois abandonado no tempo de Giscard d'Estaing.

A construção do instituto do mundo árabe num terreno para desportos na rua da «Fédération» (15.^o) provocara uma viva polémica entre a Cidade e o Estado: foi proposto um novo terreno próximo da Faculdade das Ciências de Jussieu bem como uma nova equipa de arquitectos designados após rápida consulta.

Foram lançados projectos completamente novos: construção de um teatro de ópera «moderno e popular», na Praça da Bastilha (no local da estação) e de uma sala para a música rock, na porta Bagnolet; reconstrução do Teatro do Este parisiense; mudança do Ministério das Finanças para o bairro da estação de Lyon, para libertar o palácio do Louvre e aumentar o museu.

Estão em preparação vários concursos de arquitectura: internacionais (parque de La Villette, na Primavera, a Défense, no Verão, a Ópera no Outono) e reservados aos franceses (Ministério das Finanças).

As previsões financeiras para estes diferentes trabalhos estão em curso de avaliação: não poderão ser inferiores a uma dezena de biliões de francos.

Exclusivo Le Monde
/«Diário de Lisboa»

Música em Portugal: o que há para ouvir

Continuação da pag. 1

-familiaridade, mais até do que da indiferença, porventura até mesmo de preconceitos (ideias «feitas», e negativas) do público português (o interessado por estas coisas) em relação à música dos seus (nossos) compositores.

Compreende-se. Entre as virtudes que as pessoas não estão devidamente instruídas e educadas para cultivarem sem complexos, figura certamente a de apreciarem as coisas de maior elevação que fazem os seus compatriotas.

No tocante à música, a compositores — haverá certamente muito melhores, mas também deveria haver um princípio de identidade, digamos, nacional, a que não se fosse de todo indiferente.

Aqui as gerações mais novas estão a descobrir, nos últimos anos, uma realidade que pode parecer ridícula, mas talvez não: o chamado «rock português».

Por outro lado, e agora respeitante ao público em geral, que não gosta ou julga não gostar de música de arte, é preciso considerar o seguinte.

Não sendo Portugal um país de assinaláveis tradições neste domínio, foram muito mais graves do que noutros países (noutros sociedades mais desenvolvidas) os efeitos produzidos pela industrialização da música ligeira e por toda a acção dos meios de massa, nomeadamente a rádio e (sobretudo) a televisão. Mas também pela imprensa. Se a nível da rádio (e de parte a RDP 2 — com as suas limitações, também certamente significativas) e da televisão os efeitos terão sido mais rápidos, e mais espectacularmente catastróficos, — não podemos esquecer-nos de que também os jornais têm feito os possíveis para ir acompanhando, a reboque, o processo. E é assim que qualquer analfabeto tocador ou cantador (se não até mesmo compositor), de ouvido, como se costuma dizer, tem hoje em dia honras de primeira página, quando lhe sai um disco, ou está para sair, ou vai aqui e ali tocar ou cantar, ou muda de grupo, ou de partido, ou vai à sessão, ou não vai, afinal, e tem a fazer uma qualquer declaração sobre isto e aquilo — e sempre assumindo a sua qualidade de artista, evidentemente, criador. Grande criador. Grandes criadores.

A confusão é grande e parece que ninguém tem aí responsabilidade alguma. Os jornalistas, por exemplo, podem alegar que os jornais falam daquilo que o público leitor quer que se fale. Todavia, e talvez mais do que a rádio, mais, evidente, do que a televisão, a Imprensa tem — pensa-se — certa missão pedagógica de que não deveria demitir-se.

O que há para ouvir

Para alguém que vivesse alienado das realidades do sistema da indústria, do quotidiano, e do carácter de contrafacção que a vida e a existência de cada um e de todos vai apresentando com uma monstruosidade cada vez mais indistigável, parecerá estranho que um cantor de rock em Portugal se torne «disco de ouro» e um tocador de viola eléctrica «disco de prata», por

venderem 30 mil discos, 20 mil discos, num ano, — enquanto uma tiragem de 1500 exemplares dum disco com música de Lopes Graça (e de Beethoven?; e de Mozart?; e de Ravel?) não se esgota ao fim de um ano, dois anos, três anos, ou mais — e embora por vezes custe a dir-se-ia simbólica quantia de 167\$50, ou, custando mais, nem por isso tanto quanto um disco qualquer como o de um conjunto português de rock (português) de que ainda recentemente se leu que tinha vendido 15 mil em três dias.

Falemos da Discoteca Básica Nacional, que tem os preços mais baratos que há no mercado discográfico português dos últimos tempos.

A série começou sensivelmente há dois anos com a sinfonia «A Pátria», de Viana da Mota. Seguiram-se «História Trágico-Marítima», de Fernando Lopes Graça; «Três Esboços Sinfónicos», «Elegia a Viana da Mota» e «Variações Sinfónicas sobre um Tema Alentejano», de Joly Braga Santos; «Sinfonia n.º 4», de Luís de Freitas Branco; «Impromptu» e «Degrées pour un voyage», de Emanuel Nunes; «Elegia a Amílcar Cabral», de Jorge Peixinho; «Obras para piano», de Bontempo (três discos); Canções sobre textos de Baudelaire, Maeterlinck e Antero de Quental, de Luís de Freitas Branco; «Evocações», «To Love and Peace» e «In Memoriam de Pedro de Freitas Branco», de Álvaro Cassuto; «Quarteto de Cordas n.º 1», «Catorze Anotações» e «Suite Rústica n.º 2», de Fernando Lopes Graça; «Canto Eucuménico», mais «Litania» e «Homo Sapiens», de Luís Filipe Pires; «Sinfonia n.º 4», de Joly Braga Santos; «Dança da Menina Tonta» e «Suite Medieval», de Frederico de Freitas, e, por último, «Sonatas» para violino e piano e para violino e violoncelo, do mesmo Frederico de Freitas.

Não citamos outras referências, para não alongar. E seria importante a menção dos intérpretes. Baste dizer-se que cerca de metade das execuções são de portugueses, e cerca de outro tanto de estrangeiros. Trabalharam para aqui, por exemplo, sinfónicas como a da RDP, da Televisão Romena, de Ploiesti, e de Budapeste, maestros como Silva Pereira, Gyulya Nemeth, Carol Litvin e Álvaro Cassuto, violinistas como Vasco Barbosa e Leonor de Sousa Prado, pianistas como Nela Mayssa e Grazy Barbosa, um grupo como o Trio Debussy, de Paris. E algumas gravações (as de música electro-acústica) nem foram feitas em Portugal (onde não há equipamentos adequados), mas em França. Aparentemente (pelo menos, e por certo que também na realidade) houve a preocupação de apresentar trabalho de qualidade.

Parecerá excessivo, mas deve ser apenas elementar: não se falou grande coisa destes discos. Os autores (vivos, quase todos, e os mais deles em ascensão, em evolução, em actividade) e os intérpretes (os mais deles portugueses) foram chamados a falar, em público, nos jornais, na rádio, na televisão, a

propósito? Não vimos, não ouvimos, não lemos.

Entretanto, é preciso dizer-se que, das cerca de 40 peças incluídas nos 16 discos publicados, algumas são referências capitais na história da música portuguesa, marcos fundamentais nos seus caminhos mais recentes, ou em datas já mais afastadas — mas, de qualquer modo, de uma qualidade que não as impede de estarem ainda hoje vivas.

A situação não parecerá tão desanimadora se nos lembrarmos de que os quatro primeiros lançamentos, todos de 78, e feitos com tiragens de 1500 exemplares, se encontravam esgotados em fins de 81, e dos primeiros dois já circulavam segundas edições, tiragens de mil.

É ainda tudo, excepto, desanimador que o plano da Discoteca Básica Nacional se mantenha. Por todo este ano deverão sair pelo menos mais três novos discos, com peças de Luís de Freitas Branco (dois) e Cláudio Carneiro. E discos com obras de Bontempo, Michel Giacometti, Jorge Peixinho e Cláudio Carneiro estão já em preparação.

Enfim, é preciso considerar, antes de mais, que a própria criação duma Discoteca Básica Nacional era uma necessidade urgente. A inexistência disso — um absurdo escandaloso, reflexo da situação de catástrofe, do estado catastrófico que caracterizava (e ainda caracteriza, em muito) a situação cultural portuguesa — surpreendia qualquer estrangeiro interessado. Na verdade, Portugal deveria ser um dos poucos (senão mesmo o único dos) países europeus onde não existia isso de uma Discoteca Básica Nacional, nem algo que se parecesse com isso, à disposição de qualquer estrangeiro interessado, estudioso ou simples curioso.

Aliás, neste momento, parece não haver no mercado gravações de obras dum Carlos Seixas. É um exemplo. Haveria muitos mais a citar.

E certamente que ninguém esperaria que um Lopes Graça fosse «disco de ouro», Jorge Peixinho «disco de prata», ou que um Joly Braga Santos vendesse em três dias 1500 exemplares que se tiraram do disco com a sua «Sinfonia n.º 4».

Importa é distinguir a criação (e passe o termo, com as suas conotações) da produção, a arte do negócio, o trabalho empenhadamente estético e poético do fabrico de produtos para o consumo rápido e fácil, a música a sério da indústria do som para comercializar.

Até haveria (deveria haver, inevitavelmente) lugar para tudo, fundamentalmente, para as duas coisas. Sucede é que á um sector que está a ter cada vez menos lugar, porque o outro lho ocupa.

Não faltará quem pense que é assim hoje em dia em qualquer parte do mundo, não só em Portugal. Não deixa de ser assim, nem quer dizer que deveria ser precisamente ao contrário. O problema é outro. E, como tantos outros, problemas, põe-se em Portugal como não se põe tanto em tantos outros países.

Luís de Miranda Rocha

PROMOÇÃO

Normal desde
90\$00
o rolo

**PAPÉIS
DE
PAREDE**

O colorido sonhado
os desenhos tantas
vezes imaginados,
a variedade a qualida-
de. Enfim, e mesmo
uma promoção de sonho

Vinílico desde
200\$00
o rolo

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5897, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Azambuja, de um novo troço da linha aérea a 30 kV n.º 109/R-44 (antiga n.º 108/R-36) para o P.T. n.º 1379-C da Sociedade Agrícola da Fonte do Pinheiro, Lda., na Quinta da Fonte do Pinheiro, na Vila de Azambuja, com 272 metros, entre os postes n.º 2 e n.º 4 da referida linha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 23 de Abril de 1982

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



Caminhos de Ferro
Portugueses Informação

NOVO SERVIÇO COMBINADO EM LIGAÇÃO À ESTAÇÃO DE ALBUFEIRA

MERCADORIAS

Em 1 de Março p.º passado, entrou em vigor um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, entre a estação de Albufeira e os Domicílios de Albufeira, Alcantarilha, Boliqueime, Ferreiras, Paderne, Pera, Almansil, Alvor, Armação de Pera, Estói, Faro, Ferragudo, Lagoa, Lagos, Loulé, Olhão, Olhos de Água, Patação, Poço de Boliqueime, Portimão, Praia da Rocha, Praia do Carvoeiro, Quarteira e Vila Moura, a cargo da Rodoviária Nacional.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações do Caminho de Ferro e Despachos Centrais de serviço combinado passaram a efectuar expedições para aquelas localidades, assim como, nas mesmas se aceitam despachos para qualquer estação do caminho-de-ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

MUNICÍPIO DE SESIMBRA ASSEMBLEIA MUNICIPAL EDITAL

AURÉLIO DE SOUSA, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SESIMBRA:
FAZ PÚBLICO que, no cumprimento do n.º 5 do art.º 69.º da Lei n.º 79/77, de 25 de Outubro e nos termos da deliberação da Assembleia Municipal tomada em sessão ordinária de 29/4/82, no Salão do Externato de Santa Joana, se convidam as entidades abaixo indicadas, a designarem os seus representantes para membros do Conselho Municipal até ao dia 31/5/82, de acordo com o estipulado no n.º 6 do art.º 69.º da Lei supracitada.

Deliberação:

-Nos termos e para efeitos do n.º 2 do art.º 69.º, da Lei n.º 79/77, de 25 de Outubro, a Assembleia Municipal deliberou dar a seguinte forma à constituição do Conselho Municipal:

Liga dos Pequenos Armadores	2
Industriais de Extração de Pedra e Construção Civil	1
Comerciantes	1
Indústria Hoteleira	1
Outras Indústrias (Oficinas, Fábricas de Gelo, Tipografia, etc.)	1
Cooperativas Consumo (Hora H e Força do Povo)	1
Cooperativas de Habitação (Cooperativa de Habitação Económica Chezimbra e Cooperativa de Habitação Económica União Trabalhadora Zambujalense)	1
Casa do Povo	1
Bombeiros	1
Saúde Local (CISSL)	1
Ensino (Especial e Geral)	1
Creches e Jardins de Infância (Externato Santa Joana, Cooperativa «Hora H», Centro do Zambujal e Centro Paroquial da Corredoura)	1
Sindicato dos Pescadores	2
Sindicato da Indústria Hoteleira	1
Sindicato da Construção Civil	1
União dos Sindicatos de Senúbal	2
Bancários	1
Sindicatos Escritórios	1
Seguros	1
Comissão Trabalhadores (Hotel Espadarte, Hotel do Mar, Rodoviária, e Francisco Sanchez)	2
Trabalhadores do Município	1
Comissões de Moradores	1
Comissões de Aldeia	1
Sociedade Musical Sesimbrense	1
Grupo Desportivo de Sesimbra	1
Grupo Desportivo de Alfarrim	1
Associação Cultural Zambujalense	1
Associações Culturais, Recreativas e Desportivas da Quinta do Conde (Associação de Desenvolvimento da Q. do Conde, Os Leonenses, Os Condenses e Grupo Desportivo e Cultural do Conde II)	1
Outras Associações Culturais, Recreativas e Desportivas de Sesimbra (Sociedade Santanense, Associação Cultural e Desportiva União Azoria, Sociedade Recreio Sesimbrense, Clube Naval de Sesimbra, Associação Numismática e Filatélica Sesimbrense, Centro de Estudos Culturais Raio de Luz)	1

31

Para quaisquer esclarecimentos contactar os Serviços de Apoio à Assembleia Municipal (Secretaria da Câmara Municipal de Sesimbra).

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Sesimbra, 3 de Maio de 1982

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,
AURÉLIO DE SOUSA



Caminhos de Ferro
Portugueses

ENGENHEIROS CIVIS

Os CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P., pretendem admitir para os quadros efectivos ENGENHEIROS CIVIS (Ramos Urbanização e Transportes e Estruturas) na área de Lisboa.

CONDIÇÕES EXIGIDAS

- Licenciatura em Engenharia Civil
- Idade até 35 anos
- Serviço Militar cumprido ou dele isento

OFERECE-SE

- Remuneração adequada
- Estabilidade de emprego
- Possibilidades de acesso na hierarquia da empresa
- Regalias de transporte em caminho-de-ferro, extensivas a familiares
- Outras regalias sociais

Os interessados poderão apresentar as suas candidaturas até 21/5/82 acompanhadas de «curriculum» detalhado, directamente ou por escrito ao

SECTOR DE RECRUTAMENTO DA CP
Calçada do Duque, 20
1294 LISBOA CODEX

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar a contar da segunda e última publicações do anúncio.

Execução de sentença n.º 22/80 — 2.ª Secção.

Exequente: PAGOL — SOCIEDADE DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS, LDA, com sede na Rua Almeida e Sousa, 60-1.º, em Lisboa.

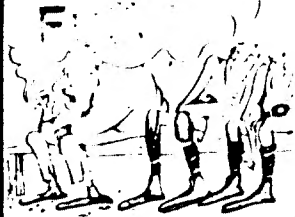
Lisboa e 9.º Juízo do Tribunal do Trabalho, 4 de Janeiro de 1982.

O JUIZ DE DIREITO,
Ass. António Luís Soares de Andrade

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Ass. António Poças da Cruz

NÃO
FUME

EM RECINTOS
FECHADOS



Precisa-se

Secretária-Dactilógrafa. Português
— Inglês — Francês. Competente.
Trabalho temporário. Telefonar
para 68 41 57 — URGENTE.



Entre a vida
e a morte
o SANGUE
pode decidir

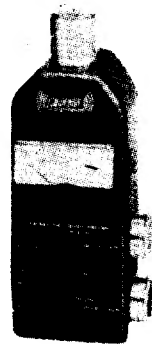
Audiómetros
Impedancímetros
Cabinas Audiométricas
Instrumentos de Reeducação
Próteses Auditivas

Informações e Pedidos a:

Casa Sonotone

Poço do Borratém, 33 S/L — 1100 LISBOA
Praça da Batalha, 92-1.º — 4000 PORTO

Telef. 868352-865978
Tel. 315602



Representamos:
QUALITONE
MAICO
PHONAK
AMPLISILENCE
TELEDYNE AVIONICS
PHONIC EAR
HANSATON

SÁBADO, 15 DE MAIO DE 1982

Sete Ponto Sete **Sociedade**

Jorge Lima Barreto: Um terrorista da cultura

A PÓS a aventura de três anos e meio nas Américas, Jorge Lima Barreto regressou. Quase na mesma: sempre polémico, sem papas na língua, pronto para o estribilho. Saiu daqui, em 1978, porque estava «a cair na estabilização». A perder, portanto, qualidades. «Qualquer dia ainda acabava ministro», diz. Licenciado em História, leccionava, na Faculdade de Letras do Porto, as cadeiras de Ciências Humanas, Estética e Crítica da Cultura. Às tantas chateou-se e deu o fora. Uma das causas que o levaram a abandonar uma carreira promissora foi a impugnação da sua tese de doutoramento por parte do Conselho Científico, constituído por «fascistas medíocres» que alegaram não ser o tema «Epistemologia da Música», escolhido por Jorge Lima Barreto, próprio para aquela Faculdade.

«Uma sacanagem. Estive para metê-los em tribunal mas prevendo que ia perder a causa, desisti. Entretanto decidi dar uma volta na esperança de que as coisas entretanto mudassem...»

— E a tese?

— Foi publicada sob o título de «Musicónimos» (ele adora os nomes esquisitos) com um prefácio de João Freitas Branco. A maior parte dos doutores fazem para aí umas teses que não servem para nada e que não atingem ninguém...

— Que tal a experiência das Américas?

— Bem... o Brasil, onde estive a maior parte do tempo, foi uma experiência magnífica. Conheci tudo: desde a música electrónica ao jazz. A música popular brasileira revela-se cada vez mais decepcionante. Quer seja de esquerda ou de direita está perdida e comercializada sem vincular qualquer sentido ideológico subversivo.

— Nem o Chico Buarque escapa a essa crítica?

— Claro que não. Ele sempre foi um mau músico. A conotação da música no Brasil é diferente daqui. Há sempre uma enorme repercussão da palavra dos músicos sobre as massas, o que provoca o seu endeuamento. Isso acontece nas sociedades tribalizantes. No nosso País o gosto é muito mais partidarizado. Tu gostas deste, eu gosto daquele e até nos zangamos por causa disso...

— E a chamada música erudita?

— É praticamente desconhecida no Brasil. As salas de concertos estão às moscas. Um deserto.

Jorge Lima Barreto, trinta e dois anos, signo do Capricórnio, antes de se radicar temporariamente em Nova Iorque percorreu a América Latina de ponta a ponta. Apanhou duas revoluções em La Paz e assistiu ao Carnaval indio de Ururu, na Bolívia. Adorou os Andes onde esperou a cada momento que aparecesse um extraterrestre, tal a irrealdade de tudo aquilo.

— Nova Iorque é a cidade mais avançada do mundo. Ao nível cultural, então, é demais. Em relação a Paris, todavia, funciona como Roma a olhar para a Grécia no tempo da Antiguidade. Tem tudo mas falta-lhe as infra-estruturas histórico-culturais para suportar a sua superioridade tecnológica.

— Há quem diga que a Europa se tornou um museu da cultura...

— Acho que a cultura viva, a que mexe está nos Estados Unidos. A Europa não conseguiu ultrapassar os conceitos de civilização do século XIX. Mas... convém não esquecer que todos

os grandes intelectuais americanos buscam referências na Europa que para eles ainda funciona como o grande mito.

— No campo da música com que deparaste?

— Não gostei nada do ambiente do jazz. Estão mortos. Só pensam em dinheiro e fama. Os músicos negros já esqueceram o problema do racismo. Os grandes músicos tornaram-se vedetas e os que não são grandes músicos lutam pela sobrevivência dentro do sistema de concorrência americano.

Durante a sua estada em Nova Iorque, Jorge Lima Barreto viveu em casa de Jean Sarbib que actualmente é o contrabaixista do grupo de Cecil Taylor, o que lhe permitiu penetrar nos meios do jazz, conhecê-los de perto e, assim, avaliar a sua degenerescência. A surpresa, porém, veio do rock que se mantém cheio de saúde, fonte inesgotável de energia.

— Sempre gramei o rock mas tinha umas certas dúvidas. Não era uma tipologia musical que acompanhasse. Apercebi-me, em Nova Iorque, que os meios do rock eram muito mais subversivos que os do jazz onde as contradições estão muito mais apontadas. No rock respira-se uma situação de novo, mesmo no aspecto musical, sobretudo desde que surgiu a «new wave». Há grupos muito bons como os «Talkings Heads» e o caso do Eno que até já produziu um disco com o John Cage. Os Estados Unidos dão-nos uma lição quanto à ausência de preconceitos musicais, abrindo as fronteiras entre todas as músicas. Aqui ainda está tudo compartimentado.

«New Wave»... Tenho uma certa dificuldade em acertar as modas ditadas pela indústria do rock, interessado em vender este ou aquele fulano. Desconfio bastante das imagens do marketing. O novo, às vezes, não me diz nada, porque não possui atrás de si um suporte cultural. Daí que continue a achar que um Lou Reed, um Dylan, um Neil Young... os Pink Floyd ou os Rolling Stone nunca passam de moda porque são bons ainda agora e em qualquer parte do mundo. Adquiriram a universalidade...

— Não mudaram nada no que respeita a intervenção da criatividade. A «new wave» concilia uma manipulação técnica de estúdio e uma nova «performance». Documentei-me sobre

a música electrónica e até procurei escrever um livro sobre o assunto. Aliás sou um leitor apaixonado da ficção científica contemporânea também chamada «new wave».

Que tristeza!

Com tristeza e alguma raiva Jorge Lima Barreto conclui que, em Portugal, as coisas vão de mal a pior. Morre-se de tédio. Tudo soa a falso. Águas turvas que apodrecem. Um pântano em que nos enterramos lentamente. Os gestos sublimes iniciados no 25 de Abril, desvaneceram-se, restando deles apenas a memória. Vivemos sob o signo da esterilidade, das acções ineficazes e gratuitas que se fazem porque se têm de fazer.

— E uma tristeza ver o nosso País dirigido por indivíduos que nos tentam levar para o fascismo, que só pensam em controlar as pessoas, canalizá-las e estupidificá-las. Metem nojo. Quem viveu o 25 de de Abril nem acredita no que está a acontecer.

— Ainda te sentes um anarquista por dentro?

— A afirmação da personalidade pode levar um tipo a

Bolívia. Os órgãos de informação, sobretudo a televisão e a rádio, são dirigidos por tipos medíocres e senis que cumprem as ordens do poder económico e cultural. Choca-me, por outro lado, ver um agente da Pide num programa televisivo. De qualquer maneira, por enquanto, ainda não tive razão de queixa, apesar de ter verificado que continuam na informação ainda alguns pulhas a querer rastejar quem quer modificar isto...

— Qual a figura da revolução portuguesa (abortada) que recordas com carinho?

— Vasco Gonçalves, sem dúvida. Era um pouco anarquista e não um agente do K.G.B. como alguns lhe chamavam.

Parece mal não falarmos do «rock» português. Tão na berra, tão apadrinhado, tão à medida da nossa pequenez e do nosso ridículo. De súbito proliferaram os grupos, uns atrás dos outros, incaracterísticos, iguais, sem pretexto nem contexto, a despropósito. Insonso e assépticos, inscrevem-se na pobreza nacional.

— O único grupo legítimo de rock português é os «Heróis do



...Com Jean Sarbib, o jazz-off.



... Com Victor Rua, o rock «new wave».

Deveria sair rapidamente daqui. Foram também convidados para fornecer elementos sonoros, que depois serão trabalhados em estúdio, os músicos Carlos Paredes, Jorge Peixinho e Zíngaro.

— Abandonaste o jazz, teu velho amor?

— Não é isso... mas sucede que não vi nada de novo no jazz nestes últimos três anos. A sua divulgação continua cada vez mais reaccionária, submetida às directrizes da Rádio e da TV. Basta ver o programa de Raul Calado, um homem que até percebe de jazz e que no entanto só passa músicos brancos...

— E a música de intervenção?

— Deixou de ser intervenção porque não há nada para intervir. É coisa de partidos... Música ligeira.

— Mesmo Zeca Afonso?

— ...Gostei que ele tolasse a cantar fados de Coimbra.

— Música erudita?

— O panorama nesse campo apresenta-se muito grave. A Gulbenkian e os detentores do poder afastam as massas e, particularmente, a juventude. Só pensam na defesa dos seus tachos. Fomentam um elitismo absolutamente irrelevante na nossa cultura.

— Guerra das Malvinas?

— Estive lá perto e gostaria de lá ter ido. Agora já lá não ia. O que é aquilo? Um confronto entre o fascismo argentino e o colonialismo inglês. Nada tenho a ver nem com um nem com outro.

— Espectáculo político?

— Degradante. As pessoas já não acreditam em ninguém. As ideologias estão todas dissolvendo-se. A social democracia tomou conta da política. Isto tanto vale para a esquerda como para a direita. É óbvio que a planificação cultural que daí resulta recai sobre favoritismos ideológicos que prejudicam qualquer tipo de projecção da criatividade.

— Cinema português?

— Gostei apenas dos filmes com o Vasco Santana. Hoje o cinema desgosta-me porque começou a enveredar por um realismo psicológico que oculta a alegria do povo português. São filmes chatos que parecem feitos por suecos pobres.

— Vinda do Papa?

— Se ele conseguir revelar o terceiro segredo de Fátima antes da saída do meu livro, acho bem. De outra maneira será apenas uma visita decorativa. Vi o Papa no Brasil achei que foi um grande espectáculo. Um óptimo actor. Fez uma grande ego-trip. Mas aqui é tudo pindérico desde o cardeal à padralhada...

Jorge Lima Barreto faz parte da organização do Festival de Vilar de Mouros, que se realiza entre 31 de Julho a 8 de Agosto. Uma das suas preocupações é trazer a Portugal «o máximo em rock e jazz do ano de 82» e dentro de um processo de contratação que exclua os intermediários. Tudo indica, pelo menos Lima Barreto supõe, que venham os «Rip, Riban Panic», os «New Order», os «Pig Bag», os «Durruti Columin», os «Gist» e os «Madness». Do jazz foram contactados dois grandes nomes: Don Cherry e Sun Ra. O rock português também vai estar representado com os Heróis do Mar e os GNR. Estão previstos ainda Rão Kyao, Jean Sarbib e Zíngaro, figuras nacionais cuja qualidade é indiscutível.

— Planos futuros?

— Livros. Vou publicar a «Anarqueologia do Jazz» em quatro volumes, com 2500 páginas, uma espécie de «Totus Tuum». Acabei de escrever «Rock Droga» e um livro de contos de ficção científica em que é revelado o terceiro segredo de Fátima. Espero que o Papa não se aborrecer...

Jorge Lima Barreto: um iconoclasta? Um exhibitionista? Seja o que for. Ele provoca, agita, coleciona inimigos. Está vivo.



Jorge Lima Barreto com Rui Reininho, a música experimental.

afirmar-se anarquista. Depois pode descobrir-se em ácido sulfúrico ou num partido. Para mim há duas espécies de anarquismo com que identifico: o da acção terrorista e o da intervenção cultural. Não sei como se põe uma bomba... portanto assumo o outro.

— Vais votar nas próximas eleições?

— Não sei o que isso é. Não dou qualquer significado ao voto a não ser para manipular as massas. Aliás não faz parte de um critério anarquista e nem sequer de um marxista...

— Que pensas dos órgãos de informação?

— São asquerosos. A nossa televisão é mais fascista que a da

— Consta que vais gravar um disco com um dos elementos do grupo GNR...

— Trata-se de um duo com o Victor Rua, líder do GNR e um excelente músico. Tão bom que até se está a perder neste país.

Notícias da BD

«Jornal da BD»

De periodicidade quinzenal e ao preço de 30 escudos, nasceu uma nova publicação de quadrinhos.

A opção parece-nos sem grande futuro, pois o investimento encontra um espaço já saturado por outra publicação com apenas 15 anos de experiência, o Tintin.

Depois, este nupe de heróis não apresenta qualquer inovação: Astérix, Lucky Luke, Vaillant, Izogoud e um Valerian com doze anos, não são matéria-prima por aí além.

E aquele papel, que desgraça... («Jornal da BD» n.º 1, Edição Expresso-Libert).



«À Suivre» n.º 52

(À Suivre) soma e segue. O número de Maio já chegou às nossas mãos, apresentando os habituais autores: F. Murr (saída-se o regresso), Pratt (ainda não é este mês que o jovem Maltese faz a sua aparição nos quadrinhos), Altan (fim da narrativa apocalíptica), Comes (oitavo capítulo dessa maravilha chamada La Belette) e Régis Franc (e o seu Tonton Marcel).

Para além do correio, assinalando uma singular polémica em torno da proibição de Tardi e Pichard na biblioteca da RTP, reviste-se ainda um texto sobre Philip K. Dick, escritor americano de ficção científica muito conhecido na Europa, falecido em Março passado, e outro relativo à adaptação de Conan ao cinema.

E mais não dizemos. Leia a revista, que não se arrepende. (À Suivre n.º 52, Maio/82, Edição da Casterman).



«A Feira dos Imortais

O futuro, segundo Bilal, não parece muito risonho. Não apenas o futuro político, mas em todas as dimensões do viver colectivo e individual.

Sem a colaboração de Christin, desta vez, «A Feira dos Imortais» constitui ainda assim uma boa banda desenhada, do melhor que se publicou ultimamente no nosso país.

A «alquimia» resulta: junta-se a visão apocalíptica de Paris do ano 2 023, um ditador de perfil mussoliniano, o errar funesto de um destor, Bruno Ganz, condenado à congelção espacial, e



um painel de deuses envolvidos nas suas próprias quere-las. Com todos estes ingredien-

tes, esboça-se uma cosmovisão para consumo de terrestres, siderados com uma «plástica» de fabu-

loso efeito. E Baudelaire, de permissão. («A Feira dos Imortais», de Bilal, Editora, Meri-bérica).



Hans Kresse, o mestre holandês

Discretamente, a «Verbo» tem vindo a oferecer-nos uma das mais belas bandas desenhadas sobre os índios que já se produziram no continente europeu.

O seu autor é Hans Kresse, um holandês nascido em 3 de Dezembro de 1921, em Amsterdão.

«Histórias de Índios» são a resposta a uma proposta das «Edições Casterman», formada em 1973, para que realizasse uma série de álbuns inéditos narrando a história verdadeira da epopeia índia das tribos americanas.

Com entusiasmo, meteu mãos ao trabalho. Tarefa árdua, que o levou a descobrir a vida de uma família índia ao longo de sucessivas gerações, ao conhecimento das guerras tribais, à invasão espanhola, à miséria, mas também à perene prova de

amor do índio pelo seu cavalo.

Nada é esquecido nesta história verdadeira, apresentada até aos seus menores detalhes, dos dialectos às insígnias e aos costumes. Tudo está cuidadosamente estudado por este grande especialista do mundo índio.

Com a série, Kresse entrou definitivamente na galeria dos grandes autores de banda desenhada, ao lado de valores como Jijé, Hubinon, Poivet ou Gillon, para apenas falar dos mestres da BD de expressão europeia.

Começara, muitos anos antes, com uma adaptação de Tazan, aparecida em 1938 em «De Verkenner».

A grande oportunidade surgiu, porém, após o seu encontro com Marten Toonder, que reinava na BD holandesa, com «Tom Pouce», «Panda» ou «Cappi».

Ingressando nos estúdios To-

onder, inicia-se com «Eric, o homem do norte», uma saga que evolui no mundo povoado de «drakkars» e brumas. Entre 1954 e 1964, Eric vai viver 67 aventuras, que transformam o seu autor num verdadeiro escravo do herói.

As aventuras aparecem sob a forma de «strips» na imprensa diária, e mais tarde em álbuns que conhecem idêntico sucesso.

Kresse, que é antes do mais um ilustrador de grande talento, recusar-se-á durante muito tempo a introduzir balões nos seus desenhos. No entanto, com o tempo, verá o seu próprio estilo evoluir, e o grafismo estático do início transformar-se num desenho dinâmico e hábil.

Entre 1964 e um novo regresso aos «vikings» («Erwin, filho de Eric, o homem do norte»), apresentará outros heróis. Para a revista «Pep», sur-

gida em 1962, realiza numerosas ilustrações de capas, apenas surgindo em 1964 a primeira banda desenhada. Trata-se de «Zorro», em torno do célebre justiceiro mascarado. Muito bem acolhido pelos leitores de «Pep», a série é abandonada no ano seguinte, para vir a ser substituída por um outro personagem, «Vidocq», que constitui uma das mais espantosas criações de Kresse.

Como dissemos, regressaria a Eric e às terras brumosas anos mais tarde, em 1966.

E, desta vez, antecedendo as histórias de índios, surge, em plena maturidade, um Kresse a cores, dominando perfeitamente a técnica. E em histórias com balões, que parece ter desde sempre utilizado, tal o domínio que revela da arte de utilização.

Carlos Pessoa

Trovante em cinco espectáculos no Rio

Uma nova imagem da música portuguesa no Brasil

Os «Trovante», que se encontravam no Brasil desde o dia 24 de Abril, chegaram na passada quinta-feira a Lisboa. Conforme na altura noticiámos, o conhecido grupo de música popular portuguesa atravessou o oceano, a convite do Centro de Imigrantes Portugueses, para no Rio de Janeiro participar num espectáculo comemorativo do oitavo aniversário do 25 de Abril.

Para além deste espectá-

culo, no qual participaram grandes nomes da música brasileira (entre eles Ivan Lins e Paulinho da Viola), os «Trovante» estiveram presentes em mais quatro «shows», sendo o último no Teatro Clara Nunes, no Rio, onde o grupo esteve em palco mais de uma hora.

«Mulata» (instrumental) e «Balada das Sete Saias» foram dos temas que mais aplausos recolheram por parte do público brasileiro.

Aliás, foi a composição «Sete Saias» a escolhida, para integrar um «vide-disco» que no próximo domingo será passado no «Fantástico», o programa televisivo com maior audiência por aquelas bandas.

A presença dos «Trovante» no Brasil foi, na opinião de membros do grupo e de músicos brasileiros que acompanharam o seu trabalho no Rio, um importante contributo para aí divulgar o que por cá

se faz de novo no campo da música popular. É que, para a maioria do público brasileiro, apenas o fado e Roberto Leal são cartões de visita da música portuguesa. A música do Trovante foi assim uma surpresa para muitos, surpresa que provavelmente os apausos sublinharam ser bem acolhida.

O grupo voltará ao Brasil, em Julho, para aí tratar da edição do LP «Baile no Bosque».